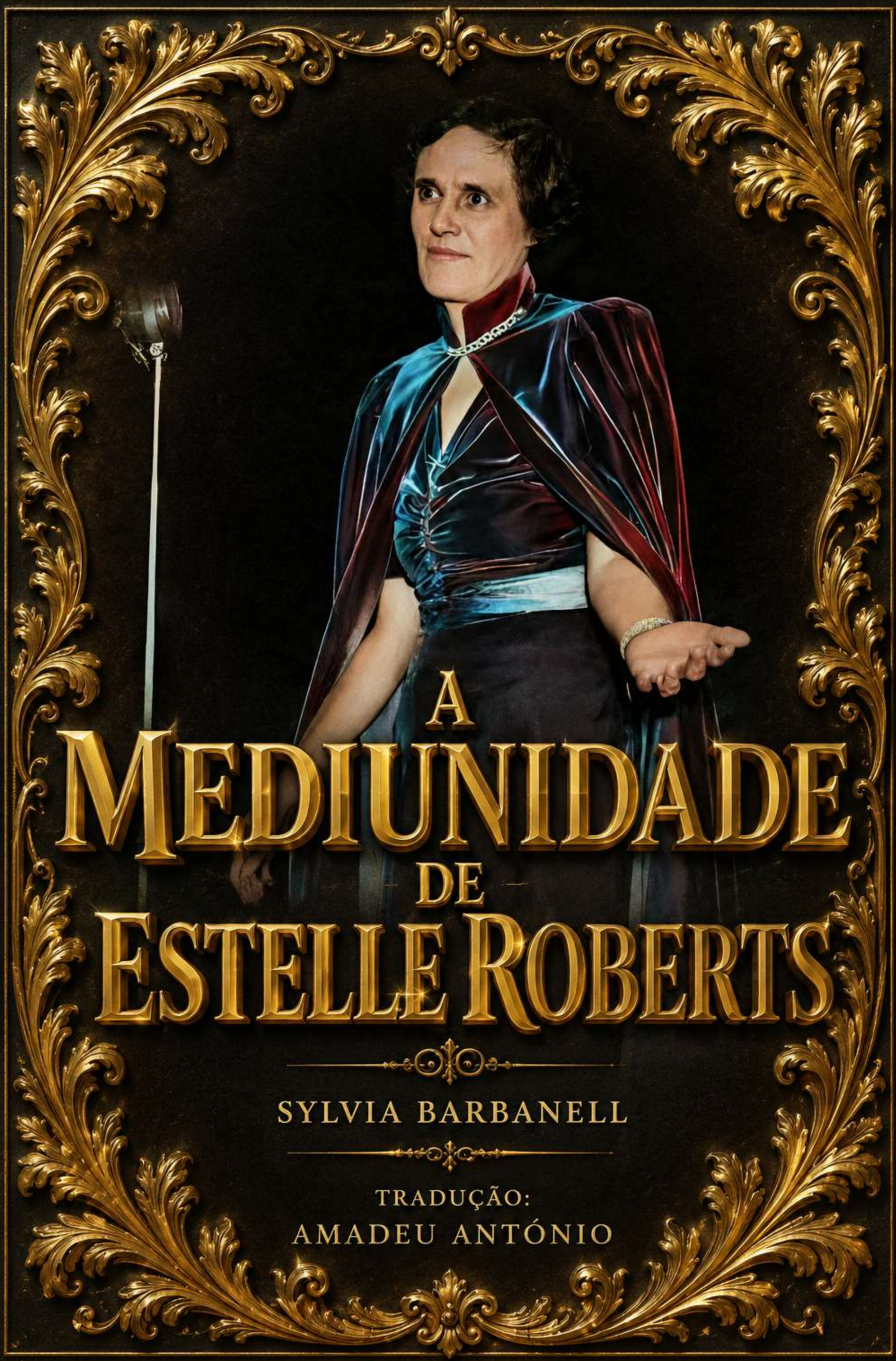

A MEDIUNIDADE DE ESTELLE ROBERTS

SYLVIA BARBANELL

TRADUÇÃO:
AMADEU ANTÓNIO

Sylvia Barbanell com o marido Maurice Barbanell

A MEDIUNIDADE DE ESTELLE ROBERTS

por

SYLVIA BARBANELL

"Acerca dos dons espirituais, irmãos, não quero que sejais ignorantes… há diversidade de dons, mas o mesmo Espírito… a um é dado… o dom de curar… a outro, o dom de discernir espíritos." – 1 Coríntios XII.

1944

CAPÍTULO I
O VIRTUOSO

O Royal Albert Hall estava cheio até à sua capacidade máxima, uma vasta assistência tendo-se reunido para ouvir a voz de uma mulher. A minha posição, logo acima da plataforma, permitia-me uma boa visão do interior desta famosa sala de concertos. Galeria, balcões e camarotes estavam apinhados, e a plateia mostrava um mar de rostos voltados para a intérprete. A atmosfera era elétrica, carregada com esse indefinível "algo" que está sempre presente quando uma multidão é mantida em suspense e expectativa.

A cena diante dos meus olhos fez os meus pensamentos derivarem, por um momento, para outras ocasiões em que tinha estado presente no Royal Albert Hall. Sob a cúpula de vidro do famoso marco londrino, sentei-me, enlevada, com a música de compositores imortais interpretada por artistas de reputação internacional. Maravilhei-me com a virtuosidade exibida por violinistas célebres, e prendi a respiração, em admiração, perante a brilhante técnica de grandes pianistas. Ouvi, com alegria, as notas de rouxinol de algum doce cantor, e deixei-me comover pelo som de músicas queridas e familiares executadas por membros de diferentes orquestras sinfónicas.

Contudo, quando os meus pensamentos se focaram de novo na cena presente, não consegui recordar nenhuma ocasião anterior em que o público do Albert Hall tivesse sido mantido mais firmemente preso ao momento — pois a Estelle Roberts estava a descrever os mortos.

A Sra. Roberts é considerada por muitos como a maior médium do mundo. Certamente é a médium mais versátil de que há registo. Fora para testemunhar uma demonstração do seu notável dom de clarividência que a audiência de 9.000 pessoas se

reunira. Todos os lugares disponíveis tinham sido atribuídos meses antes, mas esse facto não impediu que centenas de pessoas aguardassem em fila à porta da galeria, na esperança de conseguir um lugar não reservado ou, pelo menos, um espaço em pé.

Não se pense que esta impressionante assembleia no Royal Albert Hall se devia a uma rara aparição pública da Estelle Roberts. Apenas algumas semanas antes, uma reunião semelhante, realizada nesta mesma sala, tinha atraído tantas pessoas quanto esta. A procura de bilhetes fora tão esmagadora que se organizou um segundo encontro no Royal Albert Hall para acolher o "excedente", que, incidentalmente, acabou por se transformar numa assistência ainda maior do que a primeira.

Esses encontros foram organizados pelo *Sunday Pictorial*. Foram o resultado de uma série de artigos escritos por Victor Thompson, então editor-adjunto. Ele relatara as suas investigações sobre as verdades do Espiritualismo. Descrevera como procurara descobrir por que motivo, quando as congregações das igrejas ortodoxas continuavam a diminuir, as igrejas espíritas se enchiam. Poucas semanas após o seu inquérito, Victor Thompson ficou convencido da Sobrevivência.

A sua série de artigos sobre as experiências psíquicas com a Estelle Roberts e outros médiuns despertou tanto interesse que o Aeolian Hall, em Londres, onde a Estelle dava demonstrações de clarividência todos os domingos, passou a ser palco de filas de espera e de uma procura semanal por admissão. Para permitir que as centenas de pessoas rejeitadas a cada semana tivessem uma melhor oportunidade de ouvir a Sra. Roberts, o *Sunday Pictorial* cooperou na organização de dois serviços para ela no Seymour Hall, em Londres. Mas, embora essa sala acomodasse 2.000 pessoas, a procura de lugares continuava insatisfeita e, consequentemente, reservou-se o Royal Albert Hall.

Ouçamo-la, então, enquanto exibia o seu notável dom de clarividência no primeiro dos dois encontros. Microfones foram instalados para que a sua voz pudesse ser ouvida em todas as partes da lotada sala.

Por uma variedade de razões psíquicas, não é fácil dar provas de clarividência perante uma congregação de vários milhares. Em reuniões tão grandes, os mortos geralmente "aproximam-se" da médium e fornecem as suas provas antes mesmo de ela saber qual o membro da audiência que está a ser procurado. Mas, na maioria das reuniões espíritas, a Estelle consegue ver a pessoa a quem a mensagem se destina, porque o espírito indica a pessoa específica na assistência que deve ser abordada.

Descrevendo um rapaz morto, que ela disse ter partido devido a um acidente de rua ocorrido algumas semanas antes, a Estelle anunciou: "Ele procura ansiosamente entre vós a sua mãe." Afirmando que o jovem estava intensamente excitado, a médium detalhou a sua aparência e características distintivas antes de anunciar que o seu nome era Kennedy. "Onde está a mãe dele?", perguntou. Um homem na audiência respondeu: "Ela não pôde vir." "É o pai do rapaz?", perguntou a Estelle. "Sou", confirmou ele.

Porque a médium possui o dom da clariaudiência, conseguia ouvir, bem como ver, o jovem falecido. Assim, a Estelle foi capaz de repetir a conversa que o rapaz ouvira em casa dos pais naquela manhã.

"O seu filho diz", contou ao destinatário da mensagem, "que pediu à mãe dele que viesse cá, mas ela não quis. Disse que achava que não conseguiria aguentar."

Indicando a idade aproximada e a altura do rapaz, a médium disse que ele parecia ter partido para o Outro Lado há seis ou sete semanas.

“Não foi há tanto tempo”, respondeu o pai. Então a Estelle transmitiu a mensagem do filho: “Tudo o que me lembro foi de sair de bicicleta e, de repente, houve o esquecimento e eu estava no mundo espiritual.” O jovem estava ansioso que os pais não culpassem o condutor do veículo que colidira com ele. Insistiu que o acidente fora culpa sua.

A descrição seguinte foi para um ator da audiência, que recebeu provas de Sobrevivência de familiares e amigos que regressaram para demonstrar a sua continuação de existência. Um marido falecido foi descrito a uma mulher da plateia. A Estelle deu o nome completo — Johnny Dwyer — e disse que, na vida terrena, ele fora ator. Como prova adicional, a médium recordou à mulher uma mensagem mental que esta enviara ao marido: se ele pudesse regressar naquela noite, traria dois amigos que também haviam partido.

Eram artistas de variedades bem conhecidos, que a Estelle nomeou. Além destes amigos, a Sra. Roberts declarou que Johnny Dwyer também trouxera consigo a filha e o filho, que estavam com ele no mundo espiritual. “Mas estão todos muito vivos”, garantiu a médium, pedindo que fosse enviada uma mensagem ao filho vivo do ator, Leslie, que, disse, andava em digressão com uma companhia teatral. Estas afirmações foram confirmadas como exatas.

Em seguida, a Sra. Roberts falou de outro espírito, uma jovem que falecera aos 24 ou 25 anos, e que procurava a mãe na vasta assembleia. Quando a médium deu o nome de Engels, em complemento de mais pormenores, uma pessoa do público respondeu. “A sua filha diz-me que está no mundo espiritual há quatro ou cinco anos”, disse a Estelle. “Fará cinco anos em janeiro”, respondeu a mãe, que de seguida foi informada de que andava preocupada com a sua própria saúde, receando ter cancro. “Os seus receios são infundados”, assegurou a sensitiva. “Desde

que está aqui nesta reunião, a sua dor desapareceu por alguma razão desconhecida. Não é assim?"

"É perfeitamente verdade", foi a resposta.

A Sra. Roberts explicou que, enquanto a jovem aguardava que a sua mensagem fosse transmitida à mãe, pedira a alguns médicos espirituais associados à médium que examinassem a sua progenitora. Estes médicos insistiram que a mãe não tinha nada a temer. Não teria de ser submetida à operação que tanto receava. Parece fantástico que médicos mortos possam dar uma opinião sobre a saúde de uma pessoa viva? Talvez não pareça tão estranho quando soubermos mais acerca dos poderes psíquicos da Estelle. As suas palavras aliviaram uma mente cheia de medo e deixaram a destinatária da mensagem num estado de calma tranquilidade.

"O nome Scantlebury diz-lhe alguma coisa?", perguntou a sensitiva ao público. Uma mulher respondeu que compreendia esse nome. Era uma palavra-código entre ela e um amigo falecido que prometera tentar dar esse nome na reunião do Albert Hall. A Sra. Roberts forneceu à mesma pessoa nomes e mensagens de membros da sua família.

Tentando captar o som de um nome que lhe era transmitido por outro comunicador espiritual, a Estelle disse, a princípio, que soava como Craddow. "Não, parece mais Blackow", corrigiu a sua primeira impressão. "É um homem que quer falar com a mulher", insistiu. "O nome é Blakoe", respondeu uma mulher. "Sou a sua esposa." A Estelle deu então a descrição completa do marido, dizendo que tinha cerca de 30 anos quando partira para o mundo espiritual.

"Veio cá com uma amiga e falou-lhe da filha dela no Outro Lado?", perguntou a médium. "O seu marido diz-me que pensou: 'Se ao menos ela pudesse receber uma mensagem da filha esta noite, eu sei o que isso significaria para ela, já que a sua rapariga

partiu recentemente'." A mulher confirmou que esse desejo a ocupara antes da reunião. "O seu marido recebeu o seu pensamento", continuou a Estelle, "e trouxe consigo a filha da sua amiga."

Dirigiu-se então à mãe da jovem falecida, que estava sentada ao lado da Sra. Blakoe. Descrevendo o espírito como "uma jovem de bela aparência", a Sra. Roberts disse que morrera num acidente de rua.

"Foi um automóvel?", perguntou. "Foi um sidecar de mota", respondeu a mãe.

"Ela diz que se lembra da mota a guinar e depois nada mais", disse a Estelle.

"Não quer que a imagine, como fez durante algum tempo, com a cabeça e o rosto feridos. Quer que saiba que está cheia de vida e felicidade, desejosa de estar junto de si tal como sempre esteve."

Uma mulher na galeria reclamou a seguinte mensagem espiritual de um comunicador chamado Cooper, que queria falar com a esposa, Annie.

"Ele trouxe consigo a filha dele e a sua", disse a Estelle. A destinatária da mensagem ficou emocionada ao ouvir as palavras da Sra. Roberts.

"Não chore", pediu a médium, "basta compreender que eles conseguem falar consigo e estão vivos."

A Estelle disse-lhe então que, pouco antes de sair para a reunião, abrira um armário, tirara um cachecol do marido e segurara-o um momento antes de o voltar a guardar.

"O seu marido e a sua filha estavam a observá-la", assegurou a Sra. Roberts.

“Eles sabem da sua solidão; o seu marido quer que eu lhe diga como está feliz por falar consigo e por trazer a vossa menina consigo.”

A médium referiu-se ainda às dificuldades que a esposa experimentara nas semanas anteriores. Transmitiu-lhe a garantia do marido de que essas preocupações seriam resolvidas. A Estelle falou também do irmão do marido, que também estava no mundo espiritual. Ele regressara para dizer à cunhada que, sem dúvida, voltaria a ver o marido e a filha.

Depois, a Estelle referiu-se a um espírito que deu o nome de Fabian e que pediu pela esposa, Florence. Uma pessoa da audiência reconheceu a descrição do marido. A médium falou então da irmã da mulher, Clara, que a acompanhara à reunião. A Estelle afirmou que o marido falecido de Clara também estava presente. Deu-lhe o nome de Bresley, corrigido por Clara para Breeley.

Fornecendo mais pormenores sobre os dois maridos, a Estelle declarou que era a primeira vez que as esposas recebiam mensagens espirituais deles. Acrescentou que um dos maridos, Fabian, partira muito rapidamente, mas que o outro sofrera bastante antes de deixar o corpo terreno. “Eles querem que se juntem num círculo”, disse a Estelle, “para que possam reunir-se com vários outros que desejam contactá-las. Assim, poderão comunicar convosco um pouco melhor.”

“Foi o seu marido por volta dos 50 anos?”, perguntou a Estelle à esposa de Fabian.

“Tinha 49”, respondeu a mulher.

“E o Sr. Breeley era um pouco mais velho?”

“Tinha 60.”

“E são ambas estranhas para mim?”

“Sim, viemos as duas de Torquay.”

Durante uma hora a médium transmitiu mensagens dos mortos. No final de cada série de descrições, perguntava às destinatárias se já tinham tido algum contacto anterior com ela. Em cada caso a resposta era negativa. Uma pessoa disse que vira a Estelle uma vez, noutra reunião pública, mas nunca lhe falara. As outras eram completas desconhecidas. Algumas tinham viajado longas distâncias para estarem presentes na reunião do Royal Albert Hall.

Se nunca viu a Estelle Roberts, deve imaginar uma mulher esguia, de estatura média. O seu cabelo escuro já mostra sinais de encanecer. Parece estar na meia-idade, mas é na verdade mais velha do que aparenta. Os olhos são marcantes, fundos e sombrios, sob sobrancelhas características e uma testa alta. Veste-se bem e de forma elegante.

A Sra. Roberts tem uma personalidade dramática e vigorosa quando percorre a plataforma, parando para se dirigir ora a uma pessoa, ora a outra, no público. Nunca perde a compostura ou a segurança. Por vezes, baixa a cabeça enquanto fala com um dos seus guias espirituais ou com algum falecido que veio reclamar reconhecimento.

Ocasionalmente, pode sombrear os olhos com as mãos enquanto fixa a sua atenção numa forma espiritual. Esta mulher, que conheceu dificuldades e privações nos primeiros tempos, nunca teve uma lição de postura ou de oratória. Contudo, domina-se completamente a si mesma e ao ambiente, quer diante de uma assembleia de milhares, quer de uma audiência íntima e reduzida. Para ela é tudo igual.

A sua figura ágil dá a impressão da força de um cavalo de raça pura. Embora de origem modesta, possui graça e porte de patriciana. Apesar de nunca procurar deliberadamente o efeito,

muitas vezes uma mensagem que transmite é de um dramatismo extremo. Há também ocasiões em que fornece provas de tal natureza que comovem a maioria da audiência. O destinatário da mensagem pode chorar de alegria ao descobrir que alguém chorado como perdido para sempre transpôs o abismo da morte para provar que o amor não morre.

"Podia eu saber isso?" e "Alguma vez a encontrei antes?", pergunta a alguns dos que recebem provas de Sobrevivência. Tão exatas são as descrições espirituais que os recém-chegados céticos podem questionar-se se a médium terá colocado cúmplices na audiência. É para provar a sua boa-fé nesse aspeto que ela assim interroga muitos destinatários das suas mensagens.

A Sra. Roberts tem dado demonstrações públicas de clarividência há mais de vinte anos. Apareceu em praticamente todas as cidades importantes de Inglaterra. Fez demonstrações públicas de clarividência em grandes reuniões de propaganda na Escócia, Irlanda e País de Gales.

Colocar cúmplices nessas audiências, durante tanto tempo, implicaria o emprego de multidões de personagens duvidosas e o pagamento de grandes somas de dinheiro para evitar denúncias por chantagistas. Os próprios espiritualistas são quase sempre os primeiros a descobrir e a expor truques e fraudes no movimento. É, portanto, suficiente dizer que nunca pairou a mínima suspeita sobre a mediunidade da Sra. Estelle Roberts.

Ela é uma das maiores propagandistas que o Espiritualismo produziu em quase um século de história. Possui as qualidades dos primeiros pioneiros do movimento: coragem, confiança, tenacidade de propósito e uma fé total e absoluta nos que, no Outro Lado, serve com tanta fidelidade.

Durante uma digressão intensiva de três anos, abrangendo quase todas as grandes cidades deste país, Hannen Swaffer e o

meu marido falaram sobre Espiritualismo a mais de 250.000 pessoas. Na maioria dessas reuniões, a Estelle Roberts demonstrou os seus poderes psíquicos. Jornalistas da imprensa local foram por vezes convidados pelos oradores a entrevistar membros do público que recebiam mensagens, de modo a certificarem-se de que eram desconhecidos da Estelle. Oradores e médium chegavam frequentemente à cidade apenas uma ou duas horas antes do início da reunião.

O temperamento da Sra. Roberts é particularmente adequado para responder às dúvidas de uma audiência completamente nova no Espiritualismo. Haverá um cético endurecido pronto a explicar tudo? Isso não afeta a Estelle. Já mais de uma vez espantou tal ceticismo com uma exibição brilhante e inesperada de clarividência para a qual o destinatário não podia oferecer solução materialista.

Haverá um físico na assistência, curioso por encontrar uma explicação científica? A médium pode fornecer-lhe pormenores minuciosos de um assunto que ele sabe estarem para além do conhecimento normal dela.

Haverá um clérigo no público, bem versado na teologia da sua vocação? Pode sair pensativo e impressionado com a simplicidade das verdades expostas, verdades igualmente aplicáveis a todos os credos e raças.

Haverá um enlutado na multidão, de coração dilacerado pela dor? São os enlutados que a Estelle deseja ajudar antes de todos os outros. Confortar aqueles que perderam os seus entes queridos é o principal objetivo da vida desta médium.

Por vezes, a Sra. Roberts pode ter dificuldade em fazer compreender ou aceitar uma descrição psíquica ao destinatário pretendido. Recebe uma resposta seca de “Não” ou “Não me lembro.” Outras vezes, há uma mensagem complicada ou difícil

de transmitir. Essas provas apenas a estimulam. Nessas circunstâncias é que se vê a Estelle no seu melhor, pois, peça a peça, força a aceitação da evidência. É tenacidade em pessoa com um membro "difícil" da audiência e raramente deixa alguém até que este consiga compreender e aceitar a descrição espiritual.

E não é apenas para ajudar a pessoa na assistência que a médium insiste no reconhecimento de uma descrição. A Estelle Roberts vê ambos os lados da situação. Os espíritos não são "chamados" ou invocados, como alguns ignorantes do assunto imaginam. Os mortos regressam por vontade própria, geralmente para confortar corações dilacerados. Voltam ansiosos por provar a sua identidade aos que amam. Ficam profundamente desapontados se os seus esforços falham.

Porque a sua visão psíquica consegue atravessar o véu e discernir tal desapontamento e tristeza, a Estelle faz todos os esforços para insistir na prova até que seja compreendida e aceite. Elo por elo, forja uma cadeia de acontecimentos que finalmente leva ao reconhecimento do falecido.

Já ouvi algumas pessoas dizerem que não apreciam a maneira de estar da Estelle em palco. "É demasiado combativa, demasiado provocadora", afirmam. A sua autoconfiança irrita-as. Provavelmente não percebem, ou não relevam, o facto de serem muitas vezes precisamente esses traços que lhe permitem dar uma demonstração bem-sucedida de clarividência em circunstâncias difíceis.

Os médiuns estão sintonizados com vibrações invisíveis. Atuam como transmissores e recetores de mensagens espirituais, de forma semelhante ao modo como rádios, telégrafos e telefones transmitem mensagens terrenas. Por causa dessa sensibilidade às vibrações, o êxito ou fracasso das demonstrações públicas de clarividência depende em grande medida da atmosfera criada pela

audiência. Em grandes reuniões haverá sempre uma elevada percentagem de pessoas a ter o seu primeiro contacto com o Espiritualismo.

Muitas serão criticamente atentas — o que não é obstáculo, desde que mantenham uma mente aberta — e outras poderão ser claramente hostis. Para acolher o maior número possível de pessoas, as reuniões de propaganda realizam-se em teatros, cinemas ou locais semelhantes de entretenimento, desprovidos de atmosfera ou condições espirituais. É a alta qualidade da mediunidade da Estelle Roberts e a força da sua personalidade em palco que lhe permitem superar dificuldades de vibração como essas.

Tenho dado especial ênfase à personalidade dinâmica que a Sra. Roberts demonstra em palco. Eis a razão — um ponto interessante, penso eu. Encontre-a na sala de espera de uma reunião espírita, pouco antes do serviço começar. Não descobrirá aí a personalidade forte e enérgica da médium que, momentos depois, demonstrará os seus dons no palco. Não, encontrará uma pessoa afável e — se me permite — de tipo muito mais vulgar. Ingénua em respostas rápidas ou dominância de caráter, não será demasiado conversadora. Apenas uma ligeira inquietação parece envolvê-la enquanto aguarda para entrar em palco.

O que constitui então a diferença — o assumir, por assim dizer, de uma personalidade mais profunda, mais poderosa e dinâmica? É isto: em palco, ela é vitalizada pelo seu guia espiritual, Red Cloud, que se aproxima para a ajudar a demonstrar os seus dons psíquicos. Este falecido índio norte-americano é a força por detrás do trono da sua mediunidade. Todo médium bem desenvolvido tem um guia cuja função é protegê-lo de influências indesejáveis e ajudar os mortos a fornecerem provas. A personalidade indígena do Red Cloud reveste um ser altamente evoluído, de grande sabedoria e humanidade.

Muitos dos seres avançados que os espiritualistas chamam guias renunciaram ao seu legítimo progresso evolutivo no mundo espiritual para poderem regressar e servir a humanidade. Voltam para demonstrar os factos da Sobrevivência e ajudar-nos a compreender a operação das leis espirituais do universo. Apenas através dos poderes da mediunidade podem demonstrar estas verdades. Do grau de cooperação do médium depende o êxito ou fracasso da missão do guia. A Estelle Roberts é uma psíquica que compreende a importância desta associação mútua. É um instrumento voluntário do mundo espiritual.

CAPÍTULO II
"O TEU SERVO OUVE"

Os poderes psíquicos da Estelle Roberts manifestaram-se pela primeira vez quando ela tinha oito anos. Não guarda uma recordação muito agradável do acontecimento. Resultou numa severa reprimenda de um pai irado por contar inverdades.

Num quarto do terceiro andar da casa deles, em Middlesex, ela e a irmã mais velha preparavam-se para ir para a escola. De repente, as duas crianças ouviram três pancadas na janela. Simultaneamente, o quarto escureceu. Parecia como se uma nuvem pesada tivesse lançado uma sombra sobre a janela. Assustada, a Estelle olhou para cima e, temendo que a visão que lhe surgiu pudesse assustar a irmã, gritou: "Oh, não olhes, não olhes!" Como é próprio das crianças, a irmã olhou imediatamente — e desmaiou!

A Estelle ficou imóvel, fascinada com a aparição de um cavaleiro em armadura reluzente que parecia estar suspenso no ar, no vão da janela. Na mão estendida tinha uma espada cintilante. A viseira estava levantada. Até hoje, a Estelle consegue recordar-lhe os traços marcantes. Os olhos, profundamente penetrantes,

perscrutaram os da jovem médium, a quem estendeu uma mão em sinal de chamamento. No momento seguinte, desapareceu por completo.

Entretanto, ao ouvir o grito da filha, o pai correu escadas acima. Quando a Estelle explicou o que acontecera, ralhou-lhe por contar uma história tão fantástica. “O que viste deve ter sido um morcego”, insistiu. Mais tarde, noutra divisão e na presença de um médico que fora chamado, a irmã da Estelle contou um relato semelhante. As duas crianças não tinham conversado entre si desde a experiência, e, no entanto, as histórias coincidiam.

Diz a Estelle Roberts: “Essa foi a minha primeira experiência de ter visto algo do Além. Na altura não sabia o que era nem o que significava. Mas deixou uma impressão tal na minha mente infantil que, embora desde então tenha falado com milhares de espíritos de todo o tipo, de todas as idades, de todas as gerações, a minha lembrança do cavaleiro de armadura nunca ficou por um momento que fosse esbatida ou confusa.”

A médium considera que esta sua primeira experiência supranormal — partilhada com a irmã — foi um indício do trabalho psíquico que mais tarde viria a tornar-se a missão da sua vida. Só quando já era uma mulher de meia-idade é que a figura do cavaleiro lhe voltou a aparecer. Nessa ocasião, o visitante espiritual revelou a sua identidade. “É um nome que reconhecerias instantaneamente se eu o pudesse dizer”, declara a Sra. Roberts.

Na escola, a Estelle não era particularmente dotada nem muito fraca. Só num aspeto se distinguia das companheiras. Ouvia constantemente vozes de espíritos. “Falavam comigo o tempo todo”, afirma. “As outras crianças chamavam-me sonhadora. Mal sabiam elas que, quando eu parecia demasiado absorta para dar atenção ao que diziam, estava a ouvir conversas

muito mais fascinantes. Os meus pais, bons e firmes cristãos da Igreja, reprimiram deliberadamente as minhas tendências psíquicas. Não os culpo. Nada sabiam sobre Espiritualismo. Nem eu. Atribuíam as minhas aparições e vozes à imaginação."

Tantos médiuns contam histórias semelhantes sobre a infância, sobre como os seus poderes psíquicos foram mal-compreendidos por pais e familiares bem-intencionados. Como eram constantemente informados de que as suas experiências supranormais eram fruto da imaginação, os médiuns em formação tentavam sufocar os seus dons perfeitamente naturais.

Em muitos casos, pelo menos, resultou uma atrofia temporária dos poderes psíquicos. Em todos os casos, a ignorância dos pais causou sofrimento a essas crianças. Feliz é a criança mediúnica que pertence a uma família que compreende os dons do espírito; em vez de ser ralhada por contar "inverdades", os seus dons são fomentados e encorajados por quem é competente para lidar com eles. Contudo, a Estelle não foi uma dessas crianças afortunadas. Levou mais do que uma tareia por descrever experiências psíquicas.

Naturalmente, não compreendia então o significado dessas forças. Quando, como Joana d'Arc, ouvia vozes espirituais, tentava pensar — como os pais insistiam — que era apenas imaginação. Por vezes, sufocava deliberadamente essa clariaudiência; outras vezes, em terror e perplexidade, ouvia as vozes, a perguntar-se o que tudo aquilo significaria.

Aos 15 anos, a Estelle arranjou um lugar como ama. Esperava que o trabalho ocupasse a mente ao ponto de excluir as estranhas manifestações. Felizmente para o mundo, as suas esperanças não se concretizaram. As vozes supranormais persistiam. A Estelle tinha ainda de aprender que era possuidora

de grandes dons — faculdades que hoje não trocaria por todas as riquezas materiais do universo.

O desejo de servir os seus semelhantes despertaria quando entendesse a sua mediunidade. Mas a hora da iluminação ainda não soara. Registando as experiências como ama, a Estelle declara: “Enquanto empurrava uma criança no carrinho, as minhas formas espirituais pareciam seguir-me. Eu ouvia-as o tempo todo. Diziam-me coisas que eu não sabia, coisas que nunca poderia sequer ter adivinhado. Cada vez mais eu lutava contra esses poderes.”

Com o passar de mais um ou dois anos, percebeu que era diferente das outras raparigas. Na sua ignorância, começou a recear estar a enlouquecer. Era um espectro de medo que a acompanharia durante anos, até chegar o conhecimento.

A Estelle casou aos 17 anos. Ela e o marido eram devotados um ao outro, e ela confiou-lhe os seus receios. Aqui, finalmente, encontrou uma ouvinte simpática — alguém que não atribuía as experiências estranhas à “imaginação”. Ele nada sabia de Espiritualismo, mas concluiu que a jovem esposa era “tocada” (fey). Disse que não havia outra explicação para as visões e as vozes.

Certa noite, quando a Estelle estava deitada, viu clarividentemente a figura de uma parente do marido atravessar lentamente o quarto. “A tua tia morreu”, disse-lhe. “Como podes saber isso?”, perguntou ele com algum ceticismo. A jovem esposa não conseguiu explicar. Simplesmente sabia que era assim. De manhã cedo chegou um telegrama. A tia morrera na noite anterior, como a Estelle dissera.

Durante a última guerra, a Estelle Roberts soube muitas vezes, por meios psíquicos, das mortes de filhos e maridos de várias amigas e familiares. “Eu conseguia sempre dizer às minhas

amigas o que tinha acontecido, mesmo antes de chegar o telegrama oficial", declara, "embora ainda não compreendesse a razão."

Depois chegou a sua própria tragédia. O marido, nunca um homem forte, adoeceu gravemente. A esposa teve de trabalhar arduamente para sustentar o marido e os três filhos. A vida parecia muito difícil. "As minhas vozes tentavam animar-me e confortar-me", diz a Sra. Roberts, "mas não me davam consolo. Pelo contrário, traziam más notícias, pois, quando vi formas espirituais à volta da cama do meu marido, soube que a sua hora chegara. Mandei as crianças para fora de casa e fiquei sozinha com ele, a velá-lo e a cuidar dele nas últimas horas."

Tinham-lhe dito, psiquicamente, que o marido não recuperaria. "Imagina o esforço de estar sentada àquela cabeceira à espera do que eu percebia ser inevitável", escreve. "À medida que a hora se aproximava, vi as formas espirituais do pai e da mãe dele junto à cama, a partilhar a minha vigília. Depois vi novas formas — figuras que, como hoje sei, eram de médicos espirituais."

A esposa ficou imóvel perante a visão desses seres. Tranquilamente, quando o marido deu o último suspiro terreno, viu um cordão fino, quase transparente, que, à sua visão psíquica, parecia retirar-se lentamente da cabeça dele. Gradualmente, a mesma substância, semelhante a seda, emergiu de outras partes do corpo até que, finalmente, a forma espiritual do seu amado marido lhe ficou visível. Era uma duplicação viva e separada do corpo físico que jazia na cama. Lentamente, o corpo etérico foi retirado da sua visão. Com ele foram os médicos espirituais que tinham vindo ajudar na transição para o novo mundo. Os familiares falecidos, que tinham vindo recebê-lo, também partiram.

A Estelle viu por via clarividente o processo que normalmente ocorre quando a morte tem lugar. A maioria dos médiuns que se sentaram à cabeceira de moribundos descreve experiências semelhantes. Os psíquicos desenvolvidos compreendem o que sucede e não se assustam nem se confundem com o acontecimento. Mas esta jovem esposa não percebia o significado do que estava a testemunhar. As formas "fantasmagóricas" assustaram-na e o seu desaparecimento deixou-a completamente desorientada.

Poucos pranteadores compareceram ao funeral do marido da Estelle e não houve ninguém para oferecer uma palavra de conforto ou esperança à jovem viúva enlutada. Ficou junto à sepultura aberta, figura solitária e desconsolada. As lágrimas corriam-lhe pelas faces quando o pensamento nos filhos a trespassou. "Como hei de prover para eles? Que futuro nos espera a todos?", interrogou-se, desesperada. Então, nesse momento de pânico mental, chegaram a simpatia e o encorajamento de uma fonte inesperada.

Diz a Estelle: "Enquanto o pároco lia o ofício fúnebre, fiquei com os olhos fixos na sepultura. De repente, vi, com toda a clareza, o corpo etérico do meu marido a pairar sobre o próprio caixão. Reconheci-lhe os traços. Estava a olhar para mim, a sorrir suavemente — um sorriso encorajador que me disse, tão eloquentemente como palavras, que eu não devia desesperar. 'Pó ao pó, cinza à cinza', entoou o clérigo. Não me afligiu, pois naquele momento percebi que o meu marido não estava morto: ele não me deixara."

A experiência foi um grande consolo espiritual para a esposa enlutada. Mas os problemas materiais atormentavam-lhe a mente. Tinha de pensar em como ganhar dinheiro suficiente para livrar os filhos da necessidade. Deixou a sua casa em Sussex e foi viver para Hampton-on-Thames.

“Começou então uma busca cansativa por trabalho”, diz, “rações de ferro para mim; pouco para as crianças. Eu não o sabia então, mas estava a ser posta à prova para o trabalho que mais tarde estava destinada a empreender. Tive de sofrer. Tive de conhecer a carência e a fome, nem que fosse apenas para fortalecer os laços de simpatia que agora me fazem estender o coração aos mais pobres entre as centenas de pessoas que vêm ter comigo em busca de ajuda.”

A Estelle acabou por arranjar emprego como empregada de mesa num café de Londres. Para cumprir as funções tinha de sair de casa às sete horas todas as manhãs e só regressava às onze da noite. A filha mais velha tomava conta dos outros dois filhos o melhor que podia enquanto a mãe estava fora.

Todas as noites, depois do longo dia de labuta, a mulher exausta preparava as refeições da família para o dia seguinte. “Mas todos os dias”, afirma, “enquanto, com os pés doridos, calcorreava o chão do café, eu ouvia as minhas vozes e via as minhas visões. Por detrás das cabeças dos clientes que eu servia, via as formas dos ‘anjos da guarda’. Eu poderia ter dado àqueles meus clientes algo muito mais valioso do que as salsichas com batatas fritas que a maioria comia. Se tivesse compreendido, poderia ter-lhes dado alimento espiritual.”

Mas guardou para si. Achava que a tomariam por louca se lhes falasse das visões. Na verdade, nem ela tinha a certeza de que não tivessem razão. As suas faculdades supranormais continuavam a deixá-la perplexa porque não conhecia a explicação simples — era médium. Continuou a falar das experiências a algumas amigas.

Foi enquanto tinha o emprego de empregada de mesa que Harry Hawker, o famoso piloto de testes, tentou atravessar o Atlântico de avião. Durante uma semana nada se soube dele e

houve muita especulação pública. Aconteceu que a Estelle certa vez trabalhara numa empresa de aviação. Lá, fez quase toda a costura do barco de lona destinado ao voo transatlântico de Hawker.

Enquanto cosia a lona, o seu sentido psíquico disse-lhe que um dia o aviador se despenharia no mar e que o barco seria o meio de o salvar. Fez esta predição às amigas. Por isso, não a surpreendeu saber que, ao fim de uma semana de silêncio, chegou a notícia de que fora resgatado no mar. O barco de lona transportado no avião salvara-lhe a vida.

A Estelle casou pela segunda vez. Não muito depois desse acontecimento, os seus passos foram encaminhados para o movimento espírita organizado. O tempo de prova aproximava-se do fim e o verdadeiro trabalho da sua vida estava prestes a começar. Uma vizinha convidou-a a assistir a um serviço espírita em Hampton Hill. A igreja era uma estrutura de aspeto primitivo e ela não ficou muito impressionada com o que viu. Aconteceu que nesse dia a clarividência foi dada por Sr.ª. Cannock, hoje uma médium veterana. Quando o serviço terminou, Sr.ª. Cannock falou com a visitante. "Você é uma médium nata", informou-a. "Tem um grande trabalho a fazer no mundo."

De súbito, o verdadeiro significado dos seus estranhos poderes irrompeu na mente da Estelle Roberts. Declara: "A verdade assaltou-me de repente. Eu tinha visto os espíritos; tinha ouvido as vozes. Conhecia o Espiritualismo desde a infância; conhecia — e nunca percebera."

Nesse lampejo de convicção, falou com o presidente da igreja espírita. "Posso subir ao estrado e dar mensagens tal como a Sr.ª. Cannock", disse-lhe, ansiosa. "Mas já recebeu treino?", perguntou ela cautelosamente a esta entusiasta desconhecida. "Costuma sentar-se em círculo?" Ela nem sequer sabia o que isso significava

e teve de ser informada de que os espiritualistas muitas vezes se sentavam em círculos de desenvolvimento para fomentar os seus poderes psíquicos e para comunicar com os seus familiares e amigos falecidos.

A Estelle disse a Sr.ª. Cannock que, se pudesse receber alguma manifestação autêntica de poder espiritual, diferente das estranhas visões e vozes a que estava habituada, depois trabalharia para o Espiritualismo. Sentia ser imperativo que lhe fosse concedido algum sinal psíquico antes de dar um passo tão importante.

A experiente médium, Sr.ª. Cannock, sugeriu que a Estelle se sentasse a uma mesa durante uma hora por noite, durante sete noites consecutivas. Explicou que, por vezes, os mortos comunicam com os vivos por meio de uma mesa de madeira vulgar. Normalmente, os participantes pousam levemente as mãos sobre a mesa e as mensagens são recebidas através de toques que correspondem às letras do alfabeto. A Sra. Roberts concordou em tentar esta experiência.

"Assentei fielmente durante seis noites", diz ela, "mas nada aconteceu." Impaciente, cética e um pouco irritada, sentou-se na sétima noite. Quando a hora que havia reservado terminou, levantou-se. "Pronto, acabou!", disse para consigo. "É o fim do Espiritualismo no que me diz respeito."

Com a intenção de ir ao quarto dos filhos, caminhou em direção à porta. Ao mover-se, sentiu algo a pressionar a nuca. A pressão continuou à medida que se aproximava da porta, e olhou para trás. "A mesa em que tinha estado sentada estava suspensa no ar", declara. "A beira da mesa estava, de facto, a tocar-me na nuca. A mesa mantinha-se firme no ar, a meio caminho entre o chão e o teto, sem qualquer meio visível de suporte. Quando

olhei, moveu-se de volta através da sala e desceu suavemente até ao chão, à sua posição original."

A memória dessa noite continua vívida na mente da médium. Colocou as mãos sobre a mesa e ouviu pancadas que soletraram a seguinte mensagem: "Eu, Red Cloud, venho trabalhar pela humanidade. Já me ouves falar. Não toques mais na mesa." À medida que a mensagem era recebida pelas pancadas na mesa, a Estelle ouviu-a também, em clariaudiência, como mensagem falada.

Esta mensagem foi o seu primeiro vínculo consciente com o seu guia, Red Cloud. Esse momento marcou o início de uma grande cooperação entre dois indivíduos — um vivo e outro morto; uma associação que viria a ter efeitos de longo alcance.

No domingo seguinte, a Estelle Roberts subiu à tribuna da Igreja Espiritualista de Hampton Hill e deu a sua primeira clarividência pública. A audiência ficou estupefacta com o facto de esta médium não treinada e inexperiente poder dar provas tão exatas da Sobrevivência. Entusiasmados, acorreram junto dela após a reunião. "Deves continuar com este trabalho maravilhoso", disseram-lhe.

Já passaram mais de vinte anos desde que a Estelle Roberts deu a sua primeira demonstração psíquica numa reunião espiritualista. Naquela primeira ocasião, falou a uma assembleia de 50 ou 60 pessoas, que receberam com entusiasmo as descrições dos espíritos. Mas ficaram ainda mais impressionadas as plateias que, nos anos seguintes, chegaram a contar milhares de pessoas numa única reunião.

A Estelle pode relatar muitas histórias sobre o seu desenvolvimento mediúnico após a primeira manifestação do Red Cloud. Começou a vê-lo em clarividência, a ouvir a sua voz e a conversar com ele. Ganhou total confiança na sua influência

benéfica. Guia e médium fizeram um pacto. Red Cloud disse à Sra. Roberts que, em qualquer momento da sua vida em que desejasse auxílio, ele estaria ao seu lado. Ela, da sua parte, prometeu fazer tudo o que lhe fosse pedido. As promessas mútuas nunca foram quebradas.

Nos primeiros anos, a Estelle e o marido reuniam-se duas vezes por semana com o objetivo de fomentar os seus dons psíquicos. As sessões realizavam-se sob a direção do guia. Numa quinta-feira à noite, disseram-lhes que lhes seria mostrada uma luz psíquica na terça-feira seguinte. Ambos esqueceram a promessa de realizar a sessão naquela noite em particular. Em vez disso, saíram juntos. Ao regressarem, foram recebidos à porta pelos três filhos assustados. "Porque não estão na cama?", perguntou a mãe. "O que se passa?"
"Alguém tem estado a bater no quarto", responderam. "Descemos porque ficámos com medo."

As crianças foram consoladas e depois enviadas de volta para a cama. Mas os ruídos recomeçaram. A Estelle ficou irritada com a continuação dessas manifestações psíquicas e disse em voz alta:

"Estou espantada que assustem três crianças pequenas quando não estou em casa." A resposta foi recebida: "Prometeste ficar em casa esta noite para a sessão. Tu esqueceste, mas nós lembrámo-nos. Foi por isso que batemos."

Além disso, a médium foi advertida de que era necessário cumprir os compromissos assumidos com os seus auxiliares espirituais. Tinham vindo para ajudar no desenvolvimento dos seus dons. A Estelle ficou muito arrependida, e as pancadas não voltaram a ouvir-se.

O seu poder psíquico foi usado, numa ocasião, para avisar a família de um perigo. Tinha ido para a cama, mas acordou e deu por si deitada no chão. Não sabia como isso tinha acontecido e

voltou a deitar-se. Mais tarde, voltou a encontrar-se no chão e regressou à cama. Pela terceira vez foi retirada da cama por forças sobrenaturais. Dessa vez, o marido acordou para ver o espantoso espetáculo da forma da esposa a flutuar no ar. O corpo dela tocava no teto. Alarmado, chamou pelo nome dela, e imediatamente ela desceu até ao chão.

Agora bem desperta, a Estelle olhou para cima e viu um fino rolo de fumo. “Olha, olha!”, exclamou excitada. O marido correu imediatamente escada abaixo. Ao abrir a porta da sala de estar, ocorreu uma forte explosão. Os bombeiros, chamados de seguida, disseram à Sra. Roberts, depois de intervirem, que o fogo devia ter começado na sala cerca de cinco horas antes. Tinha havido combustão lenta. A entrada de ar, quando o marido abriu a porta, provocou a explosão. Todo o mobiliário — cadeiras, mesa e piano — foi reduzido a cinzas. O estranho aviso psíquico permitiu que a família escapasse às lesões que teria sofrido se o perigo não tivesse sido descoberto a tempo.

A Estelle relatou a sua primeira experiência de controlo em transe. Aconteceu algum tempo depois de ter começado a dar sessões privadas. Notara uma tendência crescente para sentir sono durante essas sessões, mas de resto sentia-se completamente normal.

Então, um dia, o Red Cloud pediu-lhe autorização para controlar o seu corpo e falar diretamente, quando necessário, através dos seus lábios. A princípio, a Sra. Roberts hesitou. Não gostava da ideia de ser reduzida a um estado de inconsciência. Mas o Red Cloud disse-lhe que a sua disposição em cumprir os desejos dele seria de grande ajuda ao serviço que ela tinha assumido. Prometeu que nunca permitiria que lhe acontecesse qualquer mal por essa confiança adicional nele. A médium acedeu.

Descrevendo a primeira vez que entrou em transe, a Sra. Roberts afirma: “Limitei-me a entregar-me à sensação de intensa sonolência. Recuperei a consciência e vi-me a olhar para o meu próprio corpo, ouvindo as vozes graves do Red Cloud a sair dos meus lábios terrenos. Onde estava, não sei, mas não podia estar longe, visto poder ver e ouvir assim.

Conforme descobri mais tarde, o Red Cloud permitiu-me saber o que acontecia nos primeiros estágios da minha mediunidade para me tranquilizar, para me fazer perceber que estava a ser usada para um propósito elevado. Agora, nunca tenho conhecimento do que acontece quando estou em transe, a não ser que o consulente me conte depois.”

Assim, a sua mediunidade ganhou força, até que hoje se destaca de forma única entre médiuns do passado e do presente.

A lealdade da Estelle à sua vocação foi provada muitas vezes. Por vezes teve de tomar decisões dilacerantes. Uma vez, a filha mais velha estava gravemente doente. Apesar de todos os cuidados, chegou o dia em que parecia estar a definhar rapidamente. A mãe desesperou. Estava marcada para dar uma clarividência naquela noite no famoso Queen’s Hall, em Londres, mas não suportava a ideia de deixar o leito da filha. Temia que a menina pudesse falecer na sua ausência. Em desespero, a médium apelou a Red Cloud, dizendo: “Sabes que devo dar clarividência esta noite. Devo ficar com a minha filha ou ir à reunião?” Em clarudiência, ouviu a resposta firme: “Um bom soldado nunca abandona o seu posto. Vai e faz o teu trabalho.”

Estelle cumpriu o compromisso público. A sua clarividência nessa noite foi magnífica. Muitos corações aflitos foram consolados pelas provas que forneceu de que os seus entes queridos ainda sobreviviam. Terminado o trabalho, correu para

casa. Encontrou a filha a abrir os olhos e a dizer que se sentia melhor.

"Ganhaste a tua recompensa", disse-lhe o Red Cloud. "A rapariga vai recuperar."

A Estelle possui praticamente todos os dons do espírito enumerados por Paulo no Novo Testamento. A sua mediunidade abrange clarividência, clariaudiência, controlo em transe, discurso e ensino em transe, psicometria, diagnóstico psíquico de doenças e cura psíquica. É médium de transportes, escrita automática e voz direta. Possui ainda os poderes de materialização, levitação e fotografia de espíritos.

Qual destes numerosos dons constitui a mais importante contribuição da Estelle para o Espiritualismo é uma questão de opinião pessoal. Certamente a sua clarividência pública foi o meio de atrair o maior número de pessoas a investigar o tema por si mesmas. Mas não há dúvida sobre os aspetos mais notáveis da sua mediunidade: a notável precisão das suas provas, a natureza detalhada desses testemunhos e a apresentação eficiente dos factos. Essa combinação valeu-lhe a posição eminente que hoje ocupa.

CAPÍTULO III

O PODER POR TRÁS DO TRONO

Durante os longos anos em que fui espiritualista, fiquei bem familiarizado com muitos dos guias e controladores índios norte-americanos de médiuns conhecidos. As suas personalidades são marcadamente diferentes, mas têm um atributo em comum. Pode

ser melhor descrito como uma qualidade de “amabilidade”, e o Red Cloud irradia-a mais do que a maioria. Essa essência invariavelmente atrai um amor recíproco naqueles que o conhecem.

Não quero dizer, claro, que ele inspire uma afeição efusiva ou sentimental. Nunca permitiria que alguém o elogiasse. De facto, recusa-se a aceitar agradecimentos daqueles a quem presta serviço. Até a palavra convencional de gratidão, que involuntariamente escapa dos lábios, recebe a inevitável resposta:

“Não me agradeças; agradece ao Grande Espírito.”

O Red Cloud não está sozinho nesta firme recusa de aceitar qualquer palavra de louvor. Não existe espírito evoluído que permita que expressões de gratidão, que devem ser oferecidas a Deus, se desviem dessa Fonte. Os guias não regressaram a este mundo para se glorificarem, mas para servir a humanidade.

Pergunta-se muitas vezes por que razão tantos médiuns têm guias índios. Os índios norte-americanos foram, nos dias do seu apogeu, mestres das leis psíquicas. O seu conhecimento das forças supranormais era profundo. Essa é uma das razões pelas quais tantos espíritos avançados, quando regressam à Terra, usam a “personalidade” de um índio há muito falecido. Red Cloud, pelo que compreendo, é um de uma “irmandade” de seres espirituais que renunciaram ao seu verdadeiro estatuto no Além para regressarem à Terra como guias de médiuns.

Outro membro desta “irmandade” declarou uma vez: “Tive de vir na forma de um humilde índio para conquistar o vosso amor, não através de um nome sonante, mas para me provar pelas verdades que ensinei.” Tal declaração poderia, com igual verdade, ter sido proferida pelo Red Cloud.

“Pelos seus frutos os conhecereis”, disse o Nazareno. Pelo serviço espiritual que prestaram a este mundo, muitos simples guias índios revelaram a grandeza de uma alma altamente evoluída.

Quem é, na realidade, a personalidade conhecida como o Red Cloud? Alguns acreditam saber o seu verdadeiro nome. Mas importa quem ou o que ele é? O próprio Red Cloud dir-vos-á que, antes da era cristã, caminhou na Terra como índio. Se isso foi apenas um aspeto da sua vida — ou vidas — não é pertinente para estas páginas.

Este guia, amado por todos os que o conhecem, foi visto em forma materializada em diferentes sessões realizadas pela sua médium. Serão descritas num capítulo posterior. Um retrato psíquico de Red Cloud foi obtido através da mediunidade da Sr.ª Madge Donohoe, já falecida. A imagem espiritual mostra a cabeça e os ombros de um homem que usa o cocar de um índio, mas o traço do seu semblante não é típico do Homem Vermelho. Os olhos são fundos, sombreados por sobrancelhas bastante salientes. A idade seria difícil de avaliar, mas sugere alguém na plenitude da vida. As feições são finas e bem delineadas; a expressão facial é sábia, tolerante e bondosa. A boca, relativamente larga, indica sentido de humor.

A voz de Red Cloud, seja ouvida através dos lábios da sua médium ou de forma independente na voz direta — e é semelhante em ambas as formas de mediunidade — tem uma qualidade e um timbre diferentes dos da Estelle. O tom, distintamente pouco feminino, é algo rouco e grave. Embora tenha bom domínio do inglês, possui uma forma particularmente apelativa de pronunciar certas vogais. A sua ocasional transposição de sílabas produz muitas vezes um efeito divertido. Pergunto-me se essas “falhas” são inteiramente inconscientes. Imagino que o Red Cloud nunca quer que os ouvintes terrenos

esqueçam que este mensageiro do Além é apenas um "simples índio" e que as verdades que ensina são de natureza simples, por mais profundas que sejam as suas implicações.

Através dos lábios da Estelle, ouvi este guia expor uma variedade de temas. Já palestrou em público perante grandes audiências; já se dirigiu a pequenos grupos selecionados. Os ensinamentos do Red Cloud cobrem uma vasta gama de pensamento, tanto espiritual como temporal. Ele enfatiza o facto de que este mundo e o próximo são, na realidade, apenas um. Reitera que, aqui e agora, somos seres espirituais que, na morte, apenas deixam de lado os corpos terrenos.

O Red Cloud expõe as verdades do funcionamento da lei natural de causa e efeito — "como semeardes, assim colhereis". Salienta constantemente que somos pessoalmente responsáveis por todas as nossas ações e que estamos a construir os caracteres que, inevitavelmente, levaremos connosco para o Outro Lado. Sublinha repetidamente os valores do amor, do altruísmo e do serviço aos outros. O guia insiste em que reconheçamos a fraternidade universal — a irmandade da humanidade.

Nada há de novo ou surpreendente em qualquer destas exposições. Princípios semelhantes foram ensinados por Jesus de Nazaré e outros instrutores inspirados. Religiões foram fundadas sobre os padrões de vida estabelecidos por esses líderes espirituais de tempos antigos. No entanto, os seus simples ensinamentos perderam-se na massa de dogmas e credos acumulados pela ortodoxia. Quase todos os espíritos avançados que regressam ao mundo proclamam as mesmas verdades que, se seguidas, aboliriam a guerra, a ganância e o ódio, e introduziriam um novo céu sobre a Terra.

Costumava frequentar o círculo de ensino do Red Cloud, realizado na casa particular da Sr.ª Roberts. Nessas ocasiões, o

Red Cloud, controlando a sua médium, palestrava informalmente sobre diferentes temas. Todos os membros estavam convencidos da verdade da Sobrevivência, mas desejavam adquirir maior conhecimento das suas implicações mais amplas.

Todo o tipo de pessoas, de todas as classes sociais, foram convidadas para as palestras do Red Cloud. Poucos saíam sem ficar impressionados. Os recém-chegados interessavam-se geralmente em observar a transformação que ocorria quando a Sr.ª Roberts entrava em transe sob o seu guia. Sentada numa poltrona, a médium fechava os olhos enquanto se cantava um hino. Em poucos minutos, a cabeça e os ombros da Estelle inclinavam-se pesadamente para a frente.

À medida que a sua respiração se tornava mais profunda, notava-se que uma mudança subtil na expressão facial tinha ocorrido. Embora as feições permanecessem inalteradas, as características físicas do seu semblante pareciam ter sido remodeladas. Então, quando a Estelle se erguia da cadeira, via-se que outra entidade controlava agora o seu corpo. Estava em boas mãos — pois o Red Cloud assumira o comando.

A sua voz profunda e rouca pronunciava algumas palavras numa língua desconhecida antes de invocar

"O Grande Espírito Branco".

Depois saudava a pequena audiência, recebia os recém-chegados e, talvez, dizia algumas palavras a um ou outro dos seus amigos terrenos. Por vezes, dava instruções a certos dos seus auxiliares quanto ao tipo de cura psíquica a aplicar a diferentes pacientes. Os poderes psíquicos da Estelle foram o meio de curar aqueles considerados incuráveis. Pessoas com dom de cura estavam ligadas a Red Cloud nesse trabalho. Alguns desses também participavam no círculo de ensino.

Às vezes, o Red Cloud perguntava ao círculo: “Sobre o que devo falar esta noite?” e eles escolhiam um tema. Muitas vezes ouvi-o discursar por mais de uma hora sobre um tema complexo e difícil apresentado de improviso. Tem um fluxo eloquente de linguagem e é um mestre da retórica, apesar das ocasionais transposições de sílabas.

Após o discurso, o guia costumava convidar perguntas dos ouvintes. Seguia-se frequentemente uma animada discussão, sobretudo se o tema fosse controverso. Visitantes do círculo de ensino não concordavam necessariamente com todas as afirmações do Red Cloud. As suas opiniões sobre certos aspetos da vida muitas vezes divergiam amplamente das convencionais.

Algumas declarações suas provocaram divergências de opinião entre os presentes. Travava-se, por vezes, um debate amigável e bem-humorado entre os mortos e os vivos. Nunca vi o Red Cloud mostrar o menor sinal de irritação ou má vontade para com quem discordasse do seu ponto de vista — um ponto de vista expresso por alguém não limitado pelas dimensões e restrições terrenas.

Com o tempo, ouvia-se praticamente todos os assuntos sob o sol discutidos no círculo de ensino do Red Cloud. Não se podia deixar de ficar impressionado com a versatilidade do seu conhecimento e com a frescura e originalidade da sua visão. Podia-se ouvir uma discussão entre o guia e um cientista reputado convidado para o círculo, e observar que o Red Cloud estava bem familiarizado com as últimas tendências da descoberta científica.

Podia-se ouvi-lo conversar com um médico sobre certos aspetos da medicina moderna e compará-los com ideias de cura com séculos de existência. Podia-se ouvi-lo detalhar costumes prevalecentes em épocas passadas ou falar com autoridade sobre impérios extintos, cidades perdidas e tempos idos. Possui vasto

manancial de sabedoria esotérica. O conhecimento do Red Cloud acerca das religiões antigas e contemporâneas é considerável. Por vezes, cita longamente a Bíblia.

Poderás ser um cético cuja primeira reação ao que escrevi seja dizer: "Todo este conhecimento pode, mesmo subconscientemente, vir do próprio cérebro da médium." Se assim for, é óbvio que nunca conheceste a Estelle Roberts. Conheço-a muito bem. A médium não tem ares nem pretensões. Possui o grande encanto da naturalidade perfeita. A Estelle é inteligente, mas seria a primeira a concordar que está longe de ser uma mulher altamente instruída. Teve de trabalhar demasiado nos seus primeiros anos para encontrar tempo para atividades culturais.

Estive na casa da Estelle dezenas de vezes. Para além da mediunidade, a que dedicou voluntariamente a vida, tem apenas outro interesse — o seu jardim. É aí, afirma, que renova a sua força psíquica e obtém o descanso de que necessita. Se a Sr.ª Roberts fosse leitora ávida de qualquer género de literatura, não vi sinais disso na sua casa. Não, o vasto conhecimento do Red Cloud não nasce da mente da sua médium. Pelo contrário, pode dizer-se que a mentalidade da Estelle foi enriquecida pela sua associação com o Red Cloud e outros instrutores espirituais que impregnaram a sua mente com a sua própria grande sabedoria.

Nunca ouvi a médium expressar qualquer interesse por poesia, antiga ou moderna. Não vi sinais de tal interesse na sua casa, além de uma citação familiar sobre um jardim no seu próprio jardim. No entanto, ouvi o Red Cloud repetir com precisão vários versos aplicáveis de um poeta moderno cujas estrofes estão longe de ser conhecidas pela maioria.

O guia, por vezes, recita versos improvisados que exprimem de forma adequada as suas ideias. Em inúmeras ocasiões, ouvi-o

falar longamente em belo e rítmico verso branco. A Estelle é totalmente incapaz de tais feitos no seu estado normal.

O leitor cético poderá novamente dizer que Sr.ª Roberts poderia ser capaz de esconder secretamente o facto de ter interesses culturais. Mas, para isso, teria de se equiparar às maiores atrizes de todos os tempos, de forma a enganar aqueles que a conhecem intimamente.

Uma das qualidades mais cativantes do Red Cloud é a sua profunda humanidade. Tem uma ampla tolerância e uma compreensão profunda dos problemas e dificuldades terrenos. Apesar do seu elevado estatuto evolutivo, não perdeu o contacto com as pessoas comuns, e não é nem distante nem inacessível. A sua compaixão é profunda. A disposição do Red Cloud é gentil e bondosa; nunca condena, mas sinto que não ensinaria: "Não resistais ao mal." Antes diria: "Superai e vencei o que está errado."

Porque considera que o conhecimento da Sobrevivência deve ser espalhado amplamente, reconhece que inimigos do progresso terão de ser enfrentados e combatidos. A verdade nem sempre é bem recebida, e já ouvi o Red Cloud dizer a um espiritualista que falava de popularidade:

CAPÍTULO IV

"COISAS MAIORES…"

O dom divino da cura foi praticado pelo Nazareno há dois mil anos. A Igreja venera este grande mestre das leis psíquicas que disse: *"Curai os doentes"*, mas a Ortodoxia afasta-se dos médiuns que seguem o seu exemplo impondo as mãos sobre os que sofrem. *"Coisas maiores do que estas fareis vós"*, profetizou Jesus de Nazaré. Hoje, existe um vasto e crescente testemunho da eficácia

do poder curativo exercido por médiuns para curar os chamados "incuráveis".

A Estelle Roberts tem praticado o seu dom de cura desde que o Red Cloud lhe disse, nos primeiros dias da sua associação, que seria usada para esse fim. A princípio, mal podia acreditar que esse grande poder lhe pertencia, mas um dia uma mulher levou-lhe um rapazinho muito doente. A Estelle ouviu por via clarividente o Red Cloud dizer-lhe para colocar as mãos sobre a cabeça da criança.

"Ele ficará curado", afirmou o guia. O menino recuperou. Pouco tempo depois, uma mulher chegou a sua casa já tarde, em grande aflição: o neto, uma criança de dois anos, estava a morrer de meningite. *"Pergunte a Red Cloud se ele pode ajudá-lo"*, implorou. O coração terno de Estelle ficou profundamente tocado. *"Irei já ver a criança"*, respondeu, e juntas seguiram para uma humilde casa em Surbiton.

Ali encontrou a mãe do menino curvada sobre a cama. O médico tinha saído naquela noite, dizendo que nada mais havia a fazer e que voltaria na manhã seguinte com o atestado de óbito. A Sr.ª Roberts declara: *"Nunca esquecerei o rosto daquela mãe, marcado pelo sofrimento e pela angústia, incapaz de fazer algo pela criança cuja vida se esvaía."*

Comovida pela cena, a médium exclamou em voz alta: *"Ah, Red Cloud, esta criança, esta criança…"* Em resposta, ouviu-o claramente, em palavras suaves mas firmes, instruí-la a pegar no menino, sentar-se numa cadeira e colocar-lhe as mãos sobre a cabeça e os ouvidos. A Estelle manteve-o nos braços durante quase três horas. Então o guia disse-lhe que o podia deitar de novo. Antes de deixar a casa, confortou a mãe dizendo: *"Não se preocupe! O Red Cloud diz-me que, dentro de duas horas, o muco passará pelo nariz e pelos ouvidos do menino. Ele viverá."*

No dia seguinte, a Sr.ª Roberts regressou e encontrou um ambiente totalmente diferente. A mãe contou-lhe que o médico tinha voltado de manhã com o atestado de óbito já preparado. Ficou atónito ao ver a mudança e não conseguiu explicar a súbita recuperação. Esse rapazinho é hoje um jovem saudável. Sempre que a mãe encontra a Estelle, renova o seu agradecimento pela ajuda recebida do mundo espiritual.

Noutra ocasião, a Sr.ª Roberts recebeu a visita de um desconhecido que não revelou o seu nome. Perguntou-lhe se aceitaria acompanhá-lo a uma casa onde era necessária. Concordou, e ele levou-a de carro à residência de um médico conceituado em Richmond. Foi conduzida a um quarto onde o médico se encontrava junto da filha da governanta, uma rapariga de doze ou treze anos, visivelmente muito doente. A Estelle reconheceu a mãe como uma mulher que já participara em sessões suas.

A mulher explicou que prometera ao doutor não revelar a natureza da doença à filha. *"Mas"*, acrescentou, *"o médico quer operar. Eu não consentirei até que o Red Cloud seja consultado. Pode dizer-me o que ele afirma?"* O médico interveio, algo seco, dizendo que não concordava com "esse negócio do Red Cloud", mas estava disposto a respeitar o desejo da mãe. *"Fale com esse Red Cloud o mais depressa possível, sim?"*

Poucos minutos depois, a médium entrou em transe. Pela sua boca, o Red Cloud disse ao médico:

"Pensas que a criança tem apendicite, mas não tem. Farás mais mal do que bem se operares. O que ela tem é uma inflamação. Dá-lhe uma dose de óleo de rícino e deixa-a descansar. De manhã estará perfeitamente bem."

O médico respondeu: *"Não posso aceitar isso."* O guia apenas retorquiu: *"Eu já falei."*

Ao sair do transe, a Estelle ouviu a discussão entre o doutor e a governanta. Tal era a fé da mãe na palavra do Red Cloud que recusou firmemente a operação. Em vão o médico a tentou demover, genuinamente preocupado com a saúde da menina. Por fim, exigiu que tanto a mãe como a médium assinassem um documento assumindo total responsabilidade pela decisão. As duas mulheres assinaram, convictas. A sua fé foi plenamente justificada: em 24 horas a rapariga recuperou totalmente, sem qualquer recaída desde então.

Há ainda um epílogo. Algum tempo depois, a mãe voltou com a filha para consultar o Red Cloud novamente. O guia, em transe, disse-lhe: *"A criança tem amigdalite; o médico recomenda operação."* A mãe anuiu. *"Concordo"*, respondeu o Red Cloud. Voltando-se para a menina, disse: *"Serás corajosa, não serás?"* E ela respondeu: *"Sim."*

Os notáveis poderes de cura da Estelle Roberts foram usados com grande êxito enquanto trabalhou como médium residente da Marylebone Spiritualist Association. Nas suas bem equipadas salas de tratamento, realizou um trabalho esplêndido, auxiliada por vários curadores psíquicos. Mais tarde, mudou-se para Wimbledon, onde foi fundada a Casa do Red Cloud, uma associação centrada na sua mediunidade. A guerra interrompeu temporariamente as atividades dessa sociedade, mas antes dessa suspensão a cura psíquica tinha já desempenhado um papel de destaque em Wimbledon.

O Red Cloud selecionara gradualmente um grupo de pessoas que podiam servir como instrumentos para transmitir raios de cura do mundo espiritual aos doentes. Sob a sua direção, quinze homens e mulheres trabalhavam com devoção, sem cobrar qualquer honorário ou esperar recompensa material. Alguns deles colaboram com a Estelle neste serviço há muitos anos.

Nas salas especialmente preparadas do centro de Wimbledon, esses dedicados assistentes, vestidos de bata branca, davam em média 150 tratamentos por semana. Nunca se cobrava nada aos pacientes. Pelo contrário, sei que alguns necessitados recebiam ajuda para custear as despesas de viagem até à Casa do Red Cloud. Quem estivesse demasiado doente para se deslocar, era visitado em casa pelo curador responsável pelo caso.

A cura psíquica assume diferentes formas, mas no caso da Estelle Roberts era realizada através da utilização de diferentes raios que, vindos do mundo espiritual, passavam pela médium até ao paciente. Na esfera espiritual, o Red Cloud era auxiliado por muitos que, em vida, se tinham especializado em medicina e cirurgia. Um famoso especialista, que trabalha agora com o Red Cloud no Além, não só provou plenamente a sua identidade como continua a comunicar nas sessões de voz direta da Estelle.

Há registos de curas assombrosas de casos considerados pelo mundo médico como irremediáveis. Graças aos raios curativos que emanam do mundo espiritual através do médium do Red Cloud e dos seus auxiliares, doentes com enfermidades orgânicas foram restituídos à saúde e à força. Tal como nos tempos bíblicos, cegos voltaram a ver, surdos a ouvir e coxos a andar. Este testemunho da eficácia da cura espiritual é impressionante e não pode ser ignorado, pois são muitas as testemunhas vivas.

Os espiritualistas compreendem que os “milagres” de cura da Bíblia foram alcançados mediante a aplicação de leis naturais, plenamente conhecidas por aquele que dominava as forças psíquicas. E, no entanto, ainda hoje existem pessoas insensatas que continuam a pensar que Satanás está por detrás de todo o Espiritualismo!

Não pretendo insinuar que todos os pacientes que procuraram a Estelle Roberts tenham sido curados. Não ousaria, nem poderia,

explicar por que razão uns são curados e outros não; por que alguns são levados e outros permanecem. Estou convencido de que a lei divina é perfeita na sua justiça, embora a sua operação ultrapasse, tantas vezes, a nossa compreensão limitada.

Mas mesmo nos casos em que o Red Cloud se mostrou incapaz de curar, conseguiu quase sempre obter algum alívio do estado mórbido. Houve também muitas ocasiões em que a alma foi despertada em sofredores que antes apenas experimentavam desespero ou revolta perante o seu destino. Após contacto com o ministério curativo do Red Cloud, tais indivíduos suportaram o fardo da dor física com um novo entendimento espiritual e com forças renovadas que os ajudaram a enfrentar o resto dos seus dias terrenos.

Foi um espetáculo comovente aquele a que assisti pela última vez, ao presenciar a receção e o tratamento de novos e antigos pacientes na Casa do Red Cloud. A médium encontrava-se apenas parcialmente controlada pelo seu guia. De tempos a tempos, porém, o Red Cloud "irrompia" pelo seu semi-transe e assumia o controlo completo para falar com um paciente. Era profundamente tocante ver o rosto do doente iluminar-se ao som das palavras encorajadoras e prestimosas do guia.

O grupo de curadores do Red Cloud estava sempre presente para emprestar os seus poderes psíquicos sempre que se considerava necessária a intervenção imediata através da médium. Aos novos pacientes, após o diagnóstico das suas queixas, eram atribuídos curadores especialmente qualificados para prosseguir o tratamento prescrito pelo Red Cloud. Um por um, cada sofredor era conduzido à médium. Os dedos sensíveis dela percorriam o corpo do enfermo. Bastavam alguns segundos para localizar a zona perigosa e apresentar um diagnóstico perfeito do caso. A aura do paciente era visível à visão de raio X da médium, a partir

da qual determinava a causa da aflição e, com a cooperação do Red Cloud, elaborava o seu diagnóstico.

Quando se considerava que alguém necessitava de tratamento imediato, era colocado num leito. Era impressionante assistir à administração da cura.

Doze assistentes da Estelle davam as mãos, formando um círculo em redor do leito. A médium e três curadores posicionavam-se dentro do círculo. Um tocava nos pés do paciente, outro na cabeça e um terceiro dirigia as suas mãos para a parte afetada, enquanto, através das mãos da médium, fluía o poder espiritual. Todos permanecíamos em silêncio enquanto os raios de saúde provenientes de outro mundo eram recebidos pelo sofredor. Como eu desejava possuir o dom da clarividência para poder ver os auxiliares espirituais que, ao mesmo tempo, se agrupavam em volta do paciente para lhe prestar auxílio!

A Estelle não recebia qualquer informação acerca dos novos pacientes que lhe eram apresentados. Era fascinante observar a expressão de espanto nos rostos quando ela diagnosticava as suas queixas e lhes descrevia os sintomas. Disse a um homem: “Está a tomar insulina, e as doses estão a ser reduzidas.”

“Exatamente”, respondeu ele.

A outro afirmou: “Vejo à sua volta condições de fumo ou vapor.” Ele replicou: “Compreendo. É gás que escapa. Acabei de mudar de emprego.”

“Teve bronquite no inverno passado”, disse a médium a um terceiro paciente. “Tem recebido tratamento médico.”

“É verdade”, confirmou o desconhecido. “Passei um mês no hospital.”

Depois acrescentou: “Passa muito tempo em pé.”

“Estou de pé o dia inteiro”, respondeu ele.

Observei uma mulher marcada pelo sofrimento levar o seu jovem filho à médium. O rapaz estava dolorosamente magro. Todos vimos a ansiedade da Estelle em impor-lhe as mãos. “É o Red Cloud”, exclamou.

“Ele detesta a doença.” Quando a médium diagnosticou corretamente a condição do rapaz, a mãe contou uma história comovente: já tinha ido a todo o lado, disse, mas ninguém conseguira ajudar o filho. Saiu da sala de tratamento com nova esperança e confiança.

Naquela noite encontrava-se presente um homem que estava cego havia cinco anos, mas que começava a recuperar a visão graças à cura psíquica. Vimos a Estelle tratá-lo.

“Vou cobrir os seus olhos com as minhas mãos”, disse. “Quando as retirar, diga-me se percebe um raio de luz. Tentarei primeiro o olho direito.”

Seguiu-se uma pausa. O rosto do paciente iluminou-se.

“Vejo luz ali”, afirmou, indicando a posição com a mão.

O processo repetiu-se com o olho esquerdo. Mais uma vez declarou, triunfante, que via um facho de luz onde antes reinava apenas a escuridão. Foi uma noite memorável para mim, mas apenas uma entre muitas para a médium e os seus curadores.

A Sra. Roberts não possui conhecimentos normais de manipulação ou de cirurgia. No entanto, estive em sua casa quando o Red Cloud a controlou e, com um ou dois movimentos hábeis, recolocou uma articulação deslocada no ombro de uma mulher.

Talvez a mais assombrosa “operação” psíquica alguma vez realizada tenha sido quando o Red Cloud, através da sua médium,

retirou uma lasca de osso das costas de uma paciente. Um médico, que investigava a cura psíquica, estava entre as testemunhas presentes nessa ocasião. A doente tinha recorrido a Estelle Roberts queixando-se de uma dor nas costas, que julgava consequência de um acidente anterior. Explicou que já tinha recebido tratamento médico, mas a dor persistia. Os curadores psíquicos prepararam-na para o Red Cloud. Foi deitada de bruços sobre uma mesa de exame, com a coluna exposta.

O Red Cloud assumiu o controlo da médium. Com extremo cuidado examinou as vértebras da doente antes de afirmar que a condição era provocada por uma lasca de osso alojada junto à espinha. Declarou que desejava "operar" de imediato para remover a causa da dor. Mas primeiro, disse, seria necessário administrar um "anestésico".

A médium em transe passou as mãos sobre o rosto da paciente. Pouco depois, a mulher caiu em inconsciência. O médico, surpreendido, aproximou-se, examinou-a e confirmou que ela parecia estar anestesiada.

Os descrentes e céticos podem, se quiserem, atribuir o que se seguiu a truque ou ilusionismo da parte da médium. Mas devem ter em conta que, antes de entrar em transe, a Estelle Roberts envergara um casaco branco de mangas curtas para o trabalho. Os braços e mãos estavam a descoberto. Durante algum tempo, as mãos da médium deslizaram sobre as costas da paciente em movimentos de massagem. Da espinha exposta, os presentes viram algo sobressair, que logo se destacou, deixando a pele intacta, sem qualquer vestígio de sangue.

"Aqui está o fragmento de osso que causava o problema", anunciou o Red Cloud.

Quando a Sra. Roberts saiu do transe, encontrou os demais a examinar a lasca de osso que o Red Cloud lhes entregara. Quando

a paciente recuperou os sentidos, declarou que a dor tinha desaparecido por completo e que podia mover-se e andar normalmente. Mais tarde, a lasca foi submetida a exame especializado. Os peritos confirmaram tratar-se de um fragmento de osso, possivelmente destacado da vértebra da paciente no acidente sofrido.

Pergunta-se como poderá ter sido realizada tal operação psíquica. Uma possibilidade é que o osso tenha sido desmaterializado dentro do corpo da paciente e rematerializado à superfície. Parece demasiado fantástico para ser aceite? Recordemos que a investigação científica revelou que a matéria sólida é uma espécie de ilusão, consistindo, na realidade, numa coleção de partículas eletricamente carregadas. Tal como todas as substâncias "sólidas", também os nossos corpos físicos devem ser considerados em termos de radiações eletrónicas. O Red Cloud poderá ter reduzido o osso a elementos não materiais e depois reconstituído as partículas.

Alguns médicos, menos presos a convenções do que os seus colegas, demonstraram grande interesse pelas curas e diagnósticos da Estelle Roberts, chegando mesmo a procurar o seu conselho.

Um especialista de Harley Street telefonou à médium a pedir se poderia levar-lhe uma paciente para diagnóstico; ela acedeu e a consulta realizou-se. Sem entrar em transe, a Sra. Roberts informou o especialista de que a sua paciente tinha um coágulo de sangue na cabeça, indicando-lhe a localização exata. Referiu ainda problemas digestivos e mencionou que a mulher doente tinha recebido injeções. A paciente não deu qualquer indicação das suas queixas. De facto, não proferiu uma palavra durante a entrevista.

O especialista confirmou a exatidão do diagnóstico da Estelle, após o que a médium ministrou cura psíquica à paciente.

Surpreendeu ainda o médico ao dizer-lhe que ele próprio também necessitava de cura psíquica. Antes de se retirarem, tanto o doutor como a sua paciente tinham sido tratados.

CAPÍTULO V

DEPOIS DO GRANDE SACRIFÍCIO

Soldados, marinheiros, aviadores, civis que morreram em serviço, vítimas do "blitzkrieg" — todos regressaram, de tempos a tempos, através da mediunidade da Estelle, para provar que as suas vidas não se extinguiram, embora os corpos físicos tenham perecido. Nem todos exprimiram felicidade perfeita no novo estado: alguns desejaram voltar à Terra para junto das famílias. Mas todos se sentiram mais felizes e reconfortados quando puderam restabelecer o contacto com esposas, amadas e filhos, ajudando a enxugar as lágrimas dos que os choravam.

Alguns revelaram-se um tanto amargos ou cínicos. Sabem que não pode ser vontade do Grande Espírito que vidas físicas sejam abreviadas pela guerra sangrenta. O fruto não deveria cair da Árvore da Vida antes de estar maduro e doce. Alguns protestam contra Deus por não ter impedido a guerra. Mas a Sua lei de causa e efeito não pode ser alterada. Concedeu ao homem o livre-arbítrio. Enquanto o egoísmo, a ganância e a ânsia de poder prevalecerem sobre as qualidades superiores do ser humano, as guerras continuarão. Um dia aprenderemos essa lição.

Com os registos datilografados diante de mim e com a experiência ainda tão recente no momento em que escrevo este capítulo, devo descrever a mais dramática sessão de voz da guerra. Na casa de Surrey da Estelle Roberts, ouvi as vozes claras e ressonantes de aviadores mortos conversarem com o Marechal do Ar Lord Dowding que, como chefe do Comando de Caça,

venceu a Batalha da Grã-Bretanha — triunfo que significou a salvação da civilização. Militares que tinham dado a vida física pelos ideais em que acreditavam saudaram o Lord Dowding, um após outro. Agradeceram ao seu "Chefe" — como lhe chamavam — pela defesa pública da Sobrevivência Provada, declaração que poderia ter comprometido a sua reputação. Todos os mortos forneceram provas da sua identidade a familiares e amigos presentes na sessão.

O círculo de voz da Estelle Roberts é, na realidade, o seu círculo caseiro privado, inaugurado a pedido de quatro militares falecidos. Um deles tinha recebido a D.F.C. antes de cair com o bombardeiro sobre Hamburgo. Outro despenhou-se no Canal; o seu corpo só foi recuperado um mês depois do acidente. O terceiro perdeu a vida terrena quando o contratorpedeiro em que servia foi bombardeado ao largo de Creta. O outro marinheiro morreu num submarino.

Depois de provarem com êxito a sua própria sobrevivência, formaram um grupo sob a direção do Red Cloud com o propósito específico de ajudar outros mortos na guerra a fornecerem evidências da sua continuação. Este círculo caseiro proporcionou a mais profunda consolação a familiares e amigos enlutados.

Dezasseis de nós assistimos à sessão de voz a que me refiro. Todos estavam presentes a convite dos mortos, que haviam manifestado o desejo de saudar o Lord Dowding e mostrar o seu apreço pelo grande serviço que ele lhes prestava ao atestar as verdades da Sobrevivência.

É verdade que apenas o mais fino véu de gaze separa este mundo do próximo. Mas, na sala de sessões da Estelle Roberts, onde regressavam os mortos da guerra, até esse fino cortinado parecia desaparecer — tão natural e espontânea era a conversa dos chamados mortos. Sentámo-nos na escuridão, exceto pela

faixa de tinta fosforescente no trompete, que tornava os seus movimentos claramente visíveis enquanto flutuava no ar.

O drama daquela sessão não poderia ser reproduzido em nenhum palco ou ecrã do mundo dos vivos, quando os heróis da guerra falavam com os seus entes queridos, dando prova atrás de prova da sua contínua existência. Lágrimas de reencontro feliz misturavam-se com gargalhadas. Muitos destes valentes rapazes tinham passado para Além com uma piada nos lábios. A sua jovialidade era apenas o corolário da firmeza do seu propósito. A morte não transformara estes rapazes alegres e vigorosos em santos moralistas. Continuavam a brincar uns com os outros e com os seus amigos terrenos.

O primeiro fenómeno psíquico ocorrido após a médium entrar em transe foi o trompete, no centro do círculo, bater em código Morse o sinal V. Um momento depois, o trompete ergueu-se no ar e a primeira voz espiritual foi ouvida. Era uma jovem que saudava os pais e, em tom de brincadeira, dizia que "as senhoras primeiro" continuava a ser regra no seu mundo. Pouco depois, porém, anunciou que o seu irmão Clive estava ansioso por falar. Então, Clive Wilson apresentou-se. Ele é um dos quatro militares responsáveis pela formação do círculo.

Cumprimentou os pais com um "Olá." Quando estes lhe perguntaram:

"Como estás?", respondeu:

"Estou muito bem. Não acham que me estou a sair bem?"

Deu-lhes algumas mensagens pessoais, em frases claras e firmes, nas quais nomeava membros da família. Depois pediu: "Apresentem-me ao Chefe."

Explicou ao Lord Dowding:

“Eu fui aviador. Estava em missão de reconhecimento… o meu corpo foi dado à costa. Mas estou muito vivo.”

Expressou a sua gratidão ao Marechal do Ar pela divulgação das mensagens espirituais que recebera. Dowding respondeu:

“É maravilhoso sentir que podemos ajudar-vos a vós e aos que ficaram para trás.”

Com fraternal carinho, o Clive pediu aos pais que transmitissem o seu amor à irmã. Estava tão intensamente vivo, tão alegre! Quando lhe pediram o nome pelo qual os amigos o chamavam no Outro Lado, respondeu sem hesitar:

“Pés Grandes.”

Mais tarde, a Sra. Wilson contou-me que o rapaz tinha pés compridos e estreitos. Pelos vistos, os colegas falecidos continuavam a “gozar” com os pés dele!

Quando Clive se despediu, ouvimos uma altercação amigável entre duas vozes espirituais que disputavam quem falaria primeiro. O vencedor revelou-se como “David White.”

“Olá, Mãe”, chamou ele, numa voz clara e forte. Mas queria certificar-se de que seria ouvido: “Consegues ouvir-me?”, perguntou ansiosamente.

“Está a minha voz nítida?”

Ao confirmar-se que era ouvido com clareza, enviou o seu amor a membros da família, nomeando-os, e acrescentou notícias sobre um irmão ao serviço, dizendo que estava bem. Prosseguiu:

“Nunca me arrependi de ter descido naquele submarino. Consigo fazer um trabalho melhor aqui.

“O Pai está aqui comigo”, disse à mãe. Conversou alegre e naturalmente com ela. No fim da sessão, a mãe contou-me que o marido falecera apenas uns meses antes do filho. Impressionou-

me a serenidade dela perante a perda dos dois entes queridos — serenidade adquirida pela consciência de que eles não estavam longe do seu lado. De tempos a tempos recebia sinais que confirmavam esse facto. Não tinha, portanto, razões para se lamentar.

"Oh, é tão bom falar", prosseguiu David White.

"Conseguem todos ouvir-me?", perguntou aos presentes.

"Sim, sim", respondemos, encorajando, e ele mostrou-se muito feliz com o sucesso da sua comunicação através do trompete.

"Sentimos todos, aqui, que cumprimos o nosso dever", continuou. Embora não tivesse servido na RAF, pediu expressamente para saudar o Lord Dowding e "outro Chefe que tanto tem feito por nós, Hannen Swaffer."

Ambos responderam à saudação, e David disse ao famoso jornalista:

"Encontrei um amigo seu, outro jornalista que não chegou cá há muito tempo."

O Red Cloud interveio, explicando que o rapaz se referia a A. B. Austin, correspondente de guerra do *Daily Herald*, morto em Itália. "Lembre-se dele por mim", pediu Lord Dowding a Red Cloud. "Ele esteve no meu Estado-Maior no Comando de Caça e foi um oficial de grande valor." O guia respondeu em tom brando: "É um oficial de grande valor", vincando a todos a lição da Sobrevivência.

Houve então uma pausa. "Aguarde!", disse Red Cloud, o seu habitual sinal de que outro comunicador estava prestes a falar. Uma voz masculina soou através do trompete, que pairava sobre as nossas cabeças.

“O meu nome é Jenkins. Despenhei-me no hidroavião __.”

Não posso revelar o nome da máquina, pois o rapaz falou de pormenores acerca do hidroavião que ainda não foram tornados públicos.

Era a primeira vez que o aviador conseguia manifestar-se ao pai, que o recebeu com júbilo. Receber a primeira mensagem espiritual de um filho amado é um acontecimento marcante. Pai e filho conversaram avidamente, e o rapaz ajudou a dissipar a preocupação do pai, ainda atormentado pelos detalhes da tragédia. As explicações e palavras de conforto do filho puseram fim à ansiedade e confusão do homem acerca do acidente. Exortando-o a abandonar as suas investigações, o aviador disse que o Ministério do Ar já fornecera todas as informações disponíveis. Nada se ganharia em prosseguir.

“O aparelho estava gasto”, afirmou o jovem. “Já te tinha dito antes de partir. Não culpes ninguém. Era preciso usar todos os aviões.”

Prosseguiu: “Encontraram várias peças do hidroavião.”

“Tenho uma peça em casa”, respondeu o pai. “Eu sei”, disse o filho. “É uma parte da cauda.”

“Guardá-la-ei toda a vida”, declarou o pai.

“Procura fazer a Mãe compreender que eu não estou morto”, pediu o rapaz. “Não tive culpa do acidente. Consegui voar bastante — quarenta horas de voo — depois o aparelho desfez-se. Andaste a falar com alguém que pilotara aquela máquina antes de mim.”

“É verdade”, exclamou o pai. “E a teoria dele está certa?”

“Razoavelmente certa”, respondeu o filho, que suplicou: “Pai, não olhes para trás; olha em frente. Somos milhares, e todos filhos de mães.

Mas estamos vivos! Ficarei bem desde que não te entristeças.”

Deu ainda conselhos pessoais ao pai. Os pais estavam preocupados, entre outras coisas, com o destino do dinheiro do rapaz, e este resolveu a questão. Quando o pai lhe perguntou: “Devemos ficar na nossa casa ou mudar-nos?”, respondeu prontamente: “Fiquem, por minha causa. É a minha casa.” Com as palavras finais do aviador — “Traz a Mãe da próxima vez” — terminou o drama do primeiro reencontro entre pai e filho.

O Red Cloud acrescentou ao pai:

“O teu rapaz está agora feliz. Desfazer o lar dele seria causa de aflição.”

Falando da causa do acidente, que tanto preocupava o homem, o guia expôs a filosofia do mundo espiritual: embora os homens cometam erros, não lhes deve ser atribuída culpa quando esses erros não são cometidos deliberadamente.

O aviador foi seguido por um jovem que disse: “O meu nome é Heath… Arthur Heath… morri num contratorpedeiro em Creta. Mas estou bem…” Dirigindo-se à mãe, disse que estivera na Palestina a visitar o irmão Will.

“Viste a Avó?”, perguntou a mulher. “Não”, respondeu Arthur, “tenho andado com os rapazes.” A mãe comentou que o irmão não era muito recetivo ao Espiritualismo.

“Que tolo ele é!”, respondeu o rapaz com franqueza fraterna.

“Diz-lhe que estou a fazer um grande trabalho. Nunca morri. Sou uma boa expressão de um homem morto!”

E a mãe observou que ele ficava muito bem de uniforme.

“Ainda fico bem no meu uniforme”, insistiu Arthur.

Quando o rapaz se despediu, o Red Cloud anunciou que o próximo comunicador necessitaria da ajuda dos presentes. Este pedido costuma significar que o espírito nunca falara antes em voz direta. Pelo trompete ouvimos: “Olá. Já estou em terra? Quero falar com a minha esposa… Dick Stevens… Está sentado ao lado do meu Chefe.”

O espírito era “Cat’s-eyes” Stevens, o famoso piloto da Batalha da Grã-Bretanha, regressando para falar com a esposa, que estava sentada junto de Lord Dowding.

“Lembras-te de mim?”, perguntou Stevens ao antigo Chefe. “Claro”, respondeu Lord Dowding. Conversaram sobre outro piloto famoso, a quem o Marechal tentava despertar interesse pela Sobrevivência. Stevens disse à esposa que a filha estava com ele. “Não quero que olhes para trás”, disse, “mas para a frente, para o tempo em que estaremos juntos.”

Quando a esposa mencionou John, Stevens mostrou logo que sabia a quem ela se referia: “O meu filho. Mas não o deixes rabiscar por todo o lado!” A mulher confirmou depois que esse era, de facto, o hábito recente do filho pequeno.

O Stevens estava entusiasmado com a sua capacidade de falar em voz direta. “Isto é maravilhoso!”, exclamou. Deu mensagens íntimas à esposa. Pediu-lhe que não se entristecesse pela filha no mundo espiritual. Descreveu como se despenhara quando “Jerry me abateu.”

Voltou a falar da filha, dizendo à mulher: “Hei de dar um beijo à Frances por ti. Deus te abençoe… E caminharei ao teu lado.” Depois, com um “Adeus, senhor” a Lord Dowding, partiu.

“Esse é um dos verdadeiros rapazes da Batalha da Grã-Bretanha”, comentou Red Cloud. “Que caráter magnífico! E que força de vontade!”

“É verdade”, concordou a Sra. Stevens. Ela foi a segunda pessoa que me impressionou, após a sessão, pela sua atitude calma e serena. Não estava vergada pelo luto. Algumas pessoas, contou-me, não compreendiam como podia prosseguir a vida quotidiana com tamanha confiança após uma perda tão grande. A resposta encontrava-se nas palavras do marido durante a sessão:

“Caminharei ao teu lado.”

Depois de Stevens se despedir de todos nós através do trompete, outra voz surgiu com uma saudação alegre:

“Pai, sou o Wynne”, disse.

Era evidente que estava habituado a manipular o trompete e orgulhoso do seu êxito. Erguendo-o bem alto no ar, exclamou: “Estou a levá-lo mais alto do que os outros rapazes. Tenho uma surpresa para ti”, interrompeu para dizer ao pai, um presente chamado Merrifeld. “Por Júpiter, sou mesmo habilidoso nisto!”, acrescentou, levantando ainda mais o trompete.

Mais uma vez, para despertar a curiosidade do pai, repetiu: “Tenho uma visita para ti.” Mas primeiro pediu para ser apresentado aos presentes. Disse-nos que também fora aviador. Quando o pai começou a dar-nos mais pormenores sobre o filho, o rapaz interrompeu: “Chega! Aqui aprendemos a esquecer-nos um pouco de nós próprios.”

Então surgiu a “surpresa” para o pai. Uma voz anunciou-se como “Harold”, colega de direção do pai de Wynne. Pelas reações do homem, percebia-se que era de facto uma visita espiritual inesperada. Os seus comentários foram francos relativamente a antigos sócios de negócios, mas não são para publicação. “O Tom

continua tão teimoso como sempre?", perguntou. "Está tão preso à igreja que não ouve ninguém."

Seguiram-se algumas palavras de Lottie, cunhada falecida de Swaffer, que comunicava frequentemente. Depois ocorreu outro episódio dramático. Uma voz calma começou:

"É um grande prazer. Estou deste lado há muitos anos… desde a última guerra… Sou apenas um homem comum. Na última guerra dei tudo o que tinha. Sinto que tanto está a ser feito para endireitar o mundo. Estamos a trabalhar convosco. Tende coragem… continuai a lutar. É uma grande tarefa a que vos propusestes… Gostaria que o meu irmão soubesse que é o Claude."

"É o meu irmão!", exclamou um dos presentes, surpreendido. "Já encontraste o Billy?"

"Sim", respondeu ele, "e também o nosso outro irmão. É uma surpresa para ti. Mas não devo ficar. Sou soldado", repetiu, "da última guerra. Nós e os rapazes desta guerra estamos unidos numa grande irmandade."

"Isto é maravilhoso!", exclamou o presente. "Nunca esperava. Ele morreu em 1918."

"Tens outro irmão, o Dickie", acrescentou Red Cloud. "Sim", confirmou o homem.

"Ele viveu apenas algumas horas."

Dos quatro que organizaram a sessão, Bill Castello foi o último a falar. Este aviador é o jovem que recebeu a D.F.C. e perdeu a vida física num bombardeiro sobre Hamburgo.

"Trouxe o Claude", disse ele aos pais. Quando o pai lhe perguntou o que gostaria que fizesse com o carro de corridas que possuía, Bill mostrou-se indiferente. "Oferece-o", respondeu. O

piloto explicou que não poderia falar durante muito tempo devido ao esforço exigido à médium. Questionado se tinha alguma mensagem especial a transmitir, respondeu enviando sonoros beijos através do trompete.

Em seguida, pediu ao pai que o apresentasse ao "Chefe". Lord Dowding solicitou a Bill que o ajudasse, a partir do mundo espiritual, a lidar com as centenas de cartas que recebia de viúvas de guerra, salientando que havia "tão poucos médiuns". Bill respondeu que o círculo fora criado precisamente para auxiliar os enlutados da guerra.

"Conte-lhes as suas experiências", disse o aviador morto, "e obrigado, senhor, por tudo o que está a fazer." As suas últimas palavras para os pais foram a repetição do seu antigo lema: "Mantenham a bandeira hasteada."

Embora a força da médium estivesse a esgotar-se, Red Cloud permitiu que outro comunicador falasse pelo trompete. "Olá", disse a voz, "sou o Harold."

"Lindsay aqui", respondeu um oficial que reconheceu a voz do amigo.

"Já vai muito tempo desde que lemos livros juntos", prosseguiu o rapaz morto. "Deixei o Marx. Esta é a verdadeira filosofia da vida… Estive próximo de ti… Depois de me despenhar percebi que tudo aquilo era uma falácia. A morte não é o fim… Recebeste a minha última carta.

Nunca a terminei… Sabia que chegava ao fim."

"Como aconteceu?", perguntou o amigo. "Caí simplesmente no mar", foi a resposta.

Dirigindo-se a Lord Dowding, o espírito disse: "Fui um daqueles tolos que pensava que a morte era o fim. Porque não nos ensinaram isto? Foi isso que levou muitos de nós a tornarmo-nos

comunistas." Depois falou a Hannen Swaffer, dizendo-lhe: "Os rapazes estão gratos pelo que fez. Obrigado. De muitas tribunas tentou abrir-lhes os olhos. Continue a sua cruzada."

Foi o último dos heróis de guerra a falar. O seu amigo, o capitão Lindsay, contou ao meu marido, após a sessão, que ambos costumavam ficar acordados até altas horas da madrugada a discutir Nietzsche, Schopenhauer e outros filósofos. Achavam a vida um tanto sombria. Quantos jovens intelectuais, alimentados com filosofia materialista, não terão atravessado fases semelhantes!

Não consigo transmitir adequadamente a pungência desta sessão dramática, encerrada pelas comoventes palavras de homenagem do Red Cloud aos heróis mortos: "Ninguém tem amor maior do que aquele que dá a vida pelo seu amigo. Estes rapazes, que sofreram, contam convosco para construir um mundo melhor. Lutem todos, vale a pena dar esperança à humanidade."

Para aqueles que nunca participaram num círculo de voz, pode ser útil uma explicação dos procedimentos habituais.

As sessões de voz realizam-se normalmente na escuridão total ou sob luz vermelha. A luz branca tem um efeito nefasto sobre os fenómenos físicos, do mesmo modo que destrói as chapas fotográficas, que necessitam de ser reveladas sob luz vermelha. Os fenómenos físicos podem ser comparados, em certos aspetos, aos processos do nascimento ou ao crescimento na natureza.

O desenvolvimento do embrião ocorre na escuridão do corpo humano ou animal; as sementes exigem a obscuridade do solo para iniciarem o seu crescimento. Os fenómenos físicos da sala de sessões produzem-se por meio de uma aceleração temporária da própria força vital, o que implica a necessidade de escuridão ou de luz vermelha. Mas nem a presença nem a ausência de luz têm

verdadeira importância. O único critério válido é a evidência recebida.

O megafone de alumínio ou de folha de flandres usado numa sessão de voz é chamado trompete. Ele direciona, amplifica e conserva a energia empregue para produzir as vozes espirituais. Está ligado ao médium por um cordão ectoplásmico invisível. O ectoplasma é parcialmente físico e parcialmente etéreo.

Quando se torna visível, como nas materializações, apresenta-se como uma substância branca e vaporosa, já manuseada por muitos cientistas. Os comunicadores espirituais materializam os seus órgãos vocais com recurso a esta substância. Nas sessões de voz mais bem-sucedidas, os mortos conseguem reproduzir as suas próprias vozes terrenas. Quem conhecia os comunicadores em vida reconhece não apenas a voz, mas também as entoações e maneirismos.

Em algumas sessões de voz, os operadores espirituais moldam um único "molde mestre" de pulmões e órgãos vocais. Também é criada uma máscara facial ectoplásmica. A substância necessária à produção do aparelho vocal é retirada do médium e dos presentes e misturada com matéria puramente etérica.

Os comunicadores mortos utilizam todos a mesma máscara ectoplásmica para se fazerem ouvir na sala. Nesses casos, como os seus próprios órgãos vocais não são reproduzidos, a identidade é provada pelas evidências apresentadas, e não pela voz em si. Contudo, os maneirismos e características de fala terrestres fornecem provas adicionais de identidade.

Em determinadas sessões, embora o trompete esteja muito além do alcance físico da médium em transe, uma inflexão da sua voz pode sobrepor-se à voz do comunicador espiritual. Às vezes isso acontece porque o poder psíquico da médium é usado da

forma mais vantajosa, quando os operadores espirituais materializam uma réplica completa do seu aparelho vocal.

Numa sessão referida por Arthur Findlay em *No Limiar do Etérico*, a laringe física da médium foi utilizada e a sua voz projetada, por meio de uma haste psíquica, até ao trompete, que a amplificava. Fê-lo para evitar a necessidade de materializar órgãos vocais distintos. Como se percebe pelos exemplos acima, os métodos de produção da voz direta variam conforme os recursos disponíveis aos operadores do Outro Lado.

Quando a força da médium é suficiente, o trompete desloca-se livremente pela sala, dirigindo-se geralmente ao participante que está prestes a ser interpelado.

As sessões da Estelle Roberts realizam-se na escuridão, mas largas faixas de tinta luminosa, aplicadas na extremidade larga do trompete, permitem aos presentes seguir facilmente os seus movimentos. Nunca vi, nas sessões da Estelle, o trompete tocar alguém acidentalmente ou embater em qualquer objeto enquanto se deslocava, muitas vezes a grande velocidade, de uma parte para outra da sala.

Os operadores espirituais demonstram frequentemente grande destreza ao mover o trompete pelo espaço. Vi feitos giratórios notáveis em diferentes sessões de voz. O trompete elevava-se com enorme rapidez até ao teto, executava todo o género de rotações velozes. Depois, num instante, descia até ao chão com precisão infalível. Seria impossível a qualquer pessoa, mesmo familiarizada com a sala, manipular o trompete com a habilidade e rapidez de alguns operadores espirituais.

CAPÍTULO VI

NAS ASAS DO AMOR

“Se eu for abatido, não sofram demasiado”, escreveu Bill Castello na sua última carta aos pais. “Temos de estar preparados para fazer sacrifícios… mas, pelo amor de Deus, não deixem que tudo recomece daqui a vinte anos, pois isso tornaria tudo fútil… Mantenham a bandeira Castello hasteada. O meu amor para ambos.”

Este é um excerto do comovente apelo do aviador morto à sua mãe e ao seu pai. *To go for a Burton* é gíria da RAF para quem não regressa. Mas Bill Castello regressou! Através da Estelle Roberts, provou a sua sobrevivência, para total satisfação e alívio dos pais. Bill é um dos militares que falaram no círculo de voz anteriormente descrito.

O tenente-coronel e a Sra. W. E. Castello, de Kingston Hill, Surrey, receberam um telegrama do Ministério do Ar informando que o filho de 22 anos estava desaparecido. Embora as autoridades aconselhem os pais a não perderem toda a esperança durante seis meses após o desaparecimento de um aviador, os Castello pressentiram que tais esperanças seriam vãs no caso do seu único filho. Já tinham sofrido duramente: duas casas bombardeadas em poucos dias — e a terceira, entretanto, gravemente danificada — mas estas perdas esbatem-se diante da tragédia esmagadora da morte do rapaz.

O tenente de voo Bill Castello, D.F.C., fora, em vida, um entusiasta do automobilismo. O seu gosto por emoções fortes levou-o a cumprir muitas missões arriscadas na RAF. Sobreviveu a campanhas na Alemanha, França ocupada, Líbia, Itália, Albânia, Bulgária, Iraque e Grécia. A sua admiração pelo heroísmo dos gregos era ilimitada. A citação que acompanhou a sua condecoração referia os numerosos voos operacionais do oficial e o seu “notável talento, coragem e dedicação ao dever.”

Foi após um ataque a Hamburgo, em abril de 1942, que os pais de Bill receberam a notícia do seu desaparecimento. No dia seguinte, foram à sua base, onde encontraram uma carta endereçada a eles, com a indicação:

"Favor enviar se eu não regressar."

É essa a carta a que me referi. O conteúdo emocionou-os profundamente e a dor quase os esmagou. Mas prosseguiram com coragem, como tantos outros pais valorosos que sofreram perdas semelhantes.

Um dia, depois da partida de Bill, a mãe teve uma experiência psíquica notável que lhe trouxe algum consolo. Sentada numa poltrona na sala de estar da sua casa, viu a figura do filho atravessar o chão e sentar-se numa cadeira em frente dela. Estava de uniforme da RAF e parecia perfeitamente natural. Sabia que não era alucinação, pois a figura parecia sólida e objetiva aos seus olhos. Mas temeu falar ou mover-se, receando que isso apressasse a partida daquela presença amada. Em seguida, a figura desapareceu.

Pouco depois desta experiência, a Sra. Castello leu um livro que fazia referência a viagens astrais (experiências fora do corpo físico). Nesse mesmo dia encontrou uma conhecida, a quem perguntou, casualmente, se acreditava em tais fenómenos. Para sua surpresa, soube que falava com uma espiritualista convicta. Ao ouvir do luto da Sra. Castello, relatou-lhe as suas próprias experiências psíquicas.

Bill esteve presente durante esta conversa? Ao que parece, sim, pois mais tarde nesse mesmo dia a amiga encontrou-se com a Estelle Roberts, a quem conhecia. A Estelle descreveu a forma espiritual de um jovem aviador que tinha entrado com ela na sala. "Ele diz que estiveste a falar com a mãe dele e que ela te mostrou a fotografia dele", informou a Estelle. Isto era verdade. Bill tinha

“irrompido” e estava decidido a chegar aos pais. Voltou a aparecer à médium e implorou-lhe que visse a sua mãe. O apelo comoveu a Estelle e, por isso, através da amiga em comum, foi marcada uma consulta privada para a Sra. Castello com a Sra. Roberts.

“Quão ingénuos são estes espiritualistas!”, poderá exclamar o descrente. “Claro que a amiga comum terá contado tudo à médium sobre o Bill.” Mas o cético terá de abandonar tal ideia mais tarde e lembrar-se também de que a mulher que conhecia ambas não tinha, na altura, relações íntimas com o coronel e a Sra. Castello.

Infelizmente, no dia marcado para a consulta, a Sra. Castello foi internada no hospital para uma operação. Ficou profundamente desiludida e pediu ao marido que fosse ver a Sra. Roberts em seu lugar. Embora o coronel Castello admitisse que “talvez houvesse algo no Espiritualismo”, já que as suas verdades tinham sido confirmadas pelo renomado Sir Oliver Lodge, até então nunca sentira vontade de se aprofundar no assunto.

Mas, para agradar à esposa, aceitou o que julgava ser uma viagem perdida. Partiu decidido a não dar qualquer informação à médium. Foi num estado de espírito crítico, sem esperar receber provas da Sobrevivência. Sentou-se na cadeira oferecida por Sr.ª Roberts e entregou-lhe a caneta com a qual Bill escrevera a última e comovente carta aos pais. O elo psíquico entre a médium e o rapaz morto fortaleceu-se quando ela segurou um objeto que lhe pertencera.

A partir desse momento, fluiu do Além um caudal de provas que confirmaram a sobrevivência de Bill. As provas foram extraordinariamente detalhadas e exatas. O pai do rapaz examinou mais tarde as notas que tinha tomado. Depois de ponderar todas as hipóteses possíveis de conluio — uma hipótese que teve de

enfrentar na altura — concluiu finalmente que recebera evidências que não podiam ser rejeitadas. A Estelle Roberts referiu-se a acontecimentos que não podia, em circunstâncias normais, conhecer. Nem sequer poderia ter obtido a informação junto de pessoas vivas. O coronel não pôde confirmar todas as afirmações no momento, mas quando as relatou à esposa, esta confirmou-as.

O aviador morto referiu-se ao diário em que registava diariamente cada acontecimento importante desde que entrara para a Royal Air Force. O pai tinha-o lido muitas vezes desde a morte do filho. Sempre se interrogara sobre uma flor prensada entre duas páginas da secção relativa às atividades do rapaz na Grécia. Sugerira-lhe um romance, apenas isso. Através de Estelle, Bill falou da flor e contou que, um dia, ao passear sozinho e ao admirar belas flores perto da Acrópole, foi abordado por uma velha. Ela colheu uma flor, deu-lha com a sua bênção. O gesto emocionou-o, e ele prensou a flor entre as folhas do diário.

Bill provou que estivera presente, em forma espiritual, enquanto o coronel folheava os seus papéis. Descreveu tudo o que vira o pai fazer. A Estelle Roberts, uma completa estranha, nunca tinha estado dentro da sua casa. A informação não poderia ter vindo dela. Algumas das ações do coronel, testemunhadas pelo filho durante essa dolorosa tarefa, nem sequer eram conhecidas pela Sra. Castello.

"Dá as minhas roupas, estão a afligir-te", disse o piloto morto através da Estelle. Pouco antes da sessão, os pais tinham mudado para uma nova casa, já que a anterior fora destruída por uma bomba.

"Chorei como uma criança ao arrumar as roupas do Bill", disse o pai.

Bill afirmou também, na sessão, que parte das suas roupas já tinha sido dada. Quando o coronel contou isto à esposa, perguntou:

"Isto não está certo, pois não?"

Ela respondeu que era verdade: não lhe tinha contado, mas já dera algumas das roupas de Bill a pessoas necessitadas.

Em mais esta e outras sessões, Bill falou de um "livro vermelho", uma referência que não fazia sentido para nenhum dos pais. Um dia, um impulso inexplicável levou o pai a abrir uma gaveta até então por examinar. Lá estava o livro vermelho! Era um documento valioso, no qual o aviador registara meticulosamente tudo o que dizia respeito ao seu carro de corridas. O carro tinha sido desmontado quando Bill se alistou, no início da guerra. S

em a informação contida no livro, o novo proprietário ficaria em desvantagem. Com o gesto atencioso de Bill, vindo do Além, o carro poderia agora ser reconstituído com facilidade. O livro vermelho continha instruções completas sobre combustível, lubrificação e todos os detalhes técnicos de manutenção.

Recorda-se que Bill exortara os pais, na sessão de voz, a "manter a bandeira hasteada." Era a sua expressão favorita, usada também na última carta que lhes escreveu. Embora a sua presença terrena tenha desaparecido do lar, permanece, como sempre, um membro querido da família. O tenente-coronel e a Sra. Castello receberam o conforto do conhecimento na sua hora de dor.

Agora, enfrentam o futuro com coragem e confiança, plenamente conscientes do profundo afeto de Bill e do seu contínuo interesse por eles. Mas o filho também trabalha arduamente no seu ambiente espiritual. A sua obra de amor é uma tarefa autoimposta. Ele é, em grande parte, responsável pela

organização que, do Outro Lado, auxilia o Red Cloud a reunir os mortos da guerra com os seus familiares enlutados.

A bandeira dos Castello continua hasteada!

Uma das façanhas mais notáveis de Bill, desde a sua partida, é a notável fluência da sua voz direta. Fala de modo tão natural que é difícil imaginar que seja um visitante de outro mundo. As suas conversas com os pais são íntimas e humanas, como se a morte não tivesse interrompido os laços familiares de amor. E Bill, com a cortesia que certamente lhe era característica, espera até ter ajudado os outros a falar. E, à exceção do Red Cloud, a sua é a última voz ouvida na sessão.

Um dos nossos maiores pilotos noturnos, o tenente de voo R. A. Stevens, foi distinguido com a D.F.C. e barra e, postumamente, com a D.S.O. O seu retrato está exposto na Galeria Nacional, pois foi o modelo para o notável quadro de Eric Kensington, *Retrato de um Caça Noturno*.

Muitos tributos foram prestados a "Cat's-eyes" Stevens, tanto em vida como após a sua morte. Uma citação referia-o como "um piloto noturno destemido e excecional."

Outro tributo dizia:

"A sua coragem, determinação, rigor e talento deram excelente exemplo à sua unidade." Jornais chamaram-lhe "o homem que abateu pelo menos 14 aviões nazis nos ataques a Londres."

E, no entanto, por uma ironia do destino, este ás da aviação noturna encontrou a morte em operações diurnas ao largo da costa holandesa. Numa homenagem radiofónica após a sua morte, o capitão de grupo W. Helmore chamou-lhe "esse príncipe entre os caças noturnos." Disse que, ao ler o obituário de Stevens, "sentiu

como se uma pequena luz, que brilhara contra o fundo em chamas da guerra, se tivesse apagado subitamente, sem deixar rasto."

Mas a personalidade de Stevens não se tinha "extinto", como o comentador imaginava. Sei-o porque o ouvi falar à esposa em voz direta, na sala de sessões de Estelle Roberts. A morte do marido foi a segunda tragédia, em pouco tempo, que atingiu a Sra. Stevens. Não muito antes de o tenente de voo Stevens ser morto, a filha de dois anos, Frances, falecera.

A morte da menina foi indiretamente causada pela guerra: resultado da explosão de um candeeiro a petróleo usado depois de um bombardeamento ter cortado a luz e o aquecimento em casa. A Sra. Stevens acredita que as circunstâncias da morte da filha deram ao marido o incentivo para as suas façanhas noturnas. Frances era devotada ao pai e sofria quando ele regressava ao serviço após a licença em casa. Essa saudade debilitou também a saúde da pequena.

Em dezembro de 1941, a Sra. Stevens foi oficialmente notificada de que o marido estava desaparecido e, na semana seguinte, a sua morte foi confirmada. Os detalhes oficiais eram escassos: ele comunicara por rádio que tinha problemas de motor sobre a Holanda. Acrescentou que, se necessário, saltaria de paraquedas. Depois, os sinais de rádio cessaram e nada mais se soube dele.

Como de costume, "Cat's-eyes" Stevens voava sozinho, encorajado a assumir o papel de "lobo solitário" devido ao seu êxito notável nesse estilo de combate. Depois chegou a notícia de que a Cruz Vermelha alemã encontrara destroços do avião e, nas proximidades, um corpo não identificado. "Cat's-eyes" Stevens sempre detestara a burocracia e ironizava o "red tape." Costumava voar com um pedaço de fita vermelha no avião, e foi

essa fita que ajudou a identificar a máquina destruída e a confirmar a sua morte.

Durante alguns meses após a morte do marido, a Sra. Stevens permaneceu num estado de desespero absoluto. Até que, um dia, uma amiga interessada no Espiritualismo sugeriu-lhe uma consulta privada com Estelle Roberts. Na sua primeira sessão, as lágrimas da viúva dissiparam-se, pois o tenente de voo Stevens provou a sua sobrevivência.

Não houve qualquer dúvida quanto à identidade do aviador morto. Referiu-se a factos e detalhes domésticos impossíveis de serem conhecidos pela médium. A Sra. Stevens afirma que, no início da sessão, o marido se mostrou agitado e cheio de remorsos. Parecia pensar que tinha sido negligente, por muitas vezes não escrever durante missões prolongadas. A esposa consolou-o. O falecido falou do reencontro, no mundo espiritual, com a filha Frances.

Referiu-se também ao irmão gémeo da criança, John, que ainda vivia com a mãe. Depois, para surpresa dela, disse: “Agora vais buscar uma medalha por mim.” Ela não sabia, na altura, que três dias antes de ser dado como desaparecido fora decidido atribuir-lhe uma D.S.O. Poucos dias depois, recebeu o convite para ir ao Palácio de Buckingham receber a condecoração póstuma do marido.

Perto do fim da sessão, Stevens estava mais calmo. Descreveu a sua partida, dizendo que sentira um choque terrível, seguido de uma completa perda de consciência, até despertar no mundo espiritual. Disse à esposa que se alegrava por não ter caído no mar, pois tinha horror à ideia de ficar à deriva numa jangada durante dias. A Sra. Stevens compreendeu bem esse comentário. O marido costumava dizer: “Não me importo de ser abatido, mas não quero andar à deriva no mar durante dias.”

Alguns meses depois, a Sra. Stevens teve nova sessão com a mesma médium, e o marido voltou a comunicar. Falou com maior facilidade, pois encontrava-se mais sereno. Forneceu mais provas de identidade e falou dos dois filhos — um morto e outro ainda vivo. A Sra. Stevens não compreendia por que motivo a médium dizia que o marido "ainda voava." Só viria a compreender mais tarde. Quando participou numa sessão em grupo, em Brighton, recebeu nova prova da Sobrevivência de um médium local. Recebeu uma excelente descrição da filha morta, Frances, até aos pormenores do vestido que usara. "Ela está a trazer-lhe flores", acrescentou o médium. Em vida, a menina costumava levar flores do jardim à mãe.

A experiência psíquica seguinte da Sra. Stevens foi a mais marcante: a sua visita à sessão de voz de Estelle Roberts. "Não quero que olhes para trás", disse-lhe o marido, "mas para a frente, para o tempo em que estaremos juntos." A esposa declarou: "A voz do meu marido foi impressionante. Não esperava que falasse tão bem como falou."

Foi após esta sessão de voz que a Sra. Stevens finalmente compreendeu o significado da frase que não percebera numa consulta anterior — a de que o aviador morto estava "ainda a voar." A Sra. Max Whiting entrou em contacto com ela depois de ler, no *Psychic News*, o relato das suas experiências. Era desconhecida da Sra. Stevens quando lhe escreveu, e contou-lhe que o marido, também na RAF, tinha ido a uma sessão. O tenente de voo Stevens, que fora seu amigo, manifestara-se e fornecera provas irrefutáveis da sua sobrevivência. Stevens deu o próprio nome e até a sua alcunha.

Referiu-se a um episódio divertido que tinha ocorrido entre ambos nos primeiros tempos da guerra. Era algo impossível de ser conhecido pela médium. Quando Max Whiting perguntou ao morto o que realmente acontecera no momento da sua morte na

Holanda, recebeu como resposta: “Tentei saltar, mas o paraquedas ficou preso na asa e o Jerry abateu-me. É tudo o que sei.” Vale a pena registar que um parente recebeu do Ministério do Ar a confirmação desta mensagem espiritual.

Max Whiting disse à Sra. Stevens que tinha consciência de que o marido dela o ajudava nos seus voos. “Cat’s-eyes” Stevens prometera-lhe isso durante a sessão e, tão convencido está Whiting dessa realidade, que leva consigo a fotografia do amigo em todos os voos.

“Eu teria enlouquecido se não fosse o Espiritualismo”, afirma a Sra. Stevens. “Antes de ir ter com a Sra. Roberts, eu vivia em total desespero e apenas existia contra a minha vontade. Ela foi de uma ajuda imensa: agora sinto-me completamente diferente.”

CAPÍTULO VII

ELOS NA CORRENTE

Muitos de nós estabelecemos uma comunhão muito próxima com os guias espirituais que nos acompanham em círculos domésticos e noutros contextos. A experiência deu-nos uma confiança implícita na sua capacidade de orientar e ajudar. Estes espíritos altamente evoluídos não são menos conhecidos e amados só porque são invisíveis aos amigos terrenos que não possuem o dom da clarividência.

No entanto, por vezes os espiritualistas tendem a esquecer — não a cooperação dos guias, mas a proximidade e a naturalidade da sua relação connosco. Este facto impressionou-me de novo depois da primeira visita de Arthur C. Findon, então editor do *Leader*, e da sua esposa ao nosso círculo doméstico. Vieram trazidos por Hannen Swaffer. Eram quase estranhos e, para além de sabermos que o filho deles tinha sido morto, nada conhecíamos das suas vidas privadas.

Silver Birch é o guia índio do nosso círculo, conhecido como o Círculo Doméstico de Hannen Swaffer. Ao contrário do Red Cloud, cuja principal missão é fornecer provas da sobrevivência aos que choram, a obra do Silver Birch situa-se sobretudo no campo do ensino. Possui um vocabulário vasto e uma eloquência notável. Mas a sua profunda sabedoria é expressa em linguagem simples, porque a verdade é sempre simples. Só os teólogos fizeram da religião um assunto complicado. Como os ensinamentos do Silver Birch são registados no *Psychic News*, ele é conhecido e amado por milhares de pessoas em todo o mundo.

Quando o Sr. e a Sra. Findon falaram com este guia no nosso círculo doméstico, ele ofereceu-lhes consolação no seu luto pela morte do filho. Os pais procuravam provas da sua sobrevivência. O Silver Birch disse-lhes que iria procurar o Red Cloud para que o rapaz pudesse ser ajudado a comunicar numa sessão de voz da Estelle Roberts. Naturalmente, a Estelle não foi informada da

visita dos Findon ao nosso círculo, nem da promessa do Silver Birch.

Contudo, no mesmo dia em que o registo dactilografado da sessão foi levado, como de costume, ao escritório do *Psychic News*, a Sra. Roberts telefonou ao meu marido, o editor. Contou-lhe que o Silver Birch lhe tinha aparecido três vezes, trazendo consigo um jovem aviador que lhe implorava para convidar a mãe e o pai a uma sessão. A médium disse que desejava poder descrever devidamente a expressão no rosto do Silver Birch ao conduzir-lhe o aviador: era um olhar de súplice doçura, impossível de resistir.

A Sra. Roberts disse que ficaria feliz em dar uma sessão aos pais do rapaz morto, se fosse possível marcar uma data.

Sobre a sessão que se seguiu, o meu marido declarou: "Nunca mencionei os nomes dos pais a Estelle Roberts. Nem lhe dei qualquer informação sobre eles. Sabia que o filho tinha partido, mas não sabia o nome dele. Nem sequer conhecia os nomes referidos pela Estelle durante a sessão, com exceção de Arthur Findon."

Este é o relato que o editor do *Leader* escreveu sobre a sua sessão privada com a Sra. Roberts:

Por Arthur C. Findon

A sessão, que durou aproximadamente uma hora, foi organizada pelo Sr. Barbanell. A Sra. Roberts afirmou claramente que não sabia quem éramos e registara-nos no seu diário como "dois amigos do Sr. Barbanell." Sabia, contudo, que a tínhamos procurado com uma missão específica: verificar se conseguiria algum contacto com o nosso filho, morto enquanto pilotava um avião sobre a Alemanha em agosto de 1941. Nem a minha mulher

nem eu alguma vez tínhamos conhecido a Sra. Roberts, e tanto quanto sei ela não tinha qualquer conhecimento sobre nós.

Não pretendo aqui recorrer a descrições literárias, mas ater-me apenas aos factos que emergiram.

Muito cedo, a Sra. Roberts declarou ter consigo um jovem aviador cuja descrição correspondia ao nosso filho, salvo no pormenor da idade, que ela situou entre os 23 e os 25 anos, quando na realidade tinha 27. Deve referir-se, porém, que o rapaz sempre parecera mais novo do que era. Antes de começar, a Sra. Roberts pegou numa caneta de tinta permanente que a minha mulher lhe deu e segurou-a.

Pouco depois, fez um esforço para pronunciar um nome foneticamente: "E – E – E – ER – ER"; depois, finalmente: "Eric. É o Eric a falar." Seguiu-se uma série de mensagens, dirigidas sobretudo à mãe, transmitidas pela Sra. Roberts. O significado dos nomes será explicado nas notas que se seguem.

Disse: "Diz ao Jim que tudo é muito real aqui. Ele provavelmente vai rir-se, mas por favor diz-lhe." Mais tarde, após nos assegurar que nada recordava do momento em que foi abatido, salvo o choque de ser subitamente transportado para outra esfera, acrescentou: "O Charlie está aqui." Pouco depois disse também que estava com a Nellie, a Mary e o John. Falou ainda do John como sendo muito mais novo do que ele. Disse que estavam todos muito felizes.

A Sra. Roberts perguntou então à minha mulher: "Sabe alguma coisa sobre um anel da sua mãe?" Ela respondeu: "Não." A mensagem então foi: "Pergunte à tia, ela é mais velha do que você." A Sra. Roberts disse depois que recebia mais nomes e mencionou Mary, "Ginger" e Louis. Enviou também uma mensagem a Peter: "Por favor, diz ao Peter que é tudo muito real aqui. Estou a trabalhar com os rapazes, a ajudar onde posso.

Muitos de nós têm chegado. Muitos estão confusos. Continua a sorrir."

Pedi à Sra. Roberts que perguntasse se tinha uma mensagem para mais alguém. Houve uma longa pausa e, depois, a Sra. Roberts disse: "Ele está a tentar dar-me um nome, mas só consigo a letra E. Ele diz: 'Dá à E todo o meu amor — o meu amor mais profundo — e diz-lhe que não tenha medo.' Quer saber se ela recebeu a carteira dele com as cartas dentro."

Depois perguntou pelas roupas, referindo-se especialmente a um casaco de tweed castanho. Disse também — segundo a Sra. Roberts, em tom de brincadeira: "Diz ao Pai para se lembrar das pantufas." (Nota: em vida, Eric chamava-me sempre "Dad", nunca "Father.")

Perguntei à Sra. Roberts se era possível pedir-lhe os nossos nomes. Disse Arthur sem hesitar muito e, após alguns segundos, tentou formar um nome começado por D, que se tornou DOR e, finalmente, DOLL. Perguntou se "Doll" tinha significado. Respondi que era a alcunha da minha mulher, pela qual era sempre chamada.

Entre outras mensagens, recebemos duas que recordavam aniversários — um em fevereiro e outro em maio — e três nomes: James, Henry e Billy, que ele disse estarem com ele.

Por fim, pedi à Sra. Roberts uma mensagem íntima para qualquer de nós e, após algum tempo, ela disse-me: "Ele fala de um relógio, ou despertador, ou pequeno relógio-despertador que você lhe deu. Diz que se vai lembrar."

Disse que não me recordava. A Sra. Roberts insistiu. A minha mulher então lembrou-me que, quando o nosso filho se alistou, eu lhe dera um pequeno relógio-despertador dobrável, porque ele

dizia que nunca conseguia acordar a horas. Então lembrei-me, embora ache que o ofereci antes de ele se alistar. Era irrelevante.

A Sra. Roberts disse: “Ele diz que é esse.” Depois, dirigindo-se à minha mulher, acrescentou: “Está neste momento numa gaveta ao lado da sua cama.” A minha mulher confirmou que era verdade.

Propositadamente omiti outras declarações ou mensagens, porque poderiam aplicar-se igualmente a qualquer pai ou mãe enlutados pela perda de um filho em circunstâncias semelhantes.

É preciso recordar que a única razão pela qual Barbanell procurou a Sra. Roberts foi verificar se conseguiria obter alguma prova da sobrevivência do nosso filho. Se eu, a minha esposa ou qualquer leitor destas notas partirmos do princípio de que a Sra. Roberts é mentirosa, charlatã, ou uma mulher capaz de explorar os sentimentos de pais enlutados; se acreditarmos que Barbanell ou Swaffer lhe deram informações sobre nós, então tudo desmorona como um castelo de cartas.

Barbanell assegura-me que não deu qualquer informação à Sra. Roberts, e estou certo de que Swaffer não conhecia o suficiente da nossa vida privada para transmitir algo relevante. Portanto, se fosse uma farsa, Barbanell ou outro cúmplice teriam de ser igualmente culpados de um embuste quase inacreditável.

Se a Sra. Roberts tivesse desejado investigar o passado do meu filho, poderia ter ido às bibliotecas de recortes de vários jornais, onde existiam algumas referências. Contactei os bibliotecários e todos afirmaram que os envelopes “Eric Findon” não tinham sido tocados desde que ele foi oficialmente registado como “Morto em ação” em janeiro de 1942.

Além disso, se a Sra. Roberts tivesse tido acesso a esses recortes, seria de esperar que tivesse mencionado alguns dos

factos aí relatados: que ele trabalhara no teatro e no cinema, que fora jogador internacional de ténis de mesa, ou que tentara atravessar de caiaque o canal da Mancha, de Dover a Calais, aventura que mereceu grande publicidade na época. Mas ela não mencionou nenhum desses factos.

Passo agora a identificar brevemente os nomes transmitidos pela Sra. Roberts:

- Jim: irmão da minha mulher. Tio dele. Nunca chamado "Uncle", sempre "Jim". Conhecido pelo seu espírito cínico e pela provável troça de tudo o que fosse sobrenatural. Isto explica a mensagem: "Diz ao Jim que tudo é muito real aqui, ele provavelmente vai rir-se…"

- Charlie: pai da minha mulher. Em criança, os meus filhos chamavam-lhe avô, mas como todos os adultos o tratavam sempre por Charlie, acabaram por o adotar também.

- Nellie: mãe da minha mulher. As crianças chamavam-lhe "Grannie" ou "Mum." Nós conhecíamo-la por Nellie, mas não era nome tão usado como Charlie. Ambos tinham falecido alguns anos antes.

- Mary e John: Mary era tia da minha mulher, muito estimada pelos meus filhos, sempre chamada Tia Mary. John, referido como muito mais novo, era o nome do nosso filho que morreu pouco depois de nascer.

- Ginger e Louis: de momento, nem a minha mulher nem eu conseguimos identificar estes nomes. Perguntámos à esposa de Eric se ela os reconhece.

- Peter: amigo próximo dos meus dois filhos, atualmente ao serviço.

- E: a esposa de Eric chama-se Edith. Não sei ao certo, mas é possível que ele a tratasse por “Ede” ou “Edie.”

Estamos a perguntar à esposa dele acerca da carteira. A referência ao casaco de tweed castanho é exata. O casaco está num baú guardado em Brighton. A piada sobre as pantufas eu compreendo. A minha mulher comprou-nos a ambos um par de chinelos de quarto num Natal. Eram pares idênticos e discutíamos amigavelmente sobre quais eram de quem. Na verdade, os meus gastaram-se, e quando o Eric partiu, fiquei com os dele e ainda hoje os uso.

Os aniversários a que se referiu são: fevereiro — a morte de Ben, o nosso filho que faleceu durante a última guerra (aliás, na sua mensagem, o Eric disse que era um aniversário triste). O outro, que ele descreveu como um aniversário feliz em maio, é o mês de nascimento do irmão dele, Max.

Os nomes James e Henry eram conhecidos da minha mulher como tios, e Billie era a alcunha do irmão mais novo dela, de quem não sabemos o paradeiro há vários anos. Nem sequer sabemos se ainda está vivo.

Eis a evidência sem enfeites, registada com notas tiradas no momento. Gostaria de fazer uma observação acerca dos nomes. Creio que seria relativamente fácil para qualquer pessoa sentar-se e escrever, digamos, 30 nomes masculinos e 30 nomes femininos. Se 60 nomes fossem colocados num chapéu, as probabilidades de sair, um após outro e sem ordem particular, os nomes que enumerei acima seriam enormes. Um matemático poderia calculá-lo. Eu não consigo.

Por outras palavras, ao tirar conclusões, somos obrigados a perguntar se seria humanamente possível alguém produzir uma sequência de nomes como a que citei, sendo que todos, com duas

exceções, foram reconhecidos por nós e pertenciam a pessoas intimamente ligadas à nossa família.

Mais tarde, a esposa do meu filho identificou Louis (provavelmente Louie, diminutivo de Louise) como uma amiga em comum de quem ambos gostavam muito. Eu não a conhecia. O nome "Ginger" não é reconhecido. A esposa do meu filho diz que sabia que ele tinha uma carteira com os seus papéis e cartas, mas nunca a recebeu. Certamente que ele a levava consigo, e perdeu-se com ele.

Algumas semanas depois de ter escrito estas palavras, ele e a esposa foram convidados para uma sessão de voz direta em casa de Estelle. O editor do Leader escreveu depois as suas impressões e experiências nessa sessão. Eis o que disse:

Por Arthur C. Findon

Esta foi a minha primeira experiência numa sessão de voz direta. Espero que não seja a última. Se estivesse a escrever este artigo para um jornal diário, provavelmente abordá-lo-ia de outro ângulo. Teria de explicar em detalhe como examinei a sala antes de a sessão começar e não encontrei nenhum aparelho de ilusionismo; como peguei no trompete e concluí que era um objeto vulgar; como bati nas paredes e pressionei o tapete numa busca vã por fios ou engenhos semelhantes.

Afirmo que, se a Estelle Roberts tivesse recorrido, durante os seus muitos anos de mediunidade espiritualista, à magia cénica de Maskelyne, ao hábil embuste de Devant ou ao ardil profissional de Chung Ling Soo, já teria sido desmascarada e ostracizada há muito da sociedade decente.

De facto, seria necessário todo o aparato elaborado de um ilusionista profissional para apresentar sequer uma imitação

aceitável dos fenómenos extraordinários que testemunhei naquela pacata casa de Surrey.

O que aconteceu? Dezasseis homens e mulheres sensatos, sóbrios, atentos e de espírito claro sentaram-se em círculo numa sala de tamanho comum. A Estelle Roberts ocupava o que se poderia chamar a posição de "presidência." A sala foi escurecida e iluminada apenas com luz elétrica. A Estelle entrou em transe com a luz acesa. Demorou cinco minutos ou mais a atingir a inconsciência exterior. Quando a sua respiração pesada e sonora se tornou calma e rítmica, a luz foi apagada.

Quando os nossos olhos se habituaram à escuridão, vimos as marcas de tinta luminosa no trompete erguido no chão, a nossos pés. Nada havia de assustador ou fantasmagórico na situação. Conversámos, e aqueles que nunca tinham assistido a uma sessão de voz especulavam com otimismo sobre o que poderia acontecer.

Não ficámos desiludidos. Em um ou dois minutos, o trompete moveu-se. Elevou-se alguns centímetros do chão. Seguiram-se pancadas secas, ao bater no tapete num staccato que parecia dizer: "Silêncio, por favor." Imaginei um mestre-de-cerimónias a chamar à ordem um grupo ruidoso de convivas.

O trompete subiu mais alto, à altura dos ombros, diria eu. Seguiu-se um silêncio tenso — aquele silêncio que "se ouve." E então, a voz do guia da Estelle, Red Cloud, dizendo-nos, nos tons graves e densos de um índio maduro, que fazia o possível para reunir os rapazes do seu lado, tão ansiosos por comunicar com os entes queridos que se sentavam, esperançosos e expectantes, naquele pequeno círculo.

Por fim… "Atenção"… O Red Cloud deu-nos o sinal de silêncio… uma voz estava a chegar.

Não vou falar das mensagens, salvo uma observação sobre o caso espantoso do meu próprio filho. Isso, dentro de instantes. Antes, tentarei, ainda que desajeitadamente, transmitir as minhas reações como as recordo.

Cada voz que se manifestava era diferente, tanto no tom como na cultura. Stanley Burgess, que morreu em Creta, falou com a mãe (que viera de Northwich) no sotaque típico dos naturais de Cheshire. Depois surgiu a voz suave e culta de Stephen Cohen, que falecera num hospital na Índia e lamentava ter sido um "bicho" a causa da sua morte — "não muito digna de um soldado."

Stephen falou das suas aspirações a ser advogado, da sua esperança de ser deputado… e assegurou à mãe, Lady Cohen, que os estudos feitos em vida não tinham sido em vão. Ajudavam-no na sua carreira no mundo espiritual. A Lady Cohen, claramente emocionada, falou de assuntos íntimos… Stephen deu-lhe conselhos… tudo tão íntimo, tão real.

Depois surgiu outro contraste: o jovial Bill Castello, líder dos quatro rapazes mortos que, com a ajuda do Red Cloud, estão a realizar estes extraordinários contactos com o plano terreno. A mãe e o pai dele estavam no círculo. Creio que era a quinta vez que falavam com Bill. Para mim poderia ter sido a quinquagésima, tal era a naturalidade, a espontaneidade e a liberdade de tudo aquilo.

A voz de Bill era também muito culta. Deu-me a impressão de ser daqueles rapazes que agradam a todos. Mesmo quando repreendeu o pai por se preocupar com assuntos de negócios, disse-o como quem aconselha um grande amigo: "A sério, velho, tens de largar isso ou vais rebentar. De que serve preocupar-te, afinal?" — ou palavras nesse sentido.

E então veio a experiência que nem a minha mulher nem eu esqueceremos jamais. O Red Cloud disse-nos que havia outro rapaz cujos pais aguardavam ansiosamente uma mensagem e que queria falar.

O trompete, entretanto, flutuava muito perto do tapete. A boca, calculei, estaria apenas a dois centímetros do chão quando ouvi: "Não é impossível… vai… impossível? Não… fala." Pareceu-nos, a mim e à minha esposa, que havia uma discussão "do outro lado." Depois… uma voz: "Conseguem ouvir?… é o Eric a falar."

Fiquei atónito. Poderia ser realmente a voz do nosso filho, abatido sobre a Bélgica ao pilotar um Whitley nos dias sombrios de agosto de 1941?

A voz era baixa, um pouco metálica. Duvido que a tivesse reconhecido em circunstâncias normais. Mas era preciso lembrar que passava por um trompete de metal com mais de trinta centímetros de comprimento. Era preciso lembrar que até a rádio altera a voz real do locutor. Eu próprio recordava como, ao ver-me e ouvir-me falar num noticiário Movietone, mal reconhecera a minha própria voz.

Seja como for, o Eric continuou a falar. A minha esposa e eu fizemos perguntas, questões pessoais que nada significavam para os outros nem para os meus leitores. Recebemos mensagens de amor para a jovem esposa dele. Ele lembrou-me, imagino que com um brilho maroto no olho espiritual, que tentava há muito tempo comunicar, mas que "os jornalistas são duros de roer."

Seguiu-se uma citação: "Há mais coisas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia." Pouco depois despediu-se e pediu-nos para voltarmos a falar com ele.

Fiquei espantado. Francamente, a antipatia inata e teimosa contra tudo o que fosse sobrenatural fez-me pensar: “Isto é uma farsa. Tem de ser um truque. Tais coisas não podem acontecer.” Mas, analisando com calma, revi a questão de um ponto de vista prático. Quando a Estelle saiu do transe e acenderam as luzes, olhei de novo para a sala.

Como poderia aquele trompete ter sido manipulado? Como poderia, como no refrão da canção, “flutuar no ar com a maior facilidade,” sem um intrincado sistema de fios ou sem ser guiado por uma mão humana? E, se fosse este o caso, seria humanamente possível alguém realizar tais movimentos flutuantes sem produzir o mais pequeno som?

Estou certo de que houve momentos naquela sessão em que o trompete se deslocou de tal forma que o silêncio era tão denso que o menor movimento de um corpo, o mais leve farfalhar de roupa ou o mais ínfimo estalar de uma articulação teriam sido claramente audíveis.

E mesmo que algum ser humano, furtivo como uma pantera, tivesse conduzido o trompete nas suas viagens aéreas, como explicar, por métodos materiais, a produção da “voz”? Pois não há dúvida de que a voz emanava do trompete, tão seguramente como a voz gravada de um cantor emana da trompete de um fonógrafo antigo.

Era possível ter-se montado algum tipo de ligação microfónica entre a Sra. Roberts, ou um acessório, e a boca da trompete, que produzisse o mesmo efeito? Não consigo acreditar nisso. Seria necessário todo o saber e perícia de peritos superespecializados em rádio para conseguir tais resultados.

Não sou ingénuo. Tive o que o meu querido rapaz justamente chamou uma experiência “dura” deste mundo e das suas manhas,

e só precisaria de exames ao cérebro se desse crédito a alguma teoria de logro, por mais científica que fosse.

Prefiro abrir o meu Longfellow e ler em Resignation:

Não existe morte!
O que assim parece é transição;
Esta vida de sopro mortal
É apenas um subúrbio da vida Elísia
Cujos portais chamamos morte.

Esse é um pensamento mais elevado e inspirador do que fios ocultos ou artifícios ventríloquos.

Fomos à Sra. Roberts em busca de esclarecimento, não de divertimento. E a Sra. Roberts não recebeu um tostão de nenhum de nós pelos seus generosos serviços. Pelo contrário, partilhou connosco a sua ração e ofereceu-nos uma excelente chávena de chá!

Foi assim que a sessão de voz impressionou um homem habituado a observar e registar factos.

Agora vou contar a história de um aviador que, embora nunca tivesse visto o seu filho em vida terrena, demonstrou o orgulho de jovem pai pelo seu primogénito quando falou numa das sessões de voz da Estelle. O piloto-oficial H. L. Emden morreu no segundo dia do início da guerra, no ataque ao Canal de Kiel. Quando, através da trompete, se apresentou como “Hal”, saudou o irmão, que estava entre os presentes, por “Sonny”.

— Consegues mesmo, mesmo ouvir-me? — perguntou, quase como se fosse bom demais para ser verdade. Depois falou com outra parente, a sua tia, dizendo: — Quero que transmitas o meu amor à minha mulher.

Voluntariando o facto de terem passado seis meses desde a sua morte, declarou: — Despenhei-me num avião… Só sei que me despenhei e depois — o esquecimento.

Não conseguiu fornecer mais pormenores sobre a sua morte súbita. Estava tão emocionado por poder falar do Além que se atrapalhou na narrativa. Chegou mesmo a chamar-se pelo nome do irmão e a chamar o irmão pelo seu próprio! Mas serenou, e quando lhe perguntaram o que fazia no mundo espiritual respondeu claramente: — Estou a cuidar da minha mulher e do meu bebé… É um rapazinho adorável.

Convidado a escolher um nome para o filho que nunca vira com olhos terrenos, o aviador morto respondeu, com alguma melancolia: — Gostaria que lhe chamassem Hal. E ficou satisfeito ao saber que a família tivera a mesma ideia.

Agradeceu à tia toda a ajuda desde o seu falecimento e acrescentou: — Sou mais uma vítima da guerra… Não estive casado por muito tempo. Quando o irmão lhe perguntou se estava feliz, respondeu: — Não exatamente. Queria ficar com a minha mulher. Quero estar perto do meu filho. Foste um verdadeiro apoio como irmão.

Mencionou um tal Johnnie, no mundo espiritual, que o ajudara a falar, e repetiu: — Quero estar perto da minha mulher e do meu rapaz. O irmão disse que tentaria levar a Sra. Emden a uma sessão seguinte. — Obrigado — respondeu, jubiloso.

Referindo-se ao parto da esposa, disse: — Já recuperou. Indicou que sabia quando nascera o filho ao dizer: — Faz cerca de seis semanas… Se ao menos pudesse ter-lhe tirado uma dor. Beija o rapaz por mim… Esta é a primeira vez que falo pela voz.

Ao ser-lhe dito que tinha conseguido muito bem, assegurou aos familiares que voltaria.

Na mesma sessão, um marinheiro de 19 anos, que perecera no malfadado Courageous, voltou para a tia, o tio e a prima.

Era o marinheiro da aviação naval Reginald J. W. Byrne. Apresentando-se jovialmente: "Olá, sou o Reg," foi acolhido por dezenas de presentes, entre os quais reconheceu as vozes dos dois parentes. Primeiro disse: "Tio… onde estou agora?… Afundei-me no Courageous… Consegues ouvir-me, tia?" E voltou a repetir: "Onde estou?… Essa é a minha prima."

Prosseguiu dizendo à prima, Elsie, que o irmão dela, John, já falecido e mais experiente comunicador, o ajudara a falar. Com uma nota algo queixosa na voz, Reg disse:

"Quem me dera que a mãe pudesse vir."

Aos presentes declarou:

"Sou apenas um rapaz marinheiro. Pensei que fazia o meu melhor. Fui submergido. Afoguei-me. Pelo menos pensei que sim. Mas continuo vivo. Digam à mãe que continuo ruivo. O meu cabelo é tão ruivo como sempre. Disseram que estava morto, mas não estou; é tudo tão estranho. Tentamos que compreendam que estamos sempre convosco."

A seguir, saudou Shirley Long, do Sunday Pictorial, ali presente para uma reportagem.

"Olá, homem do jornal," bradou, e falou de pessoas que conhecera desde que morrera. A "avó Bray" foi uma, "o meu amigo Bill" outra. A sua conversa era muito humana e natural. Parecia divertir-se tanto que, quando perguntou: "Já tenho de ir?" os presentes rogaram que ficasse mais tempo.

Falou de alguns rapazes falecidos que estavam com ele, e Shirley Long perguntou se eram felizes. "Como poderiam ser felizes?" respondeu o Reg. "Muitos estão perturbados porque não queriam deixar as mulheres e os filhos."

Queria que os familiares pedissem à mãe que viesse falar com ele numa próxima sessão. Com um último "Adeusinho," a Shirley Long, pediu-lhe que dissesse ao mundo: "Nós não podemos morrer."

O comentário do Red Cloud, quando Reg se foi, foi: Apenas um rapaz marinheiro, um que fez o grande sacrifício. No nosso entender, estes rapazes representam o maior amor de todos. Entregaram as suas vidas terrenas para que vós pudésseis viver.

No dia seguinte, o meu marido falou com os pais de Reginald Byrne e contou-lhes que o filho tinha falado na sessão de voz de Estelle. Eles ficaram muito felizes e mostraram uma carta das autoridades navais a descrever como o Reg e outro marinheiro, chamado Roy Tolley, tinham lançado ao mar uma jangada com mais dez homens.

A jangada não se mantinha estável e virava-se constantemente. Por fim, todos foram atirados à água. Abandonaram-na e nadaram em direções diferentes. A comunicação dizia:

"Tolley viu o seu filho na água e chamou: 'Olá, Ruivo' a alcunha dele. Nunca mais foi visto."

O Sr. e a Sra. Byrne também receberam uma carta de Tolley:

"Estive com o seu filho na água," escreveu. "Esteve sempre muito calmo e alegre, e sorriu como de costume quando nos encontrámos no mar. Tenho muito orgulho em ter conhecido o seu filho e espero que, se tiver de segui-lo, tenha a sua coragem."

Mais tarde, numa reunião no Aeolian Hall, Reg acrescentou às provas que já dera na sessão de voz. Enquanto a Estelle Roberts fazia clarividência, disse-lhe:

"Os meus pais estão aqui. Vou indicá-los."

Seguindo as instruções dele, a médium identificou-os no centro da sala. Não tinha conhecimento prévio da sua presença naquela noite.

Para provar que realmente via o marinheiro morto, a médium deu uma descrição minuciosa dele aos pais radiantes. Descreveu as sardas no nariz e referiu o hábito dele de passar os dedos pelo cabelo ruivo.

O Reg também enviou nessa noite uma mensagem ao irmão. O Sr. e a Sra. Byrne reconheceram publicamente que as declarações feitas pela Sra. Roberts eram corretas. Afirmaram espontaneamente nunca a terem visto antes.

CAPÍTULO VIII

NOS BASTIDORES

Devido ao êxito que o Red Cloud alcançou em tempo de guerra com as suas sessões de voz, pensei que seria de interesse uma declaração sua sobre o que acontece "nos bastidores". Quando o abordámos, o meu marido e eu, disse que seria difícil transmitir o que acontecia num mundo espiritual com dimensões diferentes, mas que faria o possível.

"Há algumas coisas que vos posso dizer — disse ele —, mas outras são impossíveis. Vejamos assim: quando um cientista está no seu laboratório, a testar diversos elementos, encontra-se muito reservado e não deixa outros entrar no seu laboratório. Pois bem, neste novo grupo que formámos, ainda estamos a experimentar. Estamos a experimentar com eletricidade e éter, para que possamos mais tarde realizar a voz direta sem um corpo material, porque este causa certa interferência e desperdício. Nestas condições, à partida, temos de ser cautelosos nas experiências.

“Tenho o meu grupo. Nele há um cientista que foi muito conhecido no vosso mundo no seu tempo. Ele juntou-se desde que iniciei esta nova série de círculos de voz, que haveis de admitir serem melhores que os antigos. Depois, há alguns médicos e os quatro rapazes. O cientista e eu recolhemos certa quantidade de ectoplasma da médium e um pouco — muito pouco — dos presentes. Parte disto conseguimos conservar. É difícil para vós entenderdes, porque tendes a ideia de que o ectoplasma tem sempre de regressar à sua fonte. Essa pequena quantidade, uma fração, solidificámo-la e retivemo-la. Servimo-nos dela quando estamos prontos e colocamo-la na trompete quando a usamos.

“Seria correto dizer” — perguntou-se ao Red Cloud — “que, além do ectoplasma, que regressa sempre à médium depois de cada sessão, existe uma pequena parte que é retida por vós?”

“Certo.” respondeu ele. “É tão mínima que não se nota. Moldámo-la numa laringe, capaz de articular, para que o som possa ser transmitido em forma compreensível aos vossos ouvidos.”

“Então construíram realmente uma laringe modelo, disse o meu marido ao guia, e conservaram-no, por assim dizer, sem ligação à médium?”

“É isso que quero que recordem.” respondeu o Red Cloud.

“Depois usamos eletricidade do éter. Retiramos hastes do cinturão magnético e ligamo-las à laringe.”

“O que são exatamente essas hastes?” perguntou-se.

“Serão igualmente feitas de ectoplasma?”

“São elétricas.” disse o guia. “São algo semelhante a ondas elétricas com faixas isolantes de ectoplasma sobre elas, que retiramos da médium e que têm de regressar à médium.”

“Será, a função das hastes permitir o movimento da trompete?” perguntaram.

“Não. Por vezes há uma haste, por vezes duas. Depende das condições, do estado do corpo, da atmosfera, etc. Estes fatores influenciam o raio de vida da eletricidade, como acontece no vosso mundo, porque temos de acertar a vibração do vosso mundo.”

“Será o mesmo tipo de eletricidade que temos neste mundo?” perguntaram a seguir.

“É,” disse o Red Cloud, “mas a sua revolução é mais rápida até atingir a vossa vibração elétrica. Quando ligamos essas hastes à laringe na trompete, as vozes são atingidas nas vibrações elétricas na outra ponta das hastes — não na ponta da trompete — e vibram através da laringe, que as converte em som audível no vosso mundo.”

“Em que momento ocorre a projeção da voz?” perguntou-se ao guia.

“Ocorre duas vezes.” disse o Red Cloud. “Primeiro, no astral — não precisamos de condutor para isso, usamos o nosso próprio — depois desce para uma vibração mais baixa e então passa pela haste elétrica para a boquilha da laringe. Daí vêm as vozes dos rapazes.”

“Então, são necessárias duas operações distintas para baixar a vibração ao nível terrestre e depois torná-la audível?”

“Sim, por a laringe estar dentro da trompete.”

“E onde fica o espírito comunicador, junto da trompete ou na outra extremidade?”

“Na outra extremidade, por vezes mesmo ao lado da médium.”

“Onde a haste está ligada à médium?”

“Sim.”

“Então, esse impulso elétrico percorre a haste até à laringe e assim ouvimos a voz?”

“Certíssimo.”

“O que tem o comunicador espiritual de fazer para se tornar audível? Pensa apenas, ou fala mesmo?”

“Nos círculos de voz construímos, logo fora do éter, uma caixa, ou cabine, grande o suficiente para caber um homem. Por vezes ouvistes dizer que lhes pediram para se colocarem na caixa, não é verdade? Pois bem, ficam lá dentro e nós fixamos sobre os ouvidos e a boca deles uma haste elétrica, e eles atuam sobre a haste através da qual projetam para a Terra.”

“Mas muitas vezes ficam perto da médium. Depende da calma deles e do tipo de voz que queremos transmitir. Uns são mais capazes do que outros. Sabeis que no vosso mundo há oradores e oradores. Mas eles falam, sim. É preciso muito tempo no nosso mundo antes de se passar a conversar apenas pelo pensamento. É necessário usar os lábios para exprimir o que se pensa — bem, aqui é igual. Falamos de facto.”

“Porque serão necessárias a trompete e as hastes? Porque não podem ter uma laringe junto à médium, ou sobre o próprio laringe da médium, e deixá-los falar diretamente através dele?”

“Escutai. Era exatamente aí que queria chegar. Disse-vos que estamos a experimentar. No vosso mundo há um homem que conheço…”

Aqui o Red Cloud referia-se ao Sir Ernest Fisk, um dos maiores especialistas mundiais em radiocomunicações. Sir Ernest, que trabalhou com Marconi nas suas experiências pioneiras,

declarou acreditar que um dia será possível comunicar sem fios com os mortos. Sir Ernest já falara com o Red Cloud e o guia disse dele:

"Estamos a experimentar segundo as suas linhas de investigação. Eventualmente, em vez da caixa, a máquina elétrica será construída no vosso mundo, pela qual as vozes serão ouvidas diretamente do espaço etéreo. Poderemos então manifestar a vibração de modo suficiente para atingir as formas mais densas do éter do vosso mundo através da telegrafia sem fios."

"E isso dispensará a médium?" — foi a pergunta seguinte.

"Sim, mais tarde, mas ainda não. Sabeis bem que há sempre vozes no espaço. Já provastes que vozes e música terrenas podem ser captadas em certos comprimentos de onda. Pois bem, isso virá. Dizei-lhe que tem razão. O tempo chegará, como chegou a rádio, mas ainda estamos na fase experimental."

"Mas porque será que não podem ter uma laringe sobre o da médium e dispensar as hastes?"

"Não podemos, por agora. Seria necessário formar certas hastes elétricas que poderiam interferir com a substância cinzenta da médium."

"Qual é, do vosso ponto de vista, a função da trompete?"

"Em primeiro lugar, é necessário ter elementos de condução. Precisamos de condução para manter a eletricidade coesa, algo como um pequeno gabinete para conter o ectoplasma, caso contrário este desintegrar-se-ia. É por isso que peço que se deite água pela trompete — é um condutor."

"Então, está em forma de gabinete para condensar e decompor tudo a fim de o tornar audível para nós?"

“Exato. Deveis compreender também que lidamos com as vibrações elétricas de todas as pessoas na sala.”

“O que é exatamente, tanto quanto podeis descrever, aquilo que colocais sobre os ouvidos e a boca dos que falam, e porque se faz isso?”

“Faz-se, em primeiro lugar, para desviar a atenção do que se passa ao redor e também para lhes fazer baixar um pouco a vibração de modo a tocarem nas hastes o suficiente para se exprimirem claramente.”

“É, no fundo, o meio de lhes permitir concentrarem-se em falar, excluindo qualquer outra coisa?”

“Sim, não queremos que se deixem perturbar pelos outros nem por ruído exterior. Vós tendes distrações externas; pois nós temos o ruído do universo em redor.”

“É um meio de os isolar?”

“Sim, exatamente. Trata-se de uma substância usada do nosso plano e não do vosso. É um meio de isolamento por uma substância que não podeis compreender, uma forma de éter solidificado.”

Parece-me semelhante ao tipo de aparelho que os aviadores usam para comunicar entre si.

“Sim, é semelhante. É também um meio de evitar que o comunicador seja perturbado pelas coisas correntes do nosso mundo. Sabeis bem as interferências e distúrbios atmosféricos que tendes quando os raios são cruzados por alguns veículos.”

“Então aqueles que comunicam falam com a mesma naturalidade com que falariam aqui, quando entram na caixa?”

“Sim; exceto quando falham.”

“Requer esforço por parte do comunicador?”

“Sim e não. Depende da natureza da pessoa e da sua capacidade de vencer a autoconsciência. Cada personalidade é diferente.”

“É sobretudo tensão emocional que os faz falhar por vezes?”

“Nem sempre, às vezes tornam-se conscientes em si sem tensão emocional. Alguns têm êxito, como o Henry Segrave; já se habituou bastante, tal como eu. Mas para alguns, quando ouvem as vossas vozes, isso desperta uma recordação tão forte que a emoção sobe e desistem.”

“Descreveria a tarefa de falar pela voz direta como difícil para o comunicador comum?”

“Sim, é difícil, mas lembrai-vos, está ainda na infância. Homens como o Oliver Lodge esforçam-se, com os seus conhecimentos terrenos, por ajudar este assunto a avançar.”

“Até que ponto os comunicadores são ensaiados previamente?”

“Temos de pô-los à prova.”

“Interrogam-nos antecipadamente?”

“Sim, mas não por falta de respeito ou de amor, apenas para os exercitar. Colocamo-los uma ou duas vezes para ver se conseguem sustentar-se. Se falham, recuam um pouco, mas sempre lhes prometemos que voltarão e tentarão de novo.”

“Ensaiam as provas?”

“Sim, mas por vezes, se a pessoa terrena se torna emocional, isso faz com que a voz se retire de imediato.”

“Quando se faz uma pergunta que o espírito não responde, é porque essa pergunta não foi ensaiada?”

“Exato. Por vezes podem responder espontaneamente, depende da personalidade. Estão tão focados em transmitir o que querem dizer que, por vezes, as vossas perguntas fazem-nos sentir que precisam voltar atrás para procurar respostas, e então tudo se quebra.”

“É óbvio que não estão totalmente normais enquanto comunicam, excitados com o que vão dizer.”

“Sim, mas depende da personalidade do comunicador.”

“A duração da sessão é determinada pela tensão que causa à médium?”

“Exatamente, muitas vezes vos disse: “Tenho de ir agora.” É quando os médicos vêm e me acenam que é hora de a médium regressar ao corpo.”

“Porque cai a trompete com estrondo?”

“Quando desligamos e retiramos as hastes da trompete, nada a sustém. A voz e a caixa estão muitas vezes junto da médium. Repararеis que a trompete termina frequentemente aí — na caixa. Então as hastes e a laringe são retirados e ela cai. É apenas a lei da gravidade.”

“Como é manipulada a trompete?”

“É sustentada por um raio elétrico.”

“Não é por meio de hastes?”

“No fundo é a mesma coisa.”

“Quem manipula de facto a trompete?”

“Eu.”

“Quando o Bill Castello fala com o pai e a mãe e a trompete vai mesmo até junto deles, és tu ou o Bill a movê-la?”

“Eu movo-a pelo Bill.”

“Mas o Bill não está na extremidade pequena da trompete, a voz dele continua a incidir na haste junto da médium?”

“Sim, exatamente, é essa a posição. Quando os rapazes dizem às vezes: ‘Vamos levantá-la um pouco mais,’ estão apenas a dar um pouco de força.”

“Então a ‘estação transmissora’ fica junto da médium, e o ‘altifalante’ é a trompete?”

“Sim, é uma boa maneira de o dizer.”

“Os vossos métodos são uma grande melhoria em relação aos antigos.”

“São, tudo tem de melhorar. Deve-se crédito aos pioneiros de há 50 anos, mas nunca houve trabalho como o que tendes tido nos últimos 20 anos. Tudo tem de prosseguir, se for para o bem da humanidade. Não pensais que os homens bons vão simplesmente sentar-se e esquecer todos os esforços da sua vida, pois não?”

“Haverá interferência nas sessões de voz?”

“Há. Podeis perguntar-vos porque não deixo a minha médium fazê-las demasiadas vezes. Acredito que já vos disse que a condição do mundo astral é caótica. O resultado é que, muitas vezes, há muitos a vaguear pelo nosso mundo. Isso é algo de que temos de nos precaver. Muitos homens, inconscientes em hospitais, vagueiam no mundo astral. Se tomam conhecimento de que se realiza um círculo, comportam-se como seres normais aqui e tentam juntar-se. E poderiam fazê-lo e falar tão facilmente como alguém que já cá esteja de vez. É uma das coisas de que temos de ter cuidado. Não é interferência deliberada, mas fruto do desejo natural deles.”

“Como é que são atraídos para um círculo?”

“Ouvem de algum modo. As notícias também correm aqui, e todos acorrem para ver o que se passa, como qualquer homem faria.”

“Como é que os mantendes afastados?”

“Temos vigilantes. É por isso que as vossas médiuns não deviam trabalhar metade do que trabalham.”

“Contudo, a procura é agora maior do que nunca.”

“Sim, mas deviam esperar até que as condições se estabilizem mais.”

“Aquele que comunica ouve tudo o que é dito? Tu ouves o que se diz?”

“Eu, sim, mas não os outros, apenas o que está dentro da caixa. Eles não conseguem projetar tão claramente no vosso mundo e só obtêm uma perceção distorcida do que se passa, se tanto. Recebem aqui e ali uma palavra, mas não muito, se não estão na caixa a falar. Mas eu ouço tudo.”

“No fundo, tudo se resume a uma questão de vibrações.”

“Sim, e a maior dificuldade é acertar a vibração entre a nossa frequência e a vossa, de modo que o elo funcione entre ambas no momento certo. Isso é delicado.”

“Isso consegue-se por impulsos elétricos?”

“Sim, é uma questão puramente científica. Talvez já notásseis que, por vezes, as vozes dos rapazes ficam arrastadas; é quando tentam falar e as palavras se tornam arrastadas ao atingirem a frequência mais baixa, transformando-se em som sem articulação.”

“É por isso que nem sempre obtemos os tons característicos distintos do comunicador, mas parece ouvir-se o som da voz da Estelle em fundo?”

“Isso dever-se-á ao embate entre as duas frequências. Se pudésseis escutar do nosso mundo ouviríeis as suas vozes características, mas as características da médium estão no ectoplasma. É impossível eliminar isso por completo.”

“Sim, suponho que isso é inerente ao ectoplasma, à laringe que construís.”

“Sim, não pode ser de outra maneira, exceto quando eu falo. Eu estou totalmente no comando. Afinal, os rapazes não o compreendem tão bem como eu.”

“É correto chamar-lhe uma laringe, é essa a descrição mais adequada?
Chamamos-lhe a caixa de articulação.”

“Que é que acontece à laringe que é retido, à porção de ectoplasma que não volta para a médium?”

“Levamo-lo numa caixinha que temos, porque está solidificado, não no vosso sentido, mas no sentido etérico; isto é, mais uma vez, uma transmutação da matéria.”

“Na voz direta, quando os espíritos falam, isso não é projeção astral?”

“Não, a pessoa tem de estar lá para falar; ninguém o pode fazer por ela. Não é propriamente a sua voz, ele está por detrás dela, mas suponho que é uma forma de projeção.”

“Compreendemos. Não é mais a voz real do que um disco de gramofone da minha voz seria propriamente eu.”

“Sim, é isso mesmo.”

CAPÍTULO IX
MISTÉRIOS DA GUERRA ESCLARECIDOS

Em mortes súbitas e violentas, quando espíritos desprevenidos são precipitados para fora dos seus corpos físicos, por vezes acontece que não se apercebam de imediato de que morreram. Muitos vítimas da guerra, perplexos porque os seus entes queridos já não os conseguem ver, têm de ser esclarecidos de que o motivo é o facto de já não estarem nos seus corpos físicos.

Devido às dificuldades especiais da comunicação espiritual em tempo de guerra, há casos em que médiuns, talvez não tão experientes como aEstelle Roberts, afirmaram erradamente que uma pessoa tinha passado para o Além. Isso pode acontecer quando a forma etérica de alguém, cujo corpo físico está enfraquecido, se torna visível à médium — e ela presume que a pessoa morreu.

A sensitiva tem de julgar se o corpo astral que vê, via clarividente é o de um morto ou o de alguém ainda ligado ao seu invólucro terreno. Uma médium não deve concluir, pelo facto de o corpo espiritual de um determinado indivíduo não lhe ser visível, que a pessoa por quem um parente perplexo possa estar a perguntar não morreu.

Foi essa a suposição errónea feita por duas diferentes videntes (não sei se são médiuns plenamente desenvolvidas) que disseram à Sra. Robert Crombie, de Mornington Crescent, Hounslow, Middlesex, que o seu marido-aviador, dado como desaparecido na Batalha da Grã-Bretanha, não estava no Outro Lado.

Como não ficou satisfeita com o que lhe disseram, a Sra. Crombie passou mais de um ano sem saber se o marido estava vivo ou morto. Perguntou-se a Estelle Roberts se poderia dar à esposa ansiosa alguma informação que pusesse termo às suas dúvidas, num sentido ou noutro. A médium concordou de

imediato em dar uma sessão à Sra. Crombie. Não foram fornecidos outros dados além do nome da consulente.

Quando a Sra. Crombie soube que se marcara uma sessão com a Sra. Roberts, disse: “Rezei para ter uma sessão com Estelle Roberts. As minhas orações foram atendidas. Agora, se Deus quiser, saberei com certeza o que aconteceu ao meu querido.”

As primeiras palavras ditas pela médium à Sra. Crombie foram:

“Estou em contacto com um cavalheiro que está desaparecido há cerca de 18 meses — o seu marido. Foi de avião para França… havia fogo de artilharia… ele combatia, usando metralhadoras. Estava ligado à Força Aérea.” A consulente respondeu de imediato: “Sim, era artilheiro aéreo.”

A médium prosseguiu: “A idade dele era cerca de 32 anos. Está definitivamente no Outro Lado. Diz-me que têm dois filhos e que estão casados há cerca de nove anos.” A idade do artilheiro aéreo era 31 quando passou. As outras afirmações da médium estavam todas corretas.

A Estelle perguntou: “Quem era o John, a quem o seu marido chamava Jack?” A Sra. Crombie explicou que John estava com o marido no avião.

Disse a médium: “Ambos estão no Outro Lado — despenharam-se. Disseram-lhe que o seu marido sofre de perda de memória e que é prisioneiro de guerra num hospital. Ele está angustiado com tudo isso e quer dizer que não é prisioneiro de guerra. Diz que é ‘prisioneiro da morte’. Não sei exatamente o que quer dizer com essa expressão a não ser sugerir uma separação material. Diz que hoje olhou para a fotografia dele e lhe pediu que viesse.” A esposa respondeu: “Exatamente, fiz isso antes de vir aqui.”

Depois a Estelle falou da emoção do aviador por conseguir comunicar com a esposa. “Ele menciona que o David está com ele”, disse à Sra. Crombie. “Sim, era o seu grande amigo”, respondeu a consulente.

Repetindo as palavras do artilheiro, a Sra. Roberts declarou: “Estamos três aqui: o David, o Jack e eu, o Bob.” E continuou:

“Ele quer que saiba que está a cuidar de si e dos pequeninos, e que sofre por si. As palavras dele são: ‘Tinha de ser.’ Pede agora que o seu amor seja dado à Lily, que está à espera na sala ao lado.”

A Sra. Crombie respondeu:

“Sim, é a minha sobrinha que está ali à minha espera.”

A Estelle acrescentou que o morto queria também enviar amor à Mary, e a Sra. Crombie disse que Mary era a alcunha que o marido usava para a sua mãe.

Seguiu-se então uma série de mensagens que não deixaram dúvidas sobre a identidade do comunicador. Forneceu as idades das duas filhas e disse à mãe que sempre trouxera consigo uma fotografia delas, bem como uma da esposa. Era inteiramente verdade.

“Na realidade”, disse a Sra. Crombie a Estelle, “dei pela falta da minha fotografia e suspeitei que ele a tinha levado consigo.”

A médium prosseguiu:

“O seu marido está a apontar para o seu anel, dizendo que foi ele que lho deu, e que está contente por o usar sempre.”

“É verdade”, declarou a Sra. Crombie.

“Uso-o sempre. É o meu anel de noivado.”

Quando a Estelle perguntou o que estivera a fazer com as flores junto ao retrato do marido, a consulente disse que compreendia a referência. Ficou muito comovida quando a médium disse:

"Ele trouxe-lhe violetas que me diz ter tido antes de partir na sua última viagem. As palavras dele são: 'Aqui estão elas de novo na minha primeira viagem de regresso, como na minha última viagem de ida.'"

O marido disse que vira a esposa colocar a fotografia dele na lareira do quarto. Amigos e parentes que encontrara desde a sua passagem foram nomeados pelo artilheiro. Foram também dados conselhos pessoais sobre os problemas materiais da esposa.

"Falou com a sua menina sobre uns sapatos", continuou a Estelle.

"O seu marido diz-me que na semana passada foi o aniversário da Bebé; comprou-lhe uns sapatos e prometeu à mais velha uns no aniversário dela, em abril."

"Isso é maravilhoso", respondeu a Sra. Crombie.

"Ele diz que a ouviu e quer que lhe compre uns bem bonitos", disse a médium. "Agora refere-se ao cabelo dela, dizendo: 'Não o deixes ficar demasiado ralo.' Ela tinha o cabelo curto no tempo dele e agora está comprido." Disse a Sra. Crombie:

"Fiz-lhe recentemente duas tranças."

"Ele sabe", respondeu a Sra. Roberts.

"Fica contente por ter ficado com o isqueiro dele; menciona que tinha dois isqueiros. Você tinha um e ele o outro."

"É verdade", disse a esposa. A médium falou então de um pacote enviado pelo artilheiro que a esposa nunca recebeu. O morto disse que fora despachado com um retrato do David.

“Ele manda-lhe amor do Dave”, prosseguiu a Estelle.

“Fala também do Russ, que está com ele.” Essas mensagens foram compreendidas pela Sra. Crombie.

O marido em espírito queria que a esposa soubesse que estava muitas vezes com ela. Para o provar, falou de acontecimentos em casa. Podem parecer triviais a alguns, mas à Sra. Crombie provaram que o marido continuava a velar pela família. Uma mensagem comovente foi: “Pede-lhe que beije as crianças por ele, e diz que é um conforto elas dormirem consigo.” Falando da sua passagem, disse: “Peço à minha mulher que não sofra mais por mim, pois eu não senti nada.”

Quando a Estelle afirmou que o artilheiro caíra em França, a Sra. Crombie respondeu que já lhe tinham dito esse facto. “Porque é que ele menciona o Pete, o Sammy e o Tich?” perguntou a Estelle, e a resposta da esposa foi que eram alguns dos seus amigos que entretanto tinham falecido. Prometeu que transmitiria à esposa do Pete o amor dele.

“O seu marido diz que era o mais novo da família”, declarou a médium. “Encontrou os dois irmãos e a mãe. Os dois irmãos faleceram na última guerra. Um deles, o Jimmy, está aqui hoje e manda amor à Mary. O seu marido não quer que olhe para o passado, a não ser para recordar os momentos felizes. Fica contente por ter posto a pequenina na escola.”

A Estelle disse em seguida que o comunicador falava de uma pessoa chamada “qualquer-coisa Anne”, mas não apanhava bem o primeiro nome. “É o nome da Bebé, Robin Anne”, declarou a esposa.

“Agora ele fala de um livro que a bebé acabou de receber da esposa do Pete”, continuou a médium. “Ela foi vê-la e levou várias outras coisas além do livro. Levou também algo para a

outra menina." A consulente respondeu: "Está totalmente correto." Novamente, para mostrar que conhecia o seu lar terreno, o morto referiu que o rádio estivera recentemente avariado e que gostava de o poder ter arranjado. Afirmou também ter visto a esposa a alterar um dos casacos das crianças e a arranjar uns narcisos.

Depois, para provar que tinha consciência dos pensamentos da esposa sobre ele, referiu a convicção forte e recente que ela tivera de que ele, de facto, falecera. Falou do modo como ela sentia a sua presença. O marido em espírito deu a alcunha por que ele e os seus amigos mortos eram conhecidos — "Os Três Mosqueteiros". Pediu à esposa que não se esquecesse de enviar amor à Ethel.

"Isso é muito evidencial", disse a Sra. Crombie, "porque ela é irmã dele e tem sido muito boa para mim."

No fim da sessão, estas palavras comoventes foram transmitidas pela médium: "Diz-lhe que a amarei sempre e que a esperarei." A Sra. Crombie respondeu: "Eu amá-lo-ei sempre."

"Que Deus a abençoe", replicou o morto, antes de se despedir. O espírito da Sra. Crombie ficou em paz depois da sessão com a Estelle Roberts. As suas dúvidas e perplexidades dissiparam-se. Sabia, pela abundância de provas recebidas, que o seu amado estava no Outro Lado e que continuaria a velar pela família.

Outro mistério envolvendo o destino de uma vítima de guerra desaparecida foi finalmente resolvido através da mediunidade da Estelle Roberts.

A Sra. Rose Nicholls, uma jovem que casou pouco depois do início das hostilidades, foi informada de que o marido, o Condutor H. H. Nicholls, da Artilharia Real, fora dado como

desaparecido em junho de 1940. Como tantas outras, perguntou-se se havia alguma esperança de ele ainda estar vivo. As suas dúvidas e ansiedades aumentaram com as informações contraditórias sobre o marido que recebera do Ministério da Guerra, da Cruz Vermelha e de duas médiuns.

A Sra. Nicholls contou as suas aflições a Shirley Long, do *Sunday Pictorial*. Ele pensou que a Estelle Roberts poderia ajudá-la e marcou-se uma sessão. Decidindo fazer dela uma prova, o jornalista não fez qualquer referência, no jornal, aos preparativos que tomara. Não foram fornecidos a Estelle quaisquer pormenores sobre a Sra. Nicholls, nem antes nem no próprio dia em que ela acompanhou o jornalista à casa da médium. Foi aconselhado previamente à consulente que evitasse dar qualquer pista que destruísse o valor probatório do que viesse a ocorrer.

Por essa razão, não usou luto nem qualquer emblema do regimento. Não foi apresentada à médium. A sessão durou duas horas e os resultados, depois publicados por Shirley Long no seu jornal, foram descritos como “assombrosos”.

A primeira coisa que a Estelle perguntou foi se a consulente lhe poderia dar algum objeto para segurar; isso proporcionaria um contacto psíquico. A Sra. Nicholls, portanto, entregou-lhe um pequeno embrulho. Só ela e Shirley Long sabiam que continha a gravata civil que o marido usava. Como tinha sido advertida de antemão para evitar deixar escapar indícios, a Sra. Nicholls limitou-se a acenar com a cabeça para reconhecer os pormenores fornecidos pela médium no início da sessão.

A inquiridora provavelmente pensou, de início, que o método mais seguro seria abster-se de falar por completo. Na realidade, a arte de obter os resultados mais satisfatórios numa sessão consiste em ser o mais natural possível e encorajar os comunicadores espirituais de forma não comprometedora e, ao mesmo tempo,

evitar fornecer indícios. Nenhuma médium respeitável deseja que a consulente lhe forneça "pistas" que destruam o valor das provas que gosta de apresentar.

A Estelle descreveu os últimos momentos terrenos do marido em Dunquerque. Ele estava num navio, disse ela; o navio foi bombardeado, alguns lançaram-se aos botes, mas tudo terminou depressa demais. Deu os nomes e iniciais dos camaradas do Nicholls e alguns factos sobre uma licença que ele esperava.

Depois acrescentou:

"Ele está a dar-me as iniciais B.N. Agora está a dizer: 'Nicky, Nicky'."

O silêncio da consulente foi quebrado por estas palavras. Exclamou:

"Então deve ser verdade."

Nicky era a alcunha com que o marido a tratava. Esse nome era o ponto pessoal mais importante, pois ninguém além do marido o usara, e ele próprio era sempre chamado Buddy.

Nas provas apresentadas pela Estelle, e reconhecidas como corretas pela Sra. Nicholls, incluía-se a afirmação de que o marido aparentava cerca de 30 anos de idade, embora tivesse apenas 21. Estavam casados, disse a médium, havia dois anos, e aproximava-se o aniversário de casamento. Havia, disse a Estelle, uma particularidade nos braços e nas pernas de Nicholls que fora uma piada privada entre marido e mulher. A Sra. Nicholls explicou que o marido tinha veias muito salientes nos braços e que andava com o pé virado para dentro devido a uma lesão sofrida no futebol.

A consulente foi de seguida informada de que andara a pensar ampliar uma fotografia do marido, que lhe dera um anel antigo antes de ele partir e que recentemente se desfizera da

bicicleta tandem do casal. Tudo isto foi reconhecido como verdadeiro.

Seguiram-se mais factos.

"O seu marido está a dizer-me que estará especialmente consigo em fevereiro", disse a médium, e a Sra. Nicholls respondeu que era o mês do seu aniversário.

Perto do fim da sessão surgiu a prova dramática do Condutor Nicholls de que não abandonara o ambiente da esposa.

"O seu marido diz que ontem à noite lhe falou em voz alta", disse-lhe a Estelle.

"Disse: 'Buddy, se estás mesmo no Outro Lado, aparece amanhã e prova-o. Então já não duvidarei mais'."

A esposa, espantada, respondeu: "É absolutamente verdade. Quando me ia deitar disse uma espécie de pequena oração em voz alta. Essas foram as palavras exatas que usei."

Com uma mensagem final de encorajamento,

"Nicky, Nicky, não fiques infeliz. Voltarei. Deus te abençoe", o morto despediu-se da esposa com um até breve.

Quando a sessão começou, a Sra. Nicholls confirmava as provas acenando com a cabeça, tão determinada estava em não deixar escapar pistas. Mas, à medida que as provas se acumulavam de modo rápido e intenso, acabou por perceber que o marido de facto passara para o Além. A tensão causada pelas suas dúvidas e receios desapareceu. Após essa sessão, afirmou: "Estou convencida agora. Já não me vou preocupar. Agora sei."

Leslie Oldham, da St. James's Road, Southampton, é um comissário de bordo que foi torpedeado três vezes. A sua casa também foi bombardeada. Serviu no *Arandora Star* quando o paquete foi afundado pelo inimigo. Era comissário no *Avila Star*

antes de o navio ser torpedeado. Pela terceira vez, o seu navio foi a pique e ele ficou à deriva no Atlântico. Mas, apesar de todas essas desventuras, Leslie Oldham continua a apresentar ao mundo um semblante sorridente. Ele, cujo corpo físico sobreviveu três vezes aos perigos da guerra no mar, sabe que a sobrevivência do corpo espiritual é um facto. É espiritualista há alguns anos.

Através dos poderes de materialização de Lily Hope, uma médium neozelandesa, alguns dos parentes falecidos de Leslie Oldham provaram que continuavam a existir. Em certa ocasião, foi-lhe dito pela Irmã Monica, guia dessa médium, que fazia parte da sua missão auxiliar aqueles que estavam prestes a "cruzar a barra". Oldham é dado à meditação. Quando se concentra, consegue sentir a presença de amigos espirituais.

Duas horas antes de o *Avila Star* ser torpedeado, a Irmã Monica apareceu-lhe no camarote. Curiosamente, na altura, não relacionou a aparição com as declarações que ela fizera acerca da sua missão. Pensou tratar-se apenas de um caso de atração psíquica. Pouco depois deixou os seus aposentos e juntou-se a quatro companheiros noutro camarote.

Foi enquanto dois amigos dançavam ao som de um disco de gramofone que um torpedo atingiu o *Avila Star*. Deu-se uma explosão terrível e Oldham dirigiu-se de imediato ao posto dos botes-salva-vidas, conseguindo baixar um bote até ao convés de passageiros. Como tinha um braço deformado, incapacidade recebida na última guerra, o comissário não podia escorregar pela espia para alcançar o bote. Entretanto, este ficou cheio de passageiros e tripulantes, e um oficial ordenou-lhe que entrasse noutro bote. Isto salvou-lhe a vida, pois um outro torpedo virou o primeiro bote, atirando todos os ocupantes à água. Acabaram por largar cinco botes, entre eles um que levava Leslie Oldham.

Ao fim de 72 horas, três dos cinco botes foram avistados e recolhidos por um cruzador português que desembarcou os sobreviventes nos Açores. Oldham diz que, durante todo o tempo em que esteve no bote ao relento, o seu desejo dominante foi ter uma sessão com a Estelle Roberts, caso viesse a ser resgatado. Quando, finalmente, chegou a Londres, o seu desejo foi satisfeito.

Ora, Estelle nada sabia sobre os companheiros de Oldham, embora estivesse ciente de que ele era um sobrevivente do *Avila Star*. Ainda assim, descreveu-lhe os camaradas mortos. Primeiro falou de um homem chamado Clarke, conhecido, como é óbvio, por "Nobby". Tudo o que Oldham sabia era que Clarke fora resgatado após 20 dias no mar e que morrera uma hora depois de ser recolhido. Por intermédio da Estelle, o morto disse que fora sepultado no mar. Para fornecer alguma prova de identidade, mencionou duas malas de mão que comprara para a esposa e recordou a ocasião em que Oldham o acompanhara para ajudá-lo na escolha.

"Nobby" foi seguido por um rapaz conhecido entre os companheiros por "Blackie". Fora resgatado com Oldham e outros, mas ficou numa ilha porque estava doente. Morreu depois de os demais terem zarpado para a Inglaterra. O jovem em espírito declarou:

"O Velho Jonie salvou-se."

Era uma referência a um companheiro chamado Jones, que Oldham sabia ter sido salvo, mas Estelle Roberts não poderia conhecer a alcunha "Velho Jonie". "Blackie" pediu ao comissário que escrevesse à mãe para lhe dizer que com ele estava tudo bem. Oldham prometeu fazê-lo.

"Blackie" descreveu depois o destino de outro tripulante.

"O Ginger está aqui", disse.

Ginger era a alcunha do companheiro de camarote de Oldham. Foi por o Ginger estar a jogar cartas com um amigo no camarote de Oldham que o comissário saiu para ir ao outro, onde tocava o gramofone. “O que estavas a fazer quando o navio foi atingido?”, perguntou o consulente ao Ginger. As mãos da médium fizeram de imediato o gesto de distribuir cartas.

Seguiram-se mais provas. Quando o Ginger se excitava, gaguejava sempre. Agora, pelos lábios entrançados da médium, voltou a fazê-lo ao dizer:

“Obrigado por me ajudares com a rádio.”

Ginger tencionava fazer um curso de telegrafia sem fios e o comissário ensinara-lhe Morse. “Foi uma pena teres perdido a tua concertina”, acrescentou Ginger. Oldham tinha grande afeição por esse instrumento musical, que tocava frequentemente no *Avila Star*.

O cozinheiro do navio também regressou para agradecer a Oldham por ter ajudado a esposa. Era impossível a médium saber que as autoridades não tinham conseguido localizar essa mulher porque ela mudara de morada. Leslie Oldham pôde, quando chegou a Southampton, dizer a quem competia como encontrá-la.

O último comunicador foi o comissário de bordo (purser). “Já não precisas de gritar para me chamar, pois não?”, foram as suas palavras. “Lembras-te de quando os outros me deitavam água para me acordar?” Era verdade. Oldham era o único comissário capaz de o despertar do sono.

Foi uma grande reunião de companheiros de bordo. Todos, menos um, tinham partido para um Novo Mundo. “Aqui é ótimo”, foi a simples declaração de homens simples ao companheiro que ainda habitava o mundo que eles deixaram.

CAPÍTULO X
DIVULGAR A MENSAGEM

Nenhuma médium foi maior propagandista do que a Estelle Roberts que, durante vinte anos, percorreu incansavelmente o país de uma ponta à outra para levar os seus soberbos dons psíquicos ao homem comum. É difícil estimar quantas centenas de milhares assistiram às suas demonstrações de mediunidade, pois visitou praticamente todas as grandes cidades da Grã-Bretanha. E, onde quer que fosse, havia plateias entusiásticas, algumas das quais fizeram fila durante horas para terem a oportunidade de um lugar numa das suas reuniões.

Qual é o efeito de tudo isso? Li centenas de recortes de imprensa que descrevem as suas reuniões de propaganda. Eis algumas manchetes de três que, por acaso, vi muito próximas entre si: "SHEFFIELD EMOCIONADA PELA SRA. ROBERTS"; "BIRMINGHAM FASCINADA POR ESTELLE ROBERTS"; "A SRA. ROBERTS DEIXA BELFAST ESTUPEFACTA".

Ela provou que uma língua estrangeira não é obstáculo sério à sua mediunidade. Certa vez visitou Haia e, com a ajuda de um intérprete, deu clarividência bem-sucedida ao público neerlandês.

Seriam precisos muitos livros para citar os relatos jornalísticos da sua mediunidade pública. Aqui está um exemplo, a descrição dada pelo *Belfast Telegraph* da sua clarividência perante 1.600 pessoas no Ulster Hall:

"'Hipnotizada' descreve bem a assistência quando foi dada pela Sra. Estelle Roberts, a célebre clarividente, uma demonstração psíquica provavelmente sem paralelo no Ulster… A sua clarividência dificilmente poderia ter sido mais convincente. Caminhando de um lado para o outro, à frente do palco, com uma bateria de luzes elétricas a incidir sobre si, a Sra. Roberts trouxe

mensagem após mensagem daqueles que passaram para os amigos na assistência.

A sua exatidão na apresentação era assombrosa… Em cada caso, o destinatário na assistência reconheceu a sua vívida descrição de amigos no Grande Além. A Sra. Roberts dificilmente poderia ter figurado em clarividência mais probatória, e era óbvio que a grande maioria ficara convencida."

Essa homenagem jornalística é característica do louvor que a Estelle conquistou por todo o país. Os jornais, apesar da fama de "cínicos" que os jornalistas têm, admiram e respeitam esta médium, pois ela sempre colaborou quando havia desejo de investigação séria, distinta do mero sensacionalismo.

Mas, porque a sua fama a precede, os milhares que leram sobre ela mas nunca a viram clamam por estar presentes quando chega à sua cidade. A reunião de propaganda, embora talvez "apenas mais uma" para ela, é um dia marcante na história local. É um acontecimento, sobretudo porque frequentemente os oradores e o presidente são pessoas respeitáveis e de boa reputação, orgulhosas de se associarem às suas atividades psíquicas.

Foi em grande parte a evidência que a Estelle forneceu a um jornalista que a levou a encetar, pouco antes da guerra, a campanha de propaganda mais intensiva da sua longa e ilustre carreira. Era Victor Thompson, então subdiretor do *Sunday Pictorial*. Após seis semanas de inquérito, ficou convencido de que a Sobrevivência lhe fora provada. Escreveu uma série de artigos para o seu jornal, descrevendo as suas investigações psíquicas. Esta série despertou tanto interesse que Hugh Cudlipp, o Diretor, concluiu que o Espiritualismo era notícia!

Para que mais público pudesse testemunhar a clarividência de Estelle Roberts, Hugh Cudlipp, com a colaboração da Casa de

Red Cloud, organizou uma série de grandes reuniões de propaganda: duas no Royal Albert Hall, em Londres, uma no Free Trade Hall, em Manchester, outra em Birmingham e outra em Sheffield. Quando foi publicado o anúncio dessas reuniões, o surpreendido Diretor recebeu 60 000 pedidos de bilhetes.

Na primeira reunião em Manchester, 3 000 pessoas encheram a sala e 1 000 desiludidas tiveram de ser recusadas à entrada. Foi necessário recorrer aos serviços da polícia para regular as longas filas de espera no exterior, na vã esperança de conseguir um lugar. O superintendente do Free Trade Hall declarou que, desde o dia em que assumira a direção, nunca houvera tantos pedidos de lugares para qualquer evento anterior. Admirou-se ao perceber que a visita da Estelle Roberts suscitara maior entusiasmo do que o engajamento de dezenas de artistas de fama mundial que tinham visitado Manchester.

Na semana anterior, fora obrigado a recusar diariamente 500 pessoas que clamavam por lugares. O telefone, também, tocara incessantemente. A julgar pela procura, disse, era evidente que pelo menos 20 000 pessoas tinham desejado ouvir a médium. A assistência de 3 000 que obteve entrada não ficou desapontada com a demonstração a que assistiu.

Poderá perguntar:

“O que acontece nessas reuniões? Qual é o efeito sobre a assistência?”

A primeira pergunta pode ser respondida descrevendo algumas das mensagens espirituais dadas pela médium em Manchester, e que são típicas da sua clarividência. Responderei à segunda pergunta citando uma carta escrita por uma mulher que recebeu uma prova da médium.

Uma mensagem impressionante foi transmitida pela Estelle de um filho falecido para o seu pai cético, que, no fim, admitiu ter sido forçado a aceitar a evidência.

"Espera um minuto, Sonny! Vou tentar encontrar o teu pai", ouviu-se Estelle dizer ao rapaz em espírito. Anunciou que ele parecia triste e não falava muito claramente.

"Quer ajudar o pai", disse ela. Depois, captando um nome fornecido pelo espírito, perguntou: "Há aqui alguém chamado Billington?" Um homem na assistência confirmou que esse era o seu nome.

"Tem um filho no Outro Lado", disse a sensitiva. Note-se que a médium não fez uma pergunta, mas proferiu uma afirmação categórica. O pai anuiu, e, aparentemente, o rapaz morto ficou tão excitado com a resposta do pai que a Sra. Roberts teve de o acalmar para poder receber melhor as suas mensagens.

"O seu rapaz está a esforçar-se imenso", disse ao pai. "Ele diz: 'Quero que o meu pai acredite e saiba que ainda estou vivo. Estou em casa. Ele parece não me sentir lá!'"

Então a médium fez uma pausa para perguntar ao pai:

"Traz no bolso alguma coisa que trouxe porque pertencia ao rapaz?"

Com entusiasmo, o pai gritou: "Sim." A Estelle prosseguiu:

"Ele viu-o a fazê-lo. Disse: 'Se isso atrair o meu rapaz, eu acreditarei.'"

"É verdade", respondeu o homem.

"Pois eu não estava em sua casa quando o fez", disse a Sra. Roberts, "mas o seu rapaz estava e conta-mo. Quem me dera que o pudesse ver. É um belo rapaz."

Indicou com as mãos a altura do jovem. Continuou:

“O seu filho diz: ‘O meu pai vai acreditar em si, minha senhora, porque você é uma estranha para ele.’” Este comentário fez rir a assistência.

“Ele passou há cerca de dois anos?” perguntou em seguida. “Sim”, respondeu o pai.

“Não se apercebe de que o seu filho tem tentado chegar até si há dois anos?”

“Não.”

“O seu rapaz diz agora: ‘A minha mãe está aqui com ele.’ Está?”

“Sim”, exclamou a mãe, sentada ao lado do marido. A Estelle forneceu mais provas, descrevendo a passagem rápida do rapaz, falou de um problema interno, do seu sofrimento e da febre alta. Viu-o também levar as mãos à cabeça. “Ele costumava fazer isso”, disse o pai.

A Estelle continuou: “O seu filho teve dificuldade em falar mesmo antes de partir. O senhor estava com ele. Tentou dizer algo e não conseguiu.”

“É verdade”, exclamou o pai.

“Porque me dá ele o número 15?” perguntou a Estelle. Os pais não entenderam até que a médium disse:

“Bem, o rapaz diz-me que deve ter agora entre 15 e 16.”

“Dezasseis no próximo março”, exclamou o pai, a quem a Sra. Roberts disse então que ele tinha em sua posse um livrinho onde o filho costumava escrever. E, numa gaveta em casa, disse-lhe, havia “um pequeno mecanismo — um relógio ou algo do género”.

Isto foi reconhecido como exato.

A Estelle transmitiu a mensagem do rapaz: “Digam-lhes aos dois que estou muitas vezes em casa porque quero estar lá com eles.”

Enviou “grandes beijos para a mãe” e, para o pai, estas palavras:

“Diz que eu não sou preguiçoso aqui. Costumava ser repreendido pela minha preguiça, mas agora sou um bom rapaz.”

Dirigindo-se ao pai, a médium disse:

“Por certo não pensa que o seu filho está morto?”

“Não”, bradou o pai.

Seguiram-se mais provas:

“Tem outro rapaz na Terra — dois, na verdade.”

“Sim”, confirmou o pai.

“Desta vez ele apanhou-o!”, disse a Estelle, algo divertida.

“Ele está a rir de alegria. Esforçou-se tanto e diz: ‘Mesmo que nunca mais recebam outra mensagem minha, estou feliz esta noite.’” Interrompeu para perguntar ao pai:

“Isto ajudou-o?”

“Ajudou”, foi a resposta fervorosa de quem viera como cético.

Durante mais de uma hora, a clarividência prosseguiu.

“Eu não estou a chamar os mortos”, disse a médium à assistência.

“Eles é que me chamam!” Nome após nome foi fornecido pelos comunicadores espirituais. Prova após prova, expulsando a dúvida e oferecendo em seu lugar o bálsamo da certeza e o conhecimento da reunião final. Aniversários, efemérides e datas

foram recordados a diferentes membros da assistência, cujos parentes falecidos surgiam em grupos para serem reconhecidos.

"Como pode tudo isto vir do subconsciente?" perguntou a médium certa vez, acrescentando mordazmente:

"Se assim for, então há aqui esta noite muito subconsciente!"

Após cada descrição espiritual, a Sra. Roberts perguntava ao destinatário da mensagem se seria possível ela ter sabido alguma daquelas evidências. A resposta foi sempre:

"Seria impossível."

Uma mulher falecida, dando o nome de Munday, encontrou a filha na assistência e disse, orgulhosa:

"É a minha Helena."

A mulher respondeu: "É maravilhoso", mas a Estelle replicou:

"Não, não é maravilhoso. É apenas a lei natural."

De seguida, deu à mesma mulher uma longa série de nomes antiquados. Todos foram reconhecidos como corretos, tal como a descrição espiritual de um homem que disse chamar-se Eric Ransome, médico que a tratara quando era jovem. Descrevendo, a outra mulher, um espírito chamado Hobkirk, a Estelle disse-lhe que o seu medo secreto era infundado; a dor de que sofria não se devia a cancro.

Seguiu-se um episódio divertido. "Há aqui alguém chamado Woolley?", perguntou a Estelle. Duas pessoas reconheceram o apelido.

"Qual de vós é Mary?", inquiriu de seguida. Ambas se chamavam Mary! "Qual de vós tem a mãe no Outro Lado?", perguntou.

Ambas tinham mães que haviam partido.

“Qual de vós tem uma irmãzinha no Outro Lado?” Ambas responderam afirmativamente. A assistência foi achando cada vez mais graça a esta série de coincidências.

“Qual de vós tem um senhor idoso no mundo espiritual chamado George?”, perguntou a médium. O processo de eliminação acabou com esta pergunta, pois só uma delas tinha um parente que correspondia à descrição!

A Estelle nunca se acanha perante grandes plateias.

“Ou eu vejo pessoas espirituais, ou não vejo”, disse aos presentes.

“Alguns de vós podem pensar que são todos cúmplices meus que eu plantei na assistência. Pois bem, dou clarividência há 16 anos, pelo menos uma vez — e geralmente duas — por semana. Quanto acham que eu teria de pagar de chantagem?”

Acrescentai mais uns anos, para atualizar o número que a Estelle citou àquela congregação, lembrai que nunca caiu sombra de suspeita sobre a sua integridade psíquica, e compreendereis a qualidade do seu carácter pessoal, assim como da sua mediunidade.

E aqui está a carta que mencionei. A Sra. Doris Billington, da Roundwood Road, Northenden, Manchester, escreveu após a reunião:

“Permitir-me-ão prestar um tributo agradecido à maravilhosa mediunidade da Sra. Estelle Roberts? Com o meu marido, fui uma das muitas pessoas na sua reunião no Free Trade Hall, Manchester e, o que é mais importante, estivemos entre os felizes contemplados com uma mensagem. As palavras não conseguem exprimir o que a mensagem significou para nós.

“Durante dois anos ansiei e esperei por algum pequeno sinal da sobrevivência do nosso amado filho mais velho, que passou muito súbita e inesperadamente apenas alguns dias antes do seu 14.º aniversário. Assisti à reunião pelo conforto que sabia que dela retiraria, mas dificilmente esperando uma mensagem pessoal entre cerca de 3 000 pessoas.

“Quando a Sra. Roberts chamou o nosso apelido e prosseguiu dando ao meu marido as provas mais exatas sobre o nosso rapaz, até aos detalhes de onde guardávamos os seus pertences pessoais, não fazem ideia do que sentimos, porque, além de sermos completos desconhecidos para a Sra. Roberts, o meu marido, grande cético, nunca na vida tinha assistido antes a uma reunião espiritualista.

“Ela disse ao meu marido como ele tinha ido ao quarto do rapaz e colocado no bolso algo que lhe pertencia, e descreveu o objeto exatamente. Dizer que ele ficou ‘boquiaberto’ é dizer pouco! Ficámos ambos quase sem fala, e só quando saímos da sala é que o meu marido se lembrou de que não tinha dito ‘Obrigado’ à Sra. Roberts.”

“Quis gritar em voz alta por todo o salão e dizer às pessoas que a Sra. Roberts operou um milagre nas nossas vidas. O meu marido não pode continuar cético perante provas tão notáveis e, para mim, a vida parece tão mais leve e fácil, e o tempo de espera tão mais suportável. A Sra. Roberts é maravilhosa. Que Deus abençoe o seu trabalho em toda a parte.”

Esta carta não é caso isolado; é típica de muitas recebidas após as demonstrações desta médium. São confirmações da recompensa por todo o labor despendido na propaganda pública. Fornecem um incentivo a médiuns como a Estelle. Afinal, ela é muito humana e muitas vezes interroga-se sobre qual terá sido o efeito da sua mediunidade.

Chega a uma cidade após uma longa viagem. Vai a uma sala a abarrotar. Durante 40 minutos, ou talvez uma hora, atua como um aparelho de rádio humano para os habitantes de outra esfera de vida. Tudo é magnético e dinâmico enquanto dura a demonstração. Há o calor dos contactos humanos, o drama do amor reunido através do abismo da morte, a exibição de uma variedade de emoções — e depois tudo termina.

No dia seguinte ou, como tantas vezes aconteceu, nessa mesma noite, a médium regressa a casa. A viagem noturna significa chegar de madrugada. Pouco sono se obtém nestas circunstâncias. Há algum desgaste, pois todas as faculdades psíquicas são por natureza muito sensíveis. No dia seguinte tem de descansar. "Para que serve tudo isto?", poderá perguntar a médium. Cartas como a da Sra. Billington dão a resposta.

O triunfo da Estelle em Manchester repetiu-se no Town Hall de Birmingham. Embora os bilhetes tivessem sido atribuídos meses antes, quatro horas antes da hora marcada para o início já havia fila à porta, num frio dia de dezembro, na esperança de conseguir entrada. Centenas mais clamavam por entrar e, mais uma vez, foi chamada a polícia para ordenar o fluxo de pessoas. A assistência era de 2 500 pessoas, mas o Town Hall poderia ter sido enchido quatro vezes.

Antes da clarividência, Hannen Swaffer dirigiu-se à assistência e desmontou a possível alegação de conluio. Desafiou os repórteres a entrevistarem quaisquer pessoas que recebessem mensagem espiritual. Poderiam fazer as averiguações que quisessem e verificariam que a fraude estava fora de questão. De novo, a clarividência da Estelle foi soberba.

Depois de duas reuniões cheias no Royal Albert Hall, a Sra. Roberts demonstrou com êxito os seus dons perante uma vastíssima assistência no City Hall de Sheffield. "Este dom não é

meu", disse a essa assistência. "Sou apenas o porta-voz dos que estão no Além. Tudo o que peço é ser usada para dar um pouco de esperança à humanidade cansada, na sua dor e sofrimento."

Esta foi a última da série de reuniões organizadas pelo *Sunday Pictorial*. Em menos de seis semanas, 25 000 pessoas tinham visto a nossa maior médium propagandista demonstrar os seus admiráveis poderes psíquicos. Essas reuniões provaram que o homem comum está decidido a averiguar por si mesmo se a Sobrevivência é um facto passível de prova. Ele não obtém a sua resposta nas igrejas, onde tem de assentar apenas na fé.

O inquiridor exige conhecimento, evidência, prova de uma vida para além da morte. Só médiuns do calibre da Estelle Roberts podem fornecer satisfatoriamente as respostas às suas perguntas.

CAPÍTULO XI
"O ESPIRITUALISMO VENCEU"

Não há no mundo médium que tenha recebido tanta publicidade da Imprensa quanto a Estelle Roberts. Vez após vez, os jornais nacionais, com as suas enormes tiragens, publicaram relatos sobre os seus poderes psíquicos. Levaram a cabo investigações à sua mediunidade e enviaram repórteres às suas sessões e reuniões.

A razão desta atenção jornalística não é difícil de perceber. Os editores interessam-se pelo que chamam uma "boa história", e só nos últimos anos — em grande parte porque puderam testá-la por si mesmos — se verificou que a mediunidade é uma "boa história". A Estelle Roberts, como médium propagandista de primeira linha, com a sua personalidade desafiante e dominante, atraiu naturalmente a atenção da imprensa.

A imprensa quer sempre as notícias com urgência. Exige-se uma médium de grande calibre e altamente desenvolvida, do ponto de vista psíquico, para poder corresponder à exigente demanda de jornalistas práticos. Os repórteres, por causa dos seus muitos e variados contactos humanos, são geralmente céticos e, em regra, cínicos. Querem ver e ouvir por si. Sabem que os seus textos serão escrutinados com rigor quando regressarem à redação e, por isso, estabelecem critérios elevados em matéria psíquica.

A Sra. Roberts é uma das poucas — pouquíssimas, infelizmente — capazes de resistir a essas exigências. Os seus serviços têm sido utilizados pela imprensa vezes sem conta. Do ponto de vista jornalístico, os resultados têm sido dos mais sensacionais. Mas a Estelle nunca permitiu que os seus dons psíquicos fossem explorados.

Da sua parte, apreciou o ceticismo desafiante do jornalista médio, desde que o ceticismo fosse honesto.

Ciente de que a imprensa abre uma porta por onde o conhecimento psíquico pode chegar a milhões, os seus instintos cruzadistas e propagandistas sempre se acenderam ao chamamento de Fleet Street. Há pouco referi as reuniões cheias em que demonstrou os seus dons como parte da campanha organizada pelo *Sunday Pictorial*. Este jornal enviou repórter atrás de repórter para testar os seus poderes e assistir às suas sessões — e a Estelle nunca deixou de produzir o tipo de evidência que tornava os jornais ávidos de mais histórias.

Mencionei que Victor Thompson, então subdiretor do *Sunday Pictorial*, começando como investigador cético, ficou convencido da Sobrevivência em seis semanas, em grande medida devido às experiências com a Sra. Roberts. Iniciou as suas investigações assistindo a uma demonstração pública de clarividência. Achou-a

impressionante. A sua missão era relatar com consciência e desapego o que via e ouvia.

"O que eu escrevesse seria publicado", disse. Assistiu a um dos círculos de voz da Estelle; ouviu Red Cloud fazer uma palestra em transe.

Depois, como prova final, levou a uma sessão especial oito pessoas, seis das quais sabia serem descrentes. Só duas tinham alguma vez ido a qualquer tipo de sessão. As outras, amigas de vários meios de vida, tinham sido advertidas para falarem de modo não comprometedor na sessão, se falassem de todo.

Victor Thompson estava certo de que cinco das oito eram absolutamente desconhecidos da médium, e nem sequer as apresentou pelo nome.

"Dos cinco completos desconhecidos", escreveu, "um homem e uma mulher receberam mensagens extremamente probatórias."

A mulher disse-lhe depois:

"Vim sem acreditar em nada em particular. Vou embora convencida de que recebi uma longa mensagem da minha irmã, que morreu há anos."

O consulente masculino disse: "Antes de ir, eu imaginava que devia ser tudo leitura de pensamento. Mas aquela mensagem do meu irmão morto não podia ter sido tirada da minha mente, mesmo que a telepatia seja muito mais espantosa do que alguém supõe. Estou certo de que o meu irmão, que morreu na última guerra, me falou através daquela médium esta noite." Comentou Victor Thompson:

"Vê? É isto que pode acontecer a um inquiridor inteligente e razoavelmente cético após apenas uma experiência."

Houve outras mensagens espirituais probatórias e Victor Thompson sintetizou essa sessão dizendo:

"Só o Espiritualismo oferece uma explicação a 100%, quer a aceite quer não." Seis semanas de inquérito intensivo por parte deste observador perspicaz levaram-no a escrever estas palavras:

"Sobre a questão central da Sobrevivência, a única explicação satisfatória que encontro para o que vi e ouvi é que os seres humanos sobrevivem à morte e podem, por vezes, comunicar com este mundo. Há seis semanas, como milhões hoje, eu não acreditava em nenhuma dessas coisas."

Foi um grande triunfo para a Estelle, que, como de costume, colocara gratuitamente a sua mediunidade à disposição de Victor Thompson. A este propósito, vale a pena mencionar que o *Sunday Pictorial* dedicou duas páginas a uma palestra em transe do Red Cloud sobre "Quando Morres". Deve ser a única ocasião em que um jornal nacional concedeu tanto espaço a um discurso de um homem morto.

Quando a guerra decorria há cinco meses, o *Sunday Pictorial* iniciou outra investigação, desta vez incumbindo H. W. Shirley Long de encontrar resposta à pergunta:

"Os Mortos da Guerra Regressam?"

Não passou muito até que visitasse a Estelle Roberts. O seu segundo artigo descreveu uma das extraordinárias sessões de voz em que regressaram um marinheiro que servira no *Courageous* e um piloto-oficial morto no primeiro ataque ao Canal de Kiel, no segundo dia da guerra. Já me referi a essa sessão. No mesmo artigo, Shirley Long descreveu como confirmou a exatidão de uma mensagem pública recebida por uma mulher numa reunião no Aeolian Hall. Era do irmão dela, carpinteiro e marceneiro de bordo, cuja vida terrena terminou quando o seu navio, o

Rawalpindi, foi afundado após o brioso encontro com o couraçado de bolso *Deutschland*.

O curioso dessa mensagem é que, oficialmente, o rapaz estava dado como "desaparecido, presumivelmente morto", mas a evidência fornecida pela Estelle foi tão detalhada que a irmã a considerou prova de que ele passara efetivamente — e regressara para provar a sua sobrevivência.

De longe, a investigação mais sustentada alguma vez conduzida por um jornal sobre o Espiritualismo foi a realizada pelo *Daily Sketch*. Durou quase três meses, com relatos quase diários, e o inquérito centrou-se principalmente na mediunidade da Estelle Roberts. A investigação chamava-se "A Verdade sobre o Espiritualismo".

O anúncio dizia: "Nenhum movimento fez progressos mais rápidos recentemente do que o Espiritualismo. É discutido seriamente por todas as classes. As suas alegações vão agora ser seriamente testadas." Este "inquérito independente", dizia o *Daily Sketch*, seria conduzido com a colaboração da Estelle Roberts, a médium mais conhecida da Grã-Bretanha.

O jornal nomeou um investigador independente, o Sr. Harrison Owen, autor e jornalista com muitos anos de experiência, que, durante largo período, escreveu no *Daily Sketch* sob o título "Homem da Rua". O jornal acrescentou, no anúncio, que figuras públicas conhecidas, de todos os domínios, auxiliariam a investigação.

O *Daily Sketch* publicitou este inquérito com anúncios nos principais jornais, placares nas ruas e cartazes nos autocarros de Londres. Descreveu a série como "uma das mais momentosas investigações dos últimos anos".

As perguntas a que o jornal pretendia responder eram: "Estaremos a ser convidados a acreditar numa lastimável mistificação ou estaremos perante a mais poderosa verdade que o mundo alguma vez conheceu?" Prosseguia, dizendo que, se a resposta fosse afirmativa, "o consolo que trará a milhões é incalculável".

Num artigo que escreveu para o *Psychic News*, o Diretor do *Daily Sketch* explicou porque iniciara esse inquérito. Tudo começou com uma observação casual que lhe fizeram: "Já ouviu falar da Estelle Roberts?" Claro que já ouvira, disse. Era quase sua vizinha em Wimbledon, por um lado, e conhecia a Casa do Red Cloud e as suas numerosas reuniões públicas.

Como editor, considerava seu dever "manter-se atento a todas as mudanças da vida, e ninguém pode ficar cego ao crescimento do movimento genericamente conhecido como Espiritualismo. Há muito, a leitura dos sinais me sugeriu que isto poderia ser a religião do futuro, se conseguisse acrescentar realidade à fé." Não encontrava tempo para uma investigação pessoal, nem para ler a literatura, sempre crescente, sobre o assunto. Verificando que o nome da Estelle Roberts aparentemente significava algo para pessoas fora do movimento, ponderou a possibilidade de apresentar o Espiritualismo de um modo novo aos seus leitores.

O rumo óbvio parecia ser uma série de artigos, mas isso era "um caminho já muito batido que se afigurava muito insatisfatório". Poder-se-ia pedir a Estelle que contasse, com as suas próprias palavras, coisas que vira e ouvira e então deixar os leitores tirar as suas conclusões. Mas isso, pensou ele, era um esquema "toma ou larga", que soaria demasiado a propaganda. "Não", escreveu, "queríamos algo mais tangível, e visualizámos uma situação em que um homem pudesse ser tomado como encarnando a mente daquela pessoa supremamente sensata, o homem comum; alguém capaz de fazer o desafio direto às

dúvidas suscitadas na mente e, no fim, emitir uma decisão de bom senso."

Por essa razão escolheu Harrison Owen que, não tendo opiniões definidas nem a favor nem contra o Espiritualismo, parecia ter a atitude certa para a missão. "Entretanto", escreveu o Diretor, "tinham-se mobilizado os interesses da Sra. Roberts. Ela estava pronta a fornecer material para os artigos, mas o plano inicial depressa ganhou outra dimensão e, com alguma apreensão, apresentámos-lhe as novas ideias. Para nosso sossego, ela acolheu-as."

Esboçou um plano com um painel de célebres investigadores independentes e rematou o artigo com estas palavras: "O que virá depois disso, neste momento não posso dizer. Talvez a última palavra caiba aos nossos leitores. Partimos à procura da verdade; para responder à grande pergunta: 'Os mortos regressam?' Se conseguirmos estabelecer um 'sim' definitivo, teremos trazido um consolo de grandeza imensurável a um mundo exausto por uma fé baça e pelo conflito do corpo e da mente."

No seu primeiro artigo, Harrison Owen, que foi apelidado de "O Buscador", disse ter ficado mais do que surpreendido quando o Diretor do *Daily Sketch* lhe pediu que fizesse essa investigação. Não foi a escolha do tema que o surpreendeu, pois, como disse, "é impossível andar pelo mundo sem se dar conta do enorme aumento do interesse público pelo Espiritualismo que se manifestou nos últimos anos".

Sentia-se desqualificado para a tarefa. Nunca escrevera sobre assuntos religiosos. Fora criado na Igreja de Inglaterra, mas há mais de 20 anos que não frequentava qualquer igreja. "Como milhares dos meus concidadãos", disse, "tenho-me 'arranjado' sem o auxílio da religião organizada." Até então, não estudara literatura espiritualista, nem assistira a uma reunião espiritualista.

Descreveu a sua primeira entrevista com a Sra. Roberts, de quem deixou esta impressão: “Aqueles olhos escuros foram o que primeiro chamou a atenção, embora mais tarde, quando ela caminha pela sala, gesticulando livremente mas sem afetação, se reparem também nos seus pés e mãos invulgarmente pequenos — mãos eloquentes, com que remata uma ideia ou tateia avidamente uma palavra ou nuance de sentido.” Iniciou a investigação descrevendo a sua primeira sessão com a Estelle, por cuja via recebeu uma mensagem do pai falecido. A médium revelou também duas iniciais do seu nome que ele nunca usava.

Depois, o *Daily Sketch* passou a dedicar praticamente uma página por dia a essa investigação, que abrangeu todas as facetas dos dons versáteis da médium. Membros da comissão do jornal descreveram igualmente as suas impressões após uma sessão. Os leitores faziam perguntas que a Sra. Roberts respondia. Até uma sessão que a Estelle realizou numa mansão assombrada entrou nessa investigação. Por fim, Harrison Owen fez o balanço. Sobre a sessão de voz da médium, que para ele foi um dos pontos altos do inquérito, disse que as vozes espirituais “traziam consigo uma nota de autenticidade que não poucos dramaturgos e atores seriam capazes de reproduzir.”

O *Daily Sketch*, como pendente do seu inquérito, fez um referendo aos leitores sobre a questão “Os mortos regressam?” Promoveu também um concurso de ensaios sobre o tema, tanto afirmativos como negativos. O resultado daquilo a que o jornal chamou “o voto nacional” foi anunciado com esta manchete: “O VEREDICTO DOS NOSSOS LEITORES É — O ESPIRITUALISMO VENCEU.”

A votação foi a seguinte:
Sim 52,75 por cento
Não 46,33 por cento
Indecisos 0,92 por cento

O jornal comentou a votação: “Para além da exiguidade da maioria, que deixou o resultado em dúvida quase até ao fim, o aspeto mais impressionante do concurso foi a alta qualidade das participações.” Seguiram-se estas palavras a negrito: “É digno de nota que muitos dos que assumiram a posição negativa expressaram, ainda assim, crença definida na sobrevivência final da alma.”

Alguns espiritualistas sérios objetam à publicidade na imprensa. Acham-na vulgar e pouco decorosa. Esquecem-se de que o Espiritualismo, em si mesmo, é um movimento de propaganda que visa converter as mentes de todas as pessoas para a realidade da sobrevivência pessoal. O seu objetivo é enxugar as lágrimas dos enlutados, tarefa em que a Igreja falhou lamentavelmente.

Por isso os bancos estão vazios e as igrejas espiritualistas a transbordar. Além disso, deve-se em grande parte ao Red Cloud o facto de a propaganda do nosso tema ter dado tais passos. O guia é, na minha opinião, o maior propagandista, no Outro Lado, de que o Espiritualismo dispõe. Não surpreende que tenha impregnado a sua médium com o seu próprio entusiasmo.

Aliás, deve-se em grande parte ao Red Cloud a fundação do *Psychic News*. Na verdade, toda a ideia da publicação do jornal foi concebida na sala de sessões da Estelle.

Antes do nascimento do *Psychic News*, Red Cloud disse-nos que Northcliffe, a figura mais famosa do jornalismo, era uma das entidades espirituais associadas a si na inauguração deste jornal e que, em conjunto, delinearam a sua linha editorial. Salientaram que se destinava primordialmente ao homem comum.

O Red Cloud, imbuído como sempre de zelo propagandístico — pois a verdadeira propaganda é apenas a difusão do conhecimento —, disse que esse jornal espiritualista deveria

destacar, de forma proeminente, provas da Sobrevivência humana. Se essa política fosse seguida, disse, encarregar-se-ia de que as evidências surgissem. Nunca falhou.

Ao permitir que a sua médium colaborasse com jornais nacionais, Red Cloud desempenhou um grande papel em ajudar a mudar a atitude da imprensa perante o Espiritualismo. Há muitos anos, os jornais tratavam o tema com desdém. Agora já não é assim.

Um facto interessante ressalta de quase todos esses inquéritos jornalísticos: o investigador costuma ficar convencido. O Diretor do *Sunday Pictorial* disse ao meu marido que os três jornalistas aos quais o seu jornal atribuiu, em seu nome, as investigações sobre os factos do Espiritualismo, ficaram todos convencidos de que a Sobrevivência fora provada!

CAPÍTULO XII
O QUE A MÉDIUM VÊ

O que vê realmente uma médium quando, do palco, dá clarividência pública?

A visão psíquica pode ser subjetiva ou objetiva. Quando é subjetiva, os mortos são vistos mentalmente, usando a médium uma espécie de "olho psíquico" para os discernir. Quando os espíritos são vistos objetivamente, parecem tão sólidos quanto pessoas vivas. Ambos os sentidos psíquicos funcionam no caso da Estelle Roberts, embora, nas reuniões públicas, ela costume ver os mortos como figuras substanciais e objetivas.

O seu dom de clariaudiência funciona em simultâneo. Consegue ouvir as vozes dos espíritos que lhe falam e, se estiverem suficientemente perto, é capaz de observar o movimento dos seus lábios. A sua fala tem um tom mais suave,

declara, do que as vozes dos vivos, mas ela ouve nitidamente o que dizem.

Poucos de nós nos apercebemos, ao escutar mensagens espirituais transmitidas por uma médium a partir de um palco, da vasta organização que o mundo espiritual tem de montar antes de essas mensagens poderem ser entregues com êxito. A Sra. Roberts descreveu o que realmente acontece "nos bastidores", por assim dizer, quando está numa tribuna espiritualista. A sua visão psíquica penetra outra dimensão. Consegue ver, ao longe, numerosos defuntos à espera de estabelecer a sua identidade. Em qualquer reunião há, infelizmente, muitos mais espíritos do que aqueles que ela alguma vez consegue descrever.

De início, os mortos permanecem agrupados, não necessariamente perto das pessoas na assistência com quem desejam comunicar. Os do Outro Lado sabem que não podem conseguir fazer sentir a sua presença sem a permissão e cooperação dos guias e auxiliares da médium. Só quando um espírito é selecionado por um guia é que o defunto abandona o grupo e se dirige para a proximidade do parente ou amigo, na assistência, a quem deseja falar.

Esta ação indica também à médium qual a pessoa, entre os presentes, que deve ser abordada. Uma vez estabelecido esse facto, o espírito vai e coloca-se junto da médium. A Sra. Roberts passa então a obter uma visão mais nítida do defunto. Ao mesmo tempo, consegue igualmente ouvir, pela clariaudiência, o que ele ou ela está a dizer.

"À minha volta, no palco", diz a Estelle Roberts, "estão Red Cloud e outros guias, bem como vários médicos e cientistas falecidos associados ao meu trabalho. O dever desse grupo é auxiliar os espíritos, acalmá-los se estiverem perturbados e ajudar

os comunicadores a reproduzir as suas roupas e aparência física terrenas."

Algumas pessoas estranham que uma médium descreva um espírito como envergando roupas que usou em vida, ou dê uma descrição minuciosa do penteado. Não entendem por que motivo a médium fornece detalhes da enfermidade ou deficiência física do falecido. A partir das suas próprias imagens mentais, os mortos são ajudados por especialistas espirituais a reproduzir essas condições, bem como os seus traços, características e vestuário terrenos. Mas esses sinais são apenas reproduzidos temporariamente, para fins de reconhecimento. Quando a identidade fica plenamente estabelecida, os defeitos caem e a médium vê o verdadeiro estatuto espiritual e a verdadeira aparência do indivíduo.

Os mortos alcançam saúde radiante no mundo espiritual. Os jovens crescem até à plena maturidade; os idosos perdem os sinais puramente físicos da decadência. A Estelle observou que, à medida que os indivíduos progridem e evoluem no mundo espiritual, se mostram cada vez mais relutantes em "reconstruir" as roupas que usaram na Terra. Uma vez estabelecida a identidade, dá-se uma transformação tão rápida para o seu verdadeiro estado etérico que, por vezes, a médium mal consegue reconhecer que se trata do mesmo indivíduo.

Neste mundo físico, as aparências enganam frequentemente. Nem sempre podemos avaliar com precisão a idade de alguém. Quando os espíritos se mostram objetivamente, a Estelle Roberts tem de estimar a idade a que passaram, pela sua aparência etérica. Pode existir a mesma margem de erro, por parte da sensitiva, que existe ao julgar a idade de alguém na Terra.

Além disso, mesmo com a plena cooperação dos guias, nem sempre é fácil para a Estelle avaliar há quanto tempo um espírito

se encontra no Outro Lado. Tem de aferi-lo, em certa medida, pela aura ou radiação do espírito. Há ocasiões em que o brilho da luz emanada de um espírito evoluído obscurece os traços e até as características distintivas de sexo. É o que sucede muitas vezes quando uma criança está no Além há já considerável número de anos.

Para além dos guias e especialistas ligados a Estelle Roberts no seu trabalho de tribuna, há geralmente vários guias associados aos espíritos que desejam manifestar a sua presença na reunião. Todos esses auxiliares experientes formam um círculo protetor à volta da médium. Essa ação impede que algum espírito impulsivo se projete para a frente e interfira com as delicadas vibrações necessárias à transmissão rigorosa das mensagens.

A Estelle explica: "Os espíritos comunicantes são introduzidos neste círculo e isolados dos outros enquanto dão as suas mensagens. Mesmo com toda esta elaborada precaução, é impossível silenciar os gritos dos que rodeiam o círculo, clamando por reconhecimento." Desde o momento em que a Estelle sobe ao estrado, numerosos defuntos tentam atrair a sua atenção. Mas ela é médium demasiado experiente para atender aos pedidos deles a menos que o seu guia os tenha escolhido para comunicar. Ainda assim, se a Sra. Roberts observa que um espírito está manifestamente angustiado, pede mentalmente que lhe seja dada oportunidade de comunicar.

O clamor por reconhecimento é muitas vezes comovente, mas por vezes tem um lado humorístico. Certa vez, na balbúrdia de vozes, a Estelle ouviu um defunto gritar acima do alarido:

"Ó, minha senhora, dê-me uma oportunidade! Os outros já tiveram a sua vez!"

A morte, decididamente, não mudara o modo de falar daquele espírito. Mas por que razão haveria um vendedor ambulante

cockney, por exemplo, de regressar com o sotaque de um catedrático de Cambridge?

Red Cloud insiste sempre que os mortos devem provar a sua própria identidade. Esta é a sua regra tanto em reuniões privadas como públicas. Os guias responsáveis ajudarão os espíritos quanto possível, mas, salvo em raras ocasiões, não darão as provas por eles. Mesmo quando grupos de familiares regressam em conjunto, cada um deve apresentar as suas próprias provas de sobrevivência pessoal. Quando longas sequências de nomes são repetidas à médium para transmissão, cada nome tem de ser fornecido pelo próprio defunto a quem pertence.

Por vezes, quando a Sra. Roberts duvida da autenticidade de uma mensagem espiritual, obtém confirmação do Red Cloud. Os guias sabem de imediato se um defunto está a dizer a verdade ou o contrário. Embora, como já referi, seja habitual os espíritos "construírem-se", por algum tempo, junto das pessoas na assistência a quem vêm saudar, há ocasiões em que se manifestam o mais longe possível dos seus familiares ou amigos na sala. Isto não se deve necessariamente a falta de poder psíquico naquele local. Faz-se, por vezes, deliberadamente para que o destinatário da mensagem não pense que a sensitiva fez "leitura de pensamento". Faz-se também porque o espírito sabe que a médium conhece a pessoa da assistência a quem a mensagem se destina. Por razões óbvias, só em circunstâncias muito excecionais uma médium respeitável dará deliberadamente uma mensagem pública a um amigo ou conhecido.

Certa vez, quando a Estelle Roberts deu clarividência no Fortune Theatre, em Londres, um espírito manifestou-se no fundo da plateia, embora desejasse comunicar com o pianista, que estava perto da tribuna da médium. Se a Estelle tivesse consciência de que o espírito descrito estava associado ao pianista — a quem ela conhecia —, teria hesitado em dar a descrição psíquica. Assim,

para que uma comunicação importante fosse transmitida, o defunto recorreu a esse estratagema. E, mesmo assim, a mensagem que a Estelle transmitiu foi probatória.

Como o ato da morte não altera de imediato a visão ou o carácter de uma pessoa, compreende-se por que razão a Estelle Roberts declara: "Vejo às vezes espíritos que não acreditam que seja vontade de Deus que a comunicação se estabeleça entre este mundo e o outro. Chegam-me defuntos de todas as denominações a dizer que estou a fazer mal. Não satisfeitos com isso, tentam impedir outros espíritos de comunicar. Já vi padres vir e levar pessoas que estavam a tentar chegar até mim."

A Sra. Roberts foi testemunha de muitas cenas dilacerantes no Outro Lado quando as mensagens não foram reconhecidas de imediato. Viu defuntos sucumbirem à dor. Mas afirma: "A alegria que experimentam quando conseguem mostra que consideram bem valer o esforço."

É interessante notar que, quando a Estelle vê pessoas espirituais, estas lhe aparecem sempre de pé no ar. Nunca as viu ao nível do chão. Mesmo quando caminham, os seus pés estão cerca de trinta centímetros acima do solo.

Por vezes, do estrado, a Sra. Roberts fornece ao destinatário de uma mensagem espiritual uma sequência de nomes, inclusive alcunhas, que reforçam a validade das provas. Dando clarividência na Casa de Red Cloud, a médium perguntou certa vez a um homem: "Conhece alguém que se tenha suicidado?" Os presentes ficaram espantados quando ele respondeu: "Dezenas!" Os poderes psíquicos da Estelle desvelaram então uma história estranha que explicava a resposta, pois ele fora um de cem prisioneiros na Turquia durante a última guerra. Apenas quatro, incluindo o próprio, sobreviveram.

O primeiro dos camaradas mortos a comunicar nessa reunião foi um homem chamado Russell; morreu de fome e sede. Trouxe consigo uma vintena "da malta", como lhes chamou. A médium mencionou muitos deles durante a sua brilhante clarividência. Falou de Margetson, Smith, Philpot, Sanders, Rex, Henderson, Curtis, Green, Topham, Bunker, Piper, Walsey, Mason e Abdullah. Todos foram reconhecidos pelo homem da assistência.

Estelle conseguiu também recordar episódios marcantes que lhes ocorreram durante o cativeiro. Falou de Knox, "o rapaz que ficou tão maltratado". Mencionou um prisioneiro apelidado "Hot-Foot" porque costumava fazer a "marcha de Charlie Chaplin". Havia o Charlie, "aquele a quem chamavam 'O Cafre de Olhos Brancos'". Outra alcunha curiosa, "Sour Sid", foi igualmente identificada de imediato. Foi uma experiência notável para alguém desconhecido da médium ouvir, daquela maneira, a sobrevivência de tantos dos seus velhos camaradas.

É impossível exprimir por palavras a pungência de alguns reencontros que tiveram lugar entre vivos e mortos pelos canais da clarividência pública. Quando a Sra. Roberts transmitiu mensagens impressionantes numa reunião lotada no Garrick Theatre, em Londres, as passagens comoventes entre um rapaz falecido e a mãe fizeram chorar dezenas na assistência.

Nenhuma peça representada no palco desse conhecido teatro poderia ter superado a intensidade do drama da vida real. A cena não foi encenada em benefício da audiência; tampouco foi criada intencionalmente para comover. As mensagens do rapaz surgiram no final de uma hora de clarividência notável, provando aos destinatários que a vida prossegue numa sequência ininterrupta.

O primeiro a manifestar a presença foi um jovem aviador dado como desaparecido. A Estelle apresentou provas de que ele passara e confortou a noiva do aviador repetindo-lhe as suas

garantias de amor imperecível. Seguiu-se um marinheiro que fora torpedeado. “Houve uma névoa negra e depois acordei no mundo espiritual”, assim descreveu a sua transição. Tal como outros vítimas da guerra cujas mensagens a médium transmitiu, explicou que familiares, já no mundo espiritual, o ajudaram a comunicar na reunião. “Sabiam como se faz”, afirmou.

Um jovem soldado, “primo Bob”, provou em seguida a sua identidade a um membro da assistência. Regressou com um amigo aviador. As suas mensagens foram seguidas pelas de um homem que falecera alguns meses antes. A irmã dele estava no auditório e, para ela também, chegaram mensagens de médicos e enfermeiras falecidos. As entidades espirituais foram facilmente identificadas pelos nomes que forneceram e pelos detalhes notavelmente exatos que a Estelle conseguiu transmitir.

A Sra. Roberts apresentou provas a um homem de modo a transmitir apenas a ele todo o alcance e significado da comunicação do seu pai falecido. Sem desejo de intromissão, só se podia perceber, pelas palavras finais do pai — “Venho de joelhos até ti e digo ‘Deus te abençoe’” —, que se pedia perdão por uma falta terrena e que este fora concedido de bom grado.

Veio então a mais comovente de todas as comunicações, quando a Estelle transmitiu as mensagens amorosas de um filho falecido à sua mãe. Ao mesmo tempo, implorou ao pai, sentado ao lado dela, que aceitasse o facto de ser realmente o próprio filho a falar do Além.

Primeiro, a Sra. Roberts descreveu o rapaz e deu o seu nome, Fred. A mãe, na assistência, confirmou a descrição e a médium disse-lhe: “Pegou na fotografia dele antes de vir. Beijou-a e disse: ‘Fred, tenta vir falar comigo.’” A mulher aclamou, feliz, a veracidade da afirmação e acolheu o filho com palavras de

carinho. A naturalidade da sua conversa afetuosa foi profundamente tocante. A mãe verteu lágrimas de alegria.

Ao pai, um homem de cabelo branco e ligeiramente surdo, o filho explicou as circunstâncias da sua passagem. “Eu simplesmente não conseguia ver o que estava a fazer”, disse o rapaz. “Pai, estou vivo! Eu não sabia o que estava a fazer. Por favor, acredita em mim. Tu duvidas.” A Estelle reforçou o apelo descrevendo as circunstâncias estranhas que rodearam a sua passagem “não natural”. A médium consolou a mãe, que exprimira a crença de que, se o filho tivesse ficado em casa, em vez de ser levado à pressa para o hospital, talvez o tivesse salvado. “Não”, disse a médium com convicção, “não podia ter feito mais.” Depois o rapaz falou da sua “bicla”, que, disse, estava agora sem uma roda. “Oh, meu Deus”, exclamou a mãe, surpreendida por esta prova adicional. Soava trivial, mas para ela estava carregada de significado.

Fred falou ainda do tio George, irmão da mãe, que o ajudava no mundo espiritual. “O que fez aos livros do seu filho?”, perguntou a Estelle. Fez referência especial ao último que ele estudou para um exame. “Não deixo ninguém tocar nos livros dele”, declarou a mãe, enquanto reiterava a sua gratidão por lhe estar a ser concedida tanta prova. E continuou a jorrar, dos lábios da médium, a evidência da sobrevivência do rapaz, entrecortada, a todo o momento, por expressões de alegria e assombro da mãe.

Por fim, a Sra. Roberts dirigiu-se ao pai, que fora persuadido pela esposa a assistir à sua primeira reunião espiritualista. Antes, era cético quanto à Sobrevivência, mas, quando a Estelle lhe perguntou, com simples apelo: “Pai, que pensa agora disto?”, respondeu: “Não consigo fugir disto!”

E aqui, como exemplo final da soberba clarividência da Estelle em reuniões públicas, está a história da experiência de uma desconhecida na sua primeira reunião espiritualista.

A Sra. Du Bran, de East Sheen, sudoeste de Londres, chegou ao Aeolian Hall três quartos de hora depois do início do serviço. Dez minutos mais tarde, a Estelle Roberts deu-lhe provas irrefutáveis da sobrevivência do marido. Nessa altura, a Sra. Du Bran nada sabia de Espiritualismo. Nunca lera um livro ou periódico psíquico. Não acreditava nas afirmações do irmão de que recebia mensagens dos mortos. Com efeito, quando ele certa vez foi a sua casa com uma mensagem psíquica para a mãe, a Sra. Du Bran recusou perturbar a progenitora com tal "disparate" e tentou dissuadir o irmão de prosseguir o seu interesse pelo assunto.

Quase toda a vida, a Sra. Du Bran fora metodista e considerava errado "perturbar os mortos". Quando o marido adoeceu e o especialista a preveniu de que ele não viveria mais do que alguns dias, a Sra. Du Bran entendeu ser seu dever informar o doente, para que pudesse "fazer as pazes com Deus". Pouco antes de morrer, o marido disse: "Agora sei que há reencontro depois da morte; foi-me revelado."

Seis meses depois, numa tarde de domingo, a Sra. Du Bran estava em casa a ler a Bíblia. Ao terminar o capítulo, lembrou-se de o irmão lhe ter dito, certa vez, que a Estelle Roberts dava clarividência todos os domingos no Aeolian Hall. Um impulso súbito levou-a a vestir-se e a dirigir-se ao salão na Bond Street. Não fazia ideia a que horas começava a reunião e, quando chegou, o serviço ia a meio. Sem perturbar ninguém e praticamente sem ser notada, sentou-se num lugar que, por acaso, estava vago. A assistência escutava com muita atenção a clarividência de Estelle.

Mal a médium terminou a mensagem que estava a transmitir, dirigiu-se à Sra. Du Bran, descreveu o marido e disse que ele não estava há muito tempo no mundo espiritual. A princípio, a recém-chegada não acreditou que a comunicação fosse destinada a si. Imaginava que era preciso ser espiritualista para receber uma mensagem. Mas a médium continuou a fornecer mais detalhes sobre a passagem do marido, dizendo que morrera em circunstâncias algo trágicas, com idade aproximada de 60 anos. "Está cheio de mágoa e tristeza", disse à desconhecida. "Quer voltar para si para pôr as coisas em ordem. Está infeliz."

Depois da reunião, a Sra. Du Bran declarou que foi a afirmação da Estelle — de que o marido estava infeliz — que a impressionou. "Se a médium tivesse dito que ele estava feliz", afirmou, "eu teria saído daquele salão sem sequer ficar interessada. Eu sabia que ele não podia estar feliz."

Mas a médium prosseguiu transmitindo as palavras do marido: "Diz à minha mulher que falhei com ela no fim. Lamento ter saído quando saí. Estou a fazer tudo o que posso, deste mundo, para pôr as coisas em ordem." Insistiu para que a médium perguntasse à esposa se ela o perdoava pelo que fizera.

"Sim, eu perdoei-o", respondeu a Sra. Du Bran. Mais tarde, explicou que o marido, por bondade, cometera uma indiscrição que, por sua vez, a afetara. A preocupação dele com o incidente apressara a sua passagem. Quando a Sra. Roberts disse que o morto segurava uma carta, a Sra. Du Bran disse que entendia o significado. "Ele diz", continuou a sensitiva, "que desejava poder escrever outra carta com o sangue da sua vida para apagar aquela. Você fez tudo o que estava ao seu alcance por ele; e ele fez exatamente o contrário por si."

A Estelle disse que a cabeça do marido fora afetada antes da sua passagem. Esta afirmação foi reconhecida como verdadeira.

Enquanto falava, a médium acariciou a própria cabeça com os dedos, indicando que se tratava de um dos maneirismos dele. “Sofreste por causa daquela pobre mente e da sua ignorância”, disse à Sra. Du Bran. “Mas agora deste-lhe esperança. ‘Diz-lhe para ser feliz’, diz ele. ‘Eu sei quanto sofreu. Se eu pudesse ao menos beijar a bainha da sua veste e desfazer tudo o que fiz, fá-lo-ia de bom grado.’”

Quando a mensagem psíquica terminou, a Sra. Du Bran declarou espontaneamente: “O que me disse é absolutamente verdade.” As palavras da médium, dirigidas a uma completa desconhecida, mudaram todas as suas ideias preconcebidas acerca do além.

CAPÍTULO XIII
“SERMÕES EM PEDRAS”

“Eu sou parte de tudo quanto encontrei”, escreveu Tennyson. Quão verdadeiras são as palavras do poeta, pois ficamos indelevelmente marcados por cada contacto que tivemos e por cada associação que formámos. O sopro de cada experiência surge no espelho da nossa consciência. Embora invisível ao olhar não psíquico, cada um de nós possui uma aura que irradia do corpo físico. A auréola, ou nimbo, de uma pessoa santa, tantas vezes retratada na arte, é uma impressão da aura.

A cor e a qualidade da aura de um indivíduo podem alterar-se temporariamente quando certas emoções se despertam. As radiações áuricas são visíveis para alguns sensitivos, que conseguem colher delas incidentes e experiências da história de uma pessoa. Este facto não tem de estar necessariamente ligado à Sobrevivência Provada. É possível a uma médium receber certas impressões psíquicas inteiramente sem auxílio dos mortos.

Como a chamada matéria sólida é, na realidade, um conjunto de radiações, segue-se que objetos inanimados, tal como os seres vivos, possuem a sua própria gama de vibrações. Os artigos materiais retêm a impressão dos contactos que com eles se estabeleceram. O anel que usaste, o relógio que trouxeste, o livro que manuseaste — tudo isso fica marcado pela impressão da tua personalidade. Mas a profundidade ou o grau da impressão que deixaste depende de muitas razões diferentes. Compreender-se-á que alguns psíquicos conseguem "sintonizar-se" nas vibrações de um objeto inanimado e dar um relato exato da história do objeto. Podem também descrever as experiências dos indivíduos que estiveram associados a ele.

Quando um artigo pertenceu a várias pessoas, aqueles que mais o manusearam são, normalmente, os que deixam as vibrações mais fortes. Mas nem sempre é assim. Uma tragédia, ou uma grande experiência emocional de um dos proprietários, pode deixar uma vibração tão forte que todas as outras se tornam indistintas para a médium. A delineação psíquica obtida por impressões recebidas de objetos inanimados é conhecida como psicometria, e a mediunidade da Estelle Roberts neste domínio é altamente desenvolvida.

Em demonstrações de psicometria, os membros da assistência entregam aos porteiros diferentes objetos. Os assistentes dão-lhes senhas numeradas e duplicados desses números são anexados aos artigos. A médium, naturalmente, não recebe qualquer informação prévia, não conhece os donos dos objetos nem quaisquer pormenores sobre os artigos recolhidos. Tampouco os objetos lhe são passados antes da leitura.

Numa demonstração realizada na Golders Green Spiritualist Society, os artigos a psicometrizar incluíam anéis, relógios, luvas, contas e colares. Foram colocados em mesas diante da Sra. Roberts. Anunciando o número da senha presa a uma pedra plana

escolhida da mesa, a Estelle disse: “Espero que a pessoa a quem pertence esta pedra conheça a sua história. Veio de muito longe. Em tempos fez parte de um mosteiro ou templo. A pedra é muito antiga. Vejo ligada a ela a morte — o pisoteio de pés e condições de sangue. Mais de uma pessoa sofreu. Estou certa?”

O membro da assistência que fornecera a pedra respondeu que essas condições eram exatas, embora a pedra fizesse parte de um velho castelo.

“Foi retirada da alvenaria”, disse a Estelle. “Sim”, respondeu o proprietário, “eu próprio a retirei do centro da parede.”

A médium continuou: “Originalmente, havia um arco no topo da parede. O edifício de que isto foi tirado teria centenas de anos. Travaram-se ali muitas batalhas. Vejo armaduras de aço e elmos. Vejo uma brecha na parede. Agora a parede está a ser lascada por canhões. Há cadáveres no chão. Perto daí deverá existir um grande curso de água.” A Estelle fez uma pausa: “Tem também outra pedra?”, perguntou.

“É perfeitamente verdade”, veio a resposta.

A Sra. Roberts acrescentou que as duas pedras tinham sido conservadas juntas. A partir das vibrações do objeto que segurava, conseguiu recompor a história da segunda pedra. Tivera, ao princípio, a impressão de um mosteiro ou capela. Obviamente, referia-se à outra peça, pois a médium disse: “A segunda peça formava parte de uma antiga capela, noutro local. Vejo que, em certa época, pessoas reais ficaram hospedadas no castelo. Um membro chegou mesmo a desaparecer. Junto do lugar da pedra havia uma seteira, usada como óculo, e por onde também se disparavam flechas.”

O proprietário exclamou, excitado: “Retirei essa pedra de um castelo real no Norte do País de Gales que se diz ser o local de nascimento do Príncipe Llewellyn.”

A Estelle passou então a dar a história de outro objeto escolhido da mesa, desta vez um broche. “Este broche foi usado por duas pessoas”, disse. “Foi preso a uma almofada de veludo escuro. Uma das utilizadoras costumava prendê-lo numa bonita peça de renda, franzida à volta do pescoço. Vejo também alguém a estudar profundamente. Capto uma mente que pondera tudo a fundo, uma pessoa que está a iniciar-se no Espiritualismo e que atravessa agora um estado mental agitado, puxado em duas direções!”

Uma pessoa da assistência respondeu que a interpretação era correta. Disse que o broche pertencia tanto à irmã como a si. A Sra. Roberts perguntou então se ela tinha consciência de possuir dons de cura. “Já mo disseram”, veio a resposta. A médium referiu o facto de a destinatária da mensagem ter o hábito de usar o broche à cintura. “Quando te baixas para apertar os sapatos”, disse, “lembras-te de súbito de que o podes partir.” A dona anuiu que era verdade. Apenas uma semana antes o pensamento voltara a assaltá-la enquanto apertava os sapatos.

“Este broche esteve numa gaveta com uma luva branca pousada por cima”, disse a psicometrista. “Vejo também, na almofada onde foi preso, um trabalho com missangas. Onde está a correntinha que costumava andar com ele?”

“Parti-a”, foi a resposta.

Explicando que não sabia muito sobre joalharia, a médium disse que podia afirmar que a pedra do broche era verdadeira e que viera de França. A dona disse que sabia que a pedra viera do estrangeiro. A Sra. Roberts acrescentou que o broche estivera pousado contra uma cruz de marfim e também perto de um

camafeu antigo de prata. “A cruz é da minha irmã, e o camafeu é meu”, esclareceu a dona. “Contra o cabelo de quem esteve pousado o broche, numa pequena caixa?”, perguntou a Estelle. “Do cabelo da minha sobrinhazinha”, respondeu a dona.

Relatando as suas impressões ao manusear um relógio, a Sra. Roberts afirmou que recebia duas condições do relógio, que, disse, estivera associado a tempos atribulados. Um dos seus donos passara para o Além. Fora possuído primeiro por um homem, depois por uma mulher e, por fim, por outro homem.

“Não é usado há muito tempo”, declarou a Estelle. “Capto um caráter notável. O atual dono do relógio é alguém muito paciente e que, em certo momento, passou por dois grandes choques. De quem é este relógio?”

“Meu”, respondeu um membro da assistência, “e tudo o que diz é perfeitamente verdade.”

“Sabe que o proprietário passou por uma grande tragédia?”, perguntou a médium.

“Sei.”

“Sabia que ele compareceu em tribunal, onde alguém lutava pela vida, e deu um testemunho que foi o ponto de viragem?”

“Sei que esteve em tribunal.”

“Um dos donos sofreu um acidente muito grave”, prosseguiu a médium. “Este relógio tem entre 85 e 90 anos. Conhece o rapaz novo que agora o usa?”

“Conheço.”

“E conhece a senhora que o trouxe ao pescoço, numa correntinha fina?”

“Claro que conheço; fui eu que lho dei.”

“Sabe que este relógio esteve num lenço de cores dobrado, junto de uma pequena navalha de fecho?”

“Sim, sei.”

“O que aconteceu à moeda que costumava estar presa ao relógio?”, perguntou a Estelle.

“Tenho-a eu agora”, foi a resposta. “Está na correntinha fina.”

A médium referiu-se então ao facto de que, quando o relógio foi dado ao membro da assistência, o vidro estava rachado e, por consequência, foi colocado outro. Certa vez, o relógio foi extraviado e mais tarde encontrado entre as capas de um livro. “Antes disso,” disse Estelle, “costumava estar dentro de um livro comprido e retangular. O livro tinha capa vermelha.” “Tudo isso é perfeitamente verdade,” disse a pessoa que apresentara o relógio para psicometria.

Noutra demonstração do mesmo dom, a Estelle escolheu um anel de entre vários artigos. Descreveu a grande antiguidade do anel. A pessoa na assistência a quem o artigo pertencia negou essa afirmação. Disse que, bastante casualmente, “apanhara” o anel numa lojinha de bugigangas sem importância em Islington. Segundo a descrição da médium, o anel era valioso e o seu valor teria sido reconhecido por peritos muito antes de chegar à pequena loja. Mas a Estelle insistiu que a pedra do anel era muito antiga, embora a armação fosse moderna. “Vá verificar o que lhe disse,” aconselhou a proprietária.

O artigo foi então levado ao Museu Britânico, onde a opinião especializada confirmou a exatidão das impressões psíquicas da Estelle.

“Deu-me uma leitura maravilhosa de um anel com escaravelho,” escreveu mais tarde à Sra. Roberts a proprietária,

Edith Peck. “Prometi informá-la do resultado da minha visita ao Museu Britânico para saber quando o anel existira pela primeira vez. Lembra-se de eu lhe ter dito que estava sob a impressão de que o anel era moderno. Confirmaram a sua afirmação de que o ouro era moderno, mas não a pedra.

“A pedra pertence ao ‘Médio Império’, de 1700 a 1800 a.C. Fizeram-se muitas na época e eram enterradas com as múmias. Os hieróglifos na base são flores de lótus. Tinham então um significado sagrado. O anel era um escaravelho autêntico. É espantoso que tenha conseguido obter tal imagem da múmia, pois reparei em várias fotografias na galeria egípcia semelhantes à sua descrição, e eram da data acima; o cabelo em rolos ao lado do rosto era como descreveu. Penso que, se a pedra tivesse pertencido a um rei, o seu nome estaria inscrito na base do anel, mas provavelmente tem razão quanto ao sacerdote.

“O que eu gostaria de saber é como foi parar a uma lojinha de ourives em Islington. Os seus poderes são realmente maravilhosos. Ouvi muitas vezes as suas descrições de artigos e fiquei muito emocionada por, desta vez, ter sido brindada com uma leitura.”

Se a proprietária deste anel não se tivesse dado ao trabalho de seguir o conselho da médium para verificar a sua descrição, teria ficado com a impressão de que a Sra. Roberts estava inteiramente errada. A sua visita ao Museu Britânico valeu bem a pena.

A psicometria é muito útil e prestável nos casos em que o consulente não pode, pessoalmente, visitar a médium. Enviando um artigo usado ou trazido por alguém que passou, a psíquica pode, a partir das emanações do objeto, “ligar-se” ao proprietário falecido. A clarividência, nestas circunstâncias, pode ser muito probatória e impressionante. Até o papão do cético — a “telepatia

entre médium e consulente" — cai por terra nestas circunstâncias, como em tantos outros casos.

Um dia, o meu marido recebeu uma carta de uma completa desconhecida, a Sra. Rachael Berry, da Owen Street, Burnley. "Sou viúva com a tenra idade de 24 anos," escreveu. "Perdi o meu querido marido após partilharmos oito meses de feliz vida conjugal. Estou absolutamente desesperada por ouvir algo sobre ele, pois tenho a certeza de que isso me ajudaria imenso a suportar esta pesada cruz. Espero que me ajude, porque me sinto tão desesperadamente só. Se ao menos eu pudesse falar com ele ou receber uma mensagem, ficaria tão aliviada. Amei-o tanto. Morreu há dois meses, com a tenra idade de 26 anos."

A carta, assinada "sua na dor", mencionava também que o falecido usava um micrómetro no seu trabalho, que se partiu uma hora antes de ele terminar o dia. Nunca mais voltou a trabalhar.

Embora o meu marido, em regra, não possa tratar de pedidos pessoais desta natureza — seria incapaz de lidar com as hordas de pedidos semelhantes que daí resultariam —, sentiu-se particularmente tocado pela dor da missivista. Escreveu, por isso, à Sra. Berry e pediu-lhe que lhe enviasse o micrómetro do falecido, dizendo que tentaria obter uma delineação. "Isto é apenas uma experiência," avisou-a, "e não se podem garantir resultados." Poucos dias depois, o micrómetro chegou num embrulho contendo outras "miudezas", como lhes chamou a Sra. Berry.

Pediu-se à Estelle Roberts que psicometrizasse esses objetos. Não foram fornecidos pormenores e nada se mencionou que lhe desse a menor indicação das circunstâncias envolvidas. Informou-se apenas a médium de que talvez pudesse prestar auxílio a uma mulher em aflição. Isso bastou para suscitar a pronta simpatia de Estelle. Psicometrizou os artigos e enviou um relato detalhado das

suas impressões. Esse registo foi então remetido a um representante do *Psychic News*, que visitou a Sra. Berry em sua casa, no Lancashire. Importa salientar que a Sra. Berry não conhecia Estelle Roberts, nem jamais haviam trocado correspondência.

Quando o repórter terminou de ler as notas da médium, a Sra. Berry manifestou a sua satisfação. Disse espontaneamente que ela e o marido trabalhavam ambos na mesma fábrica. Um dia, ele disse-lhe: "Tenho más notícias, parti o meu 'mike'." O micrómetro estivera na sua posse desde que começara a trabalhar, ainda aprendiz. Os esforços da esposa para o confortar não tiveram êxito.

Mais tarde, no mesmo dia do infortúnio, Berry queixou-se de dor de cabeça. Ao meio-dia, o seu estado agravou-se de tal modo que foi chamado um médico. O doente foi enviado para o hospital, onde o seu estado foi diagnosticado como febre cerebroespinal. Três dias após partir o "mike", faleceu. O acidente preocupou-o tanto que, mesmo durante a breve doença fatal, tentou reparar o instrumento danificado.

No momento em que a Estelle Roberts pegou no micrómetro, apercebeu-se de que o morto, que, ao mesmo tempo, se mostrava clarividentemente, usara o instrumento e que, de algum modo, estava associado à sua morte. "Ele parece estar algo confuso e ressentido com a sua passagem," disse a médium. "Todo o seu estado é o de alguém que não quis deixar a Terra, pois tinha tanto por que viver. Tem dificuldade em se ajustar no Outro Lado. Diz que está casado há pouco tempo."

A Sra. Berry escrevera ao meu marido que estavam casados havia apenas oito meses — facto que, naturalmente, não fora comunicado à médium. Referindo-se a um dos pacotes enviados com o micrómetro, a Estelle repetiu que "a caixinha continha um

craveiro que ele usou no dia do casamento". A Sra. Berry confirmou isso e outros factos sobre a sua passagem que a médium forneceu. A Sra. Roberts expressou a ansiedade do falecido em comunicar com a esposa, para a fazer compreender que ainda estava junto dela.

"Ele não pára de levar a mão à cabeça," declarou Estelle.

"Também recebo a impressão de que se magoou antes de falecer."

Estes relatos eram exatos, disse a Sra. Berry. A febre afetara a cabeça do marido; ele levava constantemente a mão à cabeça. Enquanto esteve doente, caiu repetidamente da cama e, em consequência, ficou com o rosto e as mãos muito magoados.

A Sra. Roberts obteve uma série de nomes: "John, que pode ser chamado Jack; Lily ou Nellie; Jim, Tom e as iniciais 'R.B.'" As iniciais eram as da esposa — Rachael Berry. Tom era o nome do pai dela. Ele e o marido tinham grande afeição um pelo outro. Jim e Lily eram amigos que estavam a tomar conta do cão do falecido. John era um grande amigo que passara depois da morte de Berry e cujo corpo jazia no jazigo contíguo ao do marido dela.

"Ele diz que está muito perto de um aniversário," escreveu a médium nas suas notas. Este facto também foi confirmado pela Sra. Berry. A médium referia-se ao aniversário do marido. Quando o repórter leu as palavras da médium: "Este jovem ainda não consegue fixar os seus pensamentos devido à emoção; o seu grande desejo era ter ficado na Terra," a Sra. Berry compreendeu plenamente. Ele manifestara-se muito melhor do que ela esperara, pois fora católico romano e algo avesso ao Espiritualismo.

Para além de suavizar a dor de uma mulher desconhecida, a magnífica psicometria da Estelle ajudara a aliviar a ansiedade do falecido em chegar até à esposa. Nessa altura, talvez precisasse do

apoio e do encorajamento dela mais do que nunca. Se está hoje mais resignado à sua passagem, não sei; não quero adornar os únicos factos de que disponho. Mas estou certo de que terá aprendido que, no mundo espiritual, há oportunidades para todos os indivíduos seguirem as suas vocações e interesses. O trabalho que amou na Terra pode ser continuado com entusiasmo ilimitado na sua nova vida.